Beck explica suas ligações perigosas com a MPB

SHOW

EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA

BiZZ

15 anos

5561/1 EDIÇÃO 177 ANO 15 Nº 4 ABRIL 2000 R$ 5,00

Marcelo Bonfá
fala tudo sobre seu primeiro álbum solo

Reportagem especial
A incrível trajetória do maior guitarrista brasileiro de todos os tempos

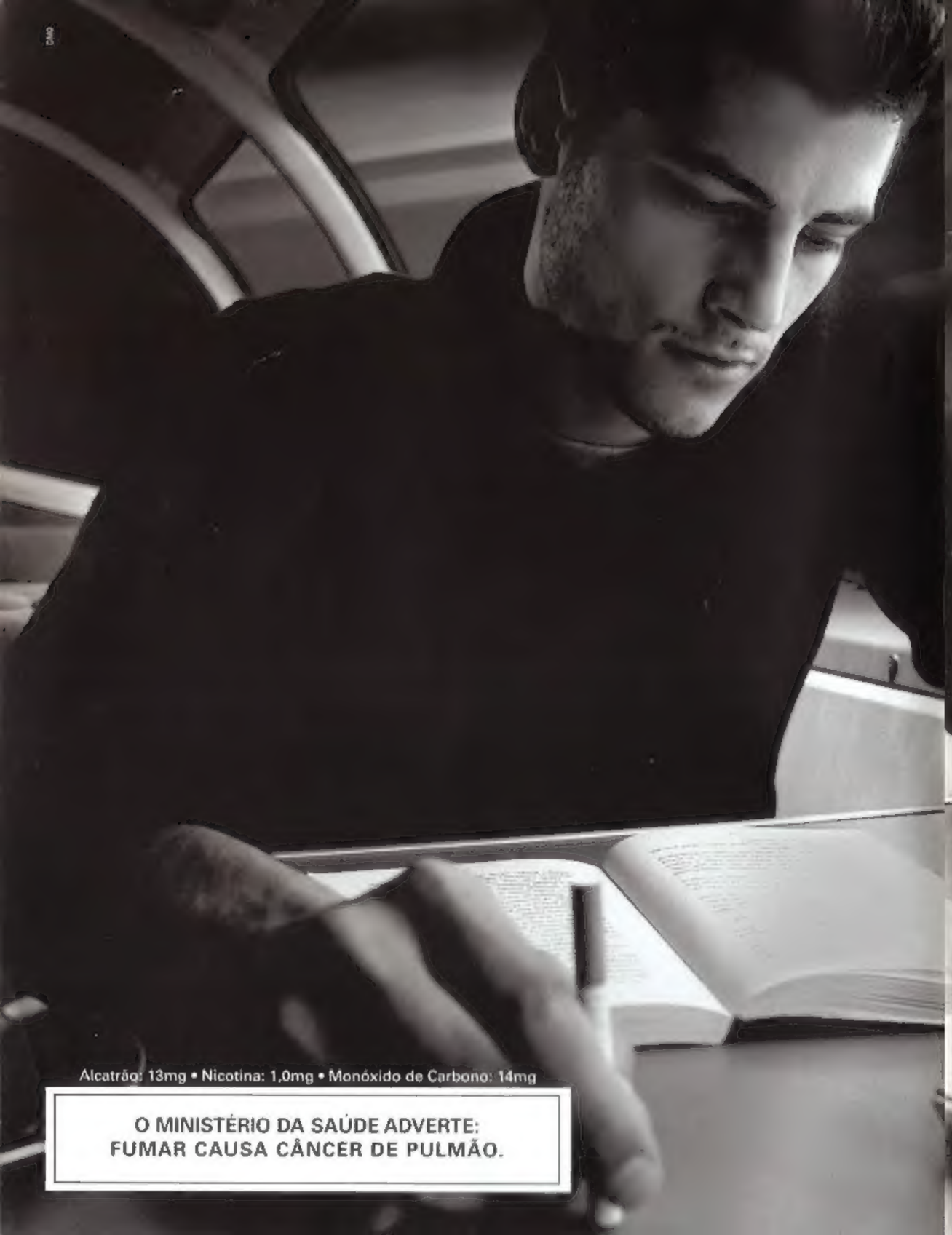
Bono Vox
Cinema e disco novo no ano de ouro do U2

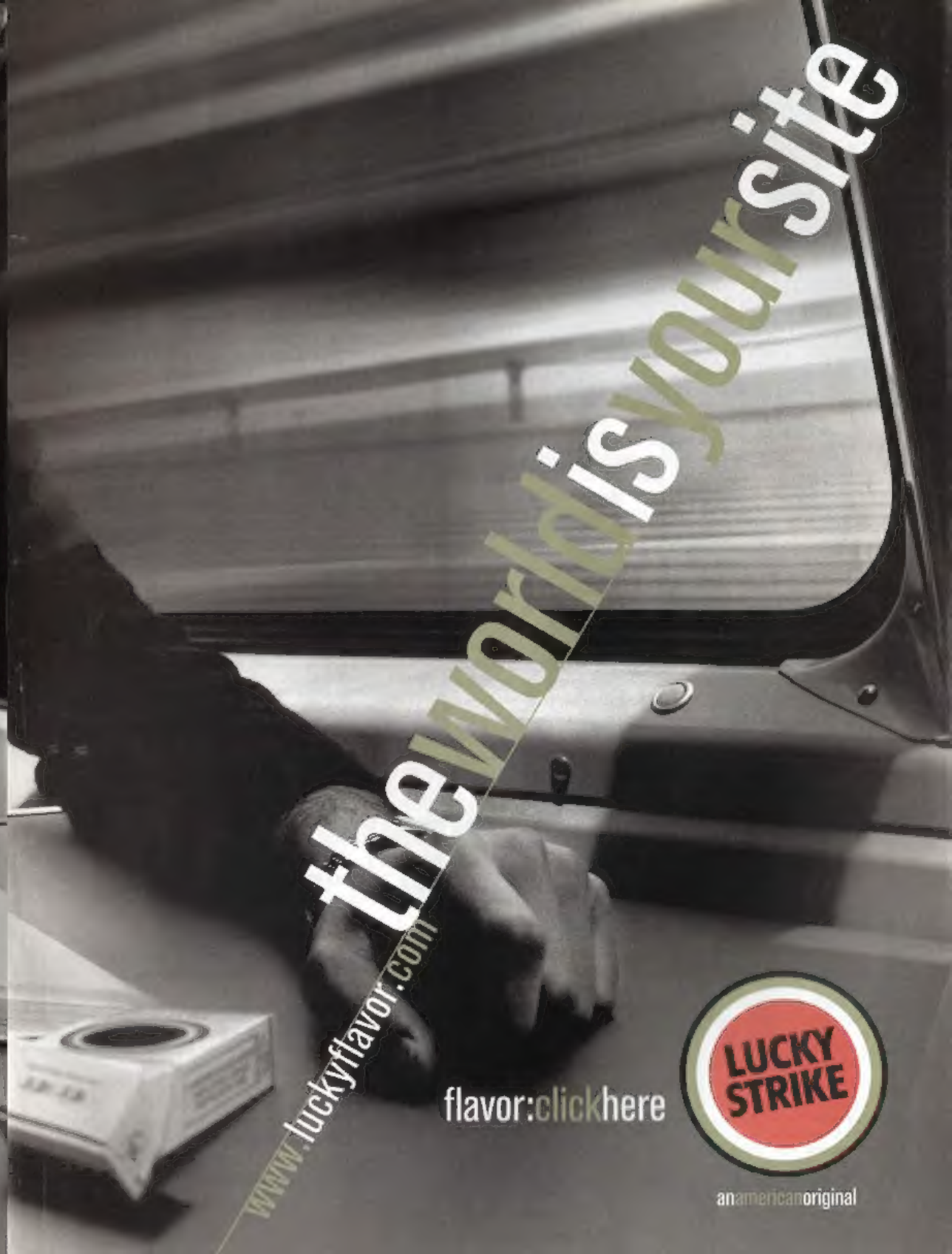
Blondie • Mutantes • Janis Joplin

www.uol.com.br/showbizz

ISSN 0104-1649

9 771041 649007 00177


Alcatrão: 13mg • Nicotina: 1,0mg • Monóxido de Carbono: 14mg
O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR CAUSA CÂNCER DE PULMÃO.


the world is your site
www.luckyflavor.com
flavor:clickhere
LUCKY STRIKE
anamericanoriginal

Editorial&Sumário

Como diria Caetano, o U2 vive "ano sim": trilha sonora e CD de carreira

Tal uma edição para você descobrir com a avidez de um bravo e fedorento navegante luso. Começando por Belém do Pará, onde viceja uma "cena" que realmente justifica o uso da importada e habitualmente cretina expressão. Entre a brasileirice e a bizarria, entre o genial e o cafajeste – e o genialmente cafajeste –, situa-se uma penca de artistas amazonicamente criativos que o Brasil começa a captar. Em alguns casos, captar novamente: Frankito Lopes, por exemplo, freqüentou bastante o galante programa de Edson "Bolinha" Cúri nos anos 80.

Outro porto acolhedor para você, leitor, é a entrevista que fizemos com Nelson Motta, um dos inventores do pop brasileiro. Ninguém melhor do que ele para iluminar um obscurantismo agressivo que grassa entre as cabeças de formadores de opinião e parte do público.

À página 40, bela reportagem de Luciano Marsiglia nos conta o que foi feito de Lanny Gordin, um músico genial que carece de reconhecimento – e de redenção. Como bem sabem Bono, Wim Wenders, Beck, a torcida do América do Rio e outros anjos caídos, da alma à lama se desce em apenas um erro de digitação.

Aquele abraço e 500 anos de novas chances para todo mundo,
Pedro Só

22 Só música é pouco
O U2 inicia sua mais ambiciosa incursão pelo cinema, com Bono Vox assinando a trilha sonora, o roteiro e a produção do filme *The Million Dollar Hotel*

30 Testemunha ocular e auditiva
Nelson Motta, autor do livro *Noites Tropicais*, fala sobre seus mais de 30 anos de envolvimento com a música pop brasileira

36 Além dos tributos
Finalmente, um ex-legionário dá o ar de sua graça com disco novo: Marcelo Bonfá, que está lançando *O Barco Além Do Sol*

40 Um herói na contramão
Conheça Lanny Gordin, o guitarrista por excelência da Tropicália e gênio do instrumento, hoje tocando para meia dúzia de gatos pingados

46 Quero ser neguinha
Beck, amante confesso da música brasileira, garante que virá ao país ainda neste ano e realizará seu grande sonho, gravar com Caetano Veloso

48 Admirável mundo brega
O Pará vive em seu universo musical paralelo, com suas estrelas, seus hits e seu circuito de shows. O assunto? Maridos traídos, desilusões amorosas...

56 Sem estresse, sem depressão
Autoramas, promessa do novo rock brasileiro que chega ao disco por uma grande gravadora

sempre em showbizz

10 Bizzes
Entrevista com Chris Stein, do Blondie; João Gordo

58 10 Discos
Entenda o contagiante som que sai da ilha de Fidel

60 Minha Coleção
Fábio Massari, da MTV, mostra as esquisitices que fizeram sua fama de alternativo

65 Crítica
O disco "perdido" do Mutantes; os novos do Cure e do Inocentes; pacotes de Bezerra e Cocteau Twins

76 Ao Vivo
Travis, William Reid e Rec Beat

82 Discoteca Básica
Searching For The Young Soul Rebels, do Dexy's Midnight Runners

Parada da redação

Esta edição foi fechada ao som de...

Casseta & Planeta – *Para Comer Alguém*
Lançado pela Velas, o segundo LP da trupe de Bussunda é um diamante fora de catálogo. Destaque para a fina poesia de "Dois Cus": "dois cus apaixonados, caçapas de ilusão".

Gerson King Combo – *Volume II*
A pirataria cumpre um papel cultural importante trazendo para CD o segundo LP do soulman carioca com duas faixas-bônus impagáveis: "Melô Do Hulk" e "Melô Do Pagamento", a do "pay day".

Luna – *The Days Of Our Nights*
A banda novaiorquina mais melancólica da atualidade volta com um disco triste, mas com bons momentos. E que fecha com uma versão maravilhosamente desleixada de "Sweet Child O'Mine".

MC 5 – *The Big Bang! Best Of*
Quem não gosta de rock garageiro precisa pelo menos ouvir essa recente coletânea gringa com 21 clássicos da banda de Wayne Kramer para aprender um pouco sobre a história do rock.

Cartas

Jah cansou

Simplesmente demais a crítica sobre o CD de Bob Marley, *Chant Down Babylon* (edição de fevereiro). Lendo o tal texto dois dias após o aniversário de Bob Marley, percebi, graças a Jah, que não sou a única que acha que ele está sendo vítima do capitalismo musical inveterado que ronda os dias de hoje, emprestando seu talento para outros abusarem. O pior é que eu estava justamente procurando alguma coisa nova do mestre e me deparei com esse álbum de duetos, que "forçou a amizade". É triste saber que alguém pense que, por Marley estar morto fisicamente, possa abusar de seu brilhante legado. Chego à conclusão de que algumas carreiras é que estão morrendo, por isso são feitos esses discos. Eu apenas lamento.

Patricia Forner – São Paulo, SP

Bob Marley e seu legado devem ser poupados pelos picaretas, reclama leitora

Sipa Press

Dor de Korn

Nossa!!! Mas que Emerson Gasperin é esse que deu nota 5 para *Issues*, novo disco do Korn? O cara não bate bem. Seus comentários não fazem muito sentido. Parece que esqueceram de dizer para ele que Korn não é heavy metal. Korn é um novo estilo, é diferente mesmo. Suas músicas não têm como objetivo fazer balançar a cabeça do início ao fim. Também nunca vi avaliar a qualidade de uma música com base nesse aspecto. Escolheram a pessoa errada para avaliar esse CD. Ele parece ser um amante do heavy metal, não absorveu bem a idéia do novo estilo.

McBrite Huston Gomes – Ipatinga, MG

Até que enfim! Parabéns ao crítico Emerson Gasperin por colocar o "bola da vez" Korn em seu devido lugar: no último vagão lotado do meia-boca alternametal (o terminho bobo combina com o estilo). Para os fãs de Korn, uma dica: corram atrás do álbum *King For A Day, Fool For A Lifetime*, do Faith No More, e descubram que Mike Patton é tudo o que Jonathan Davis gostaria de ser!!!

Jander Duarte – Taguatinga, DF

Viva Los Hermanos!

Resolvi escrever este e-mail para falar de uma das promessas do ano 2000. Conheci Los Hermanos por meio de um CD que veio junto com uma edição da SHOWBIZZ, muito antes de "Anna Júlia" tornar-se o hit chiclete do verão. Por influência desta música, fui assistir a uma apresentação deles em Salvador, imaginando que fosse um show todo no "estilo Anna Júlia" (possivelmente, a expectativa de 90% dos que estavam ali). Mas o que encontrei foi algo mais. Uma banda como há muito não se via. Comprei o CD, uma mistura de ska, com hardcore, com brasilidade, com rock, e falando de amor sem se parecer com Fábio Júnior. Uma banda que não se assemelha a nenhuma outra (difícil hoje em dia), um dos melhores CDs que ouvi nos últimos anos.

Laura Araújo – Brasília, DF

Leitores e ignorantes

Mais uma vez pude comprovar a ignorância da maioria dos leitores da SHOWBIZZ. Eleger como melhores do ano gente como Charlie Brown Jr., Raimundos (que provam que, salvo o Pato Fu, os anos 90 foram um lixo no Brasil), Red Hot Chili Peppers e New Radicals, deixando de fora Ira!, Engenheiros (que lançaram ótimos discos), Lobão, Bush, Blur e David Bowie. Mas, por outro lado, gostaria de parabenizar os críticos da revista. Não é puxa-saquismo, afinal, também não concordei com várias escolhas (Beck e O Rappa, por exemplo), mas sim com as matérias e críticas, cada vez mais imparciais e construtivas. Fico por aqui, esperando que ano que vem as escolhas sejam melhores e que Oasis, U2 e Radiohead papem tudo.

Jonas Lopes – Florianópolis, SC

Sobre o Prêmio BIZZ 99, tudo certo. A não ser por aquela bandinha que venceu no quesito Melhor Disco Nacional, tocando cover de "clássico" do Menudo. Que merda é essa? Com tanto disco lançado no ano e o primeiro lugar fica com o *Acústico MTV*, completamente dispensável? Onde estarão a sensatez e o bom gosto desses leitores orelhudos? Aliás, orelhudos e surdos! E o Lobão, com mais de 50 mil discos vendidos de forma independente e sumido da opinião dos leitores, mesmo com single saindo junto a um número da revista? Ainda em tempo, muito bom a SHOWBIZZ estar trazendo sempre, em um ponto ou outro, algo sobre a atual carreira do Lobão. Mas ele já merece uma matéria maior. E, por que não, de capa? Por fim: democracia, sim; lixo, não!

Douglas H. de Araújo – Valinhos, SP

Backstreet Stones

Achei ridículos todos aqueles prêmios da revista *Rolling Stone* para os Backstreet Boys. Claro que é votação dos leitores, mas uma revista com leitores que elegem Backstreet Boys como artistas do ano não deveria ter esse nome, que seja o do grupo Rolling Stones. Os Backstreet Boys não merecem elogios, pois sequer são uma banda. São só vocais e dançarinos, além de que, seja lá quem for que toque pra eles, não é, com certeza, o melhor músico de 1999. O prêmio de melhor clipe... Ridículo. A capa do disco deles não tem nada demais. Melhor álbum, também é ridículo, assim como melhor turnê, artista mais bem vestido (!). Bem, um prêmio idiota desses talvez eles até mereçam mesmo. Melhor site de fã? Deve ser mesmo. As fãs deste grupo de vocalistas medíocres devem mesmo ter feito uma página muito boa, pois são tão fanáticas a ponto de levar em consideração essa categoria.

Tiago Silva Almeida – Macapá, AP

Somos tão jovens...

Onde vocês estavam com a cabeça quando fizeram a capa de fevereiro? Parece brincadeira. Nós não estamos no começo dos anos 90. Este é o ano 2000 e não é aquela gente velha que vai fazê-lo. Essa mancada foi demais.

Maria Regina – São Paulo, SP

Correções

• Na edição de março, página 12, na ficha do Green Day, a música "Walking Contradiction" saiu grafada de forma errada. Na discografia de Heather Nova, faltou seu disco *Oyster* (1995).

• A página virtual de vidas passadas, página 26 (ed. 176), não está mais na rede, por isso alguns leitores não conseguiram acessá-la.

• Muita gente reclamou – de forma não muito polida, em alguns casos – que na matéria sobre Axl Rose (pág. 28) saiu escrito que Dizzy Reed é guitarrista do Guns N'Roses, quando todos sabemos (e já publicamos infinitas vezes) que ele é tecladista. Os responsáveis pelo erro estão ajoelhados no milho, ouvindo "Oh My God" até agora.

• O show do Metallica que ganhou o Prêmio BIZZ aconteceu em São Paulo no dia 8 de maio, diferentemente do que saiu na pág. 39.

• O período certo de medição da Parada SHOWBIZZ de março foi do dia 1º a 31 de janeiro de 2000.

• A leitora Rafaella Antunes, de Nova Iguaçu (RJ), atentou para dois equívocos na letra de "Stacked Actors", dos Foo Fighters, publicada na pág. 79 da revista de janeiro. O primeiro verso da música não se repete, e o último, "when you're just another aging drag queen" (quando você é só mais uma drag queen envelhecida), ficou de fora.

• Na edição 174, uma incorreção na crítica às trilhas de Austin Powers: a faixa "She Comes In Colours", copiada por William Orbit e Madonna em "Beautiful Stranger", pertence ao álbum *Do Capo*, sim. Mas esse é o segundo, não o terceiro LP da banda californiana Love.

COMO CONTATAR SHOWBIZZ

REDAÇÃO
Cartas e e-mails devem trazer nome completo e endereço do leitor

Seção CARTAS
Comentários sobre o conteúdo editorial de SHOWBIZZ

SHOWBIZZ RESPONDE
Perguntas, dúvidas, discografias...

ENTRE LEITORES
Fã-clubes, trocas, vendas e correspondência

E-mail:
showbizz.atleitor@email.abril.com.br
Internet:
www.uol.com.br/showbizz
Correio:
Caixa Postal 66157
CEP 05315-970
São Paulo, SP
Fax: (0__11) 3037-4909

ASSINATURAS
Pedidos ou reclamações, mudança de endereço
Tel.: (0__11) 3990-2112 *(Grande São Paulo)* **Tel.:** 0800 -78-2112 (outras cidades)
Para Assinar:
E-mail: abril.ea@abril.com.br
Tel.: (0__11) 3990-2121 *(Grande São Paulo)*
0800-78-2811 *(outras cidades)*
Fax: (0__11) 3990-2100
(de segunda a sexta-feira, das 8 às 20 horas)

EDIÇÕES ANTERIORES
Mediante disponibilidade de estoque (de segunda a sexta-feira, das 8 às 22 horas)

E-mail: abril.na@email.abril.com.br
Tel.: (0__11) 3990-2200
Fax: (0__11) 3990-2233

PUBLICIDADE
Tels.: (0__11) 3037-6860 e 3037-4281
Fax: (0__11) 3037-4909
Internet: www.publiabril.com.br

EDITORA Abril
Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE E DIRETOR EDITORIAL: Thomaz Souto Corrêa
VICE-PRESIDENTE E EXECUTIVO: Luiz Gabriel Rico
VICE-PRESIDENTE DE OPERAÇÕES E CONTROLE: Gilberto Fischel

DIRETOR DE PUBLICIDADE: Celso Marche
DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL: Celso Nucci Filho
SECRETÁRIO EDITORIAL: Eugênio Bucci
DIRETOR DE SERVIÇOS EDITORIAIS: Henri Kobata
DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS: Marcel Caig
DIRETOR DE PLANEJAMENTO E CONTROLE DE GESTÃO: Mauricio Dabul

SHOWBIZZ

DIRETOR DE REDAÇÃO: Felipe Zobaran
REDATOR-CHEFE: Pedro Só
EDITORES: Emerson Gasperin e Toninho Spessoto
EDITOR DE ARTE: Rodolpho Vasconcellos
EDITORA ASSISTENTE DE ARTE: Maria Marta Teixeira
COORDENADOR DE PRODUÇÃO: Roberto Morgan Lopes
ASSISTENTE DE REDAÇÃO: Ana Paula F. Moreira Santos
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: (TEXTO) Alexandre Matias, André Renato Malvar, Camilo Rocha, Carlos Marcelo, Carlos Eduardo Oliveira, Celso Pucci, José Flávio Júnior, Leonardo Panço, Luciano Vianna, Marcos Bragatto, Silvia D. Sérgio Martins, Valéria Ross., Vladimir Cunha
(FOTOS) Alex Silveira, Anderson Schneider, Dirceu Maues, Marcos Bragatto, Moira Seadon, Pedro Serra, Ricardo Fasanello
(ILUSTRAÇÃO) Felix Reiners, Milton Trajano
(REVISÃO) Solange Monteiro

APOIO EDITORIAL
DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Susana Camargo
ABRIL PRESS: José Carlos Augusto
NOVA YORK: Grace de Souza
PARIS: Pedro de Souza
RIO DE JANEIRO: Débora Chaves

PUBLICIDADE
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Moacyr Guimarães
EXECUTIVA DE CONTA: Marcia Regina Braga
MARKETING
GERENTE DE PRODUTO E PROMOÇÃO: André Felipe D'Amato
ASSISTENTE DE PRODUTO: Fernando Euzébio dos Santos

RECURSOS HUMANOS
DIRETOR DE RH: Marcio Ogliara
PLANEJAMENTO E CONTROLE
GERENTE DE PLANEJAMENTO E CONTROLE: Anto Luis de Iasi

ASSINATURAS
DIRETORA DE OPERAÇÕES DE ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR: Lidia Colavitti
DIRETOR DE VENDAS: William Pereira
DIRETOR ESCRITÓRIO BRASÍLIA: Luiz Edgar P. Tostes
DIRETOR DE PUBLICIDADE REGIONAL: Jacques Ricardo
DIRETOR ESCRITÓRIO RIO DE JANEIRO: Paulo Renato Simões

Abril
PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
GERENTE DA AGÊNCIA: José Augusto Pinto Moreira
Ophir Toledo, Thomaz Souto Corrêa

PRESIDENTE EXECUTIVO: Ophir Toledo

VICE-PRESIDENTES
Geraldo Nogueira de Aguiar
Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal,
Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

www.abril.com.br

ShowbizzResponde

Discografias, fichas biográficas, dúvidas...

Escreva para SHOWBIZZ RESPONDE:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo, SP
E-mail: showbizz.atleitor@abril.com.br

Boletim Dire Straits

O que houve com o Dire Straits? Mark Knopfler ainda é vivo?

Guilherme Júlio Lopes – Rio de Janeiro, RJ

O Dire Straits não existe mais, Guilherme. A banda se dissolveu após lançar o disco ao vivo *On The Night*, em 1995, mas volta e meia fala-se sobre uma possível volta. Quanto a Mark Knopfler, o cinqüentão escocês está vivo, sim, e andou trabalhando em trilhas sonoras para filmes, como *Mera Coincidência* (*Wag The Dog*). Lançou o disco-solo *Golden Heart* e está preparando o sucessor, que deve se chamar *Sailing To Philadelphia* e tem previsão de estar nas lojas em maio. Mark ainda mantém uma banda de country pop, chamada Notting Hillbillies, que já lançou disco e, vez ou outra, se reúne para uns showzinhos. Mais informações sobre Dire Straits e suas ramificações você encontra nos sites www.knopfler.net (oficial, em inglês) e w3.to/dsrc (em português).

Jovens legais

Quero saber o nome dos integrantes e a discografia do Machine Head, que é um grupo em início de carreira, mas faz um som muito legal.

Carolina Campos – São Paulo, SP

Lá vai: Robert Flynn (vocal e guitarra); Dave McClain (bateria); Ahrne Lester (guitarra); Adam Duce (baixo).
A banda americana tem apenas dois discos lançados: *Burn My Eyes* (1994) e *The More Things Change...* (1997).

Maníacos no Brasil

Quais CDs do Manic Street Preachers foram lançados no Brasil?

Cristiane Schwinden – Santo Amaro da Imperatriz, SC

Infelizmente, Cristiane, apenas *This Is My Truth Tell Me Yours*, quinto álbum do Manic Street Preachers, saiu por aqui. Os outros (*Generation Terrorists*, *Gold Against The Soul*, *The Holy Bible* e *Everything Must Go*) seguem inéditos.

Blues texano

Vocês poderiam me arrumar a discografia do guitarrista Stevie Ray Vaughan?

Alexandre Davi dos Santos – Sorocaba, SP

Texas Flood (1983); *Couldn't Stand The Weather* (1984); *Soul To Soul* (1985); *Live Alive* (1986); *In Step* (1989); *Family Style* (com Jimmy Vaughan, 1990); *The Sky Is Crying* (1991); *In The Beginning* (1992); *Greatest Hits* (1995); *Live At Carnegie Hall* (1997); *In Session* (com Albert King, 1999); *Blues At Sunrise* (2000).

O baixista Noel

No videoclipe de "Go Let It Out", do Oasis, qual dos novos integrantes participa, Gem ou Andy Bell?

Alexandre Tavares – Olinda, PE

Baixista e ex-guitarrista do Ride, Andy Bell ainda não era oficialmente um membro do Oasis quando o clipe de "Go Let It Out" foi feito. Portanto, quem aparece tocando guitarra nas cenas é Gem, ao lado de Noel Gallagher, que improvisa no contrabaixo.

Casal domingão

Gostaria de saber como anda o conjunto londrino The Sundays, que lançou três CDs (o último, *Static And Silence*, em 1997) e anda sumido. Eles ainda existem ou acabaram?

Ricardo Gomes – São Paulo, SP

Sumir é com David Gavurin e Harriet Wheeler, casal que lidera o Sundays. Eles, que nunca foram chegados a fazer turnê, fizeram pouco esforço para divulgar *Static And Silence* e estão em recesso desde o final de 1998. Para se manter informado sobre alguma novidade que possa pintar sobre os britânicos, tente o site www.huan.com/sundays

O casal David e Harriet (ao centro): preguiça folk/power pop

Preciosos

Gostaria de saber se os novos álbuns de Supergrass (*Supergrass*), Travis (*The Man Who*) e Frank Black (*Pistolero*) serão lançados no Brasil.

João Vasconcelos – Fortaleza, CE

Infelizmente, nenhum dos três tem previsão de lançamento no Brasil. Em relação ao Travis, porém, ainda resta uma esperança. Quem tiver grana para importar, pode tentar em lojas como a Velvet CDs, de São Paulo (tel. 11 221-8947, velvetcds@model.com.br), que entrega em todo o país.

Ficha: MIDNIGHT OIL

A pedido do leitor **Alexis Peixoto**, de Natal, RN

A Austrália ativista representada pelo Midnight Oil

Importância

Impulsionados pelo movimento punk que fervilhava do outro lado do mundo, os australianos do Midnight Oil desenvolveram um estilo próprio. Com som e letras políticas, que renderam comparações com o Clash, a banda sempre se destacou por fazer apresentações ao vivo cheias de energia, sob o comando do vocalista Peter Garrett, um careca altão. Ambientalismo e conservação são freqüentemente tratados nas canções, o que os aproximou de entidades como Greenpeace e Tibet Council, muito antes de algum "beastie boy" descobrir o budismo.

Biografia

O Midnight Oil surgiu em 1976, quando o baterista Rob Hirst e os guitarristas Martin Rotsey e Jim Moginie, que já tocavam sob o nome The Farm, colocaram anúncio num jornal procurando vocalista e um estudante de Direito respondeu. Era Peter Garrett. Com o baixista Andrew "Bear" James completando a formação, o grupo caiu na estrada, chamando a atenção de várias gravadoras, mas não acertando contrato com nenhuma. A saída para lançar o primeiro disco foi montar um selo, o Powderworks. Gravado ao longo de dez dias, a estréia em vinil do quinteto foi promovida em eventos anti-minas de urânio e pela salvação das baleias. O segundo, *Head Injuries*, de 1979, conseguiu disco de ouro na Austrália nesse mesmo esquema. A ida para uma grande gravadora tornou-se inevitável, e o Midnight Oil invadiu a década de 80 emplacando discos nas paradas de sucesso americanas. Em 1984, Peter Garrett tentou uma vaga no senado de seu país, filiado a um partido a favor do desarmamento nuclear. Perdeu as eleições, mas sua banda ganhou um hit no mesmo ano, a maravilhosa "Best Of Both Worlds". Comercialmente falando, os álbuns melhores sucedidos do MO foram *Diesel And Dust* (1987) e *Blue Sky Mining* (1990), de onde foram extraídos singles como "Beds Are Burning", Forgotten Years", "Blue Sky Mine" e "King Of The Mountain, para citar alguns. No final da década de 90, após um bom disco ao vivo e dois de estúdio pouco inspirados, tentaram reinventar seu som com o quase eletrônico, pesado e excelente *Redneck Wonderland*, de 1998, que foi um fracasso comparado ao que o grupo já vendeu e ao que seus discos considerados clássicos continuam vendendo.

Discografia

Midnight Oil (1978); *Head Injuries* (1979); *Bird Noises EP* (1980); *Place Without A Postcard* (1981); *10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1* (1983); *Red Sails In The Sunset* (1984); *Species Deceases EP* (1985); *Diesel And Dust* (1987); *Blue Sky Mining* (1990); *Scream In Blue Live* (1992); *Earth And Sun And Moon* (1993); *Breathe* (1996); *20,000 Watt R.S.L.* (coletânea, 1997); *Redneck Wonderland* (1998).

www.miragemusic.com.br

Você nunca ouviu uma página tão grande.

Procurar o CD que você quer ficou mais divertido. E mais barato. Agora a Mirage Music, maior loja de CDs e DVDs da América Latina, tem a melhor página de compras da Internet: www.miragemusic.com.br. Lá você encontra rock, pop, techno, reggae, ska, trash, punk, world music, new age, mpb, blues, jazz, clássico, tudo, tudo mesmo. Até aquelas raridades impossíveis de achar. Visite nosso site. Você nunca ouviu nada igual na Web.

10% de desconto em qualquer produto.

Desconto de R$ 1,50 no frete para qualquer lugar do Brasil.

Pagamento com cartão de crédito ou depósito bancário.
*Promoção válida apenas para compras realizadas pela Internet

R. Iguatemi, 244 • São Paulo SP
0800 164 055
www.miragemusic.com.br
Aberta de segunda a sábado, das 10h às 22h
Domingo das 14h às 20h

MIRAGE MUSIC
A maior loja de CDs da América Latina

Bizzes

Grecin 2000

Chris Stein, guitarrista e cabelos grisalhos do Blondie, fala sobre futuro e devoção

Chris Stein e a profecia do João Penca: "E todos eles também vão ser new wave..."

"*Livid*, recém-lançado disco ao vivo do Blondie, é um prêmio. Depois do grande sucesso de *No Exit*, que reuniu os quatro mais importantes membros do grupo americano após um período de 17 anos, ele prova que a banda tinha gás arquivado. Recém-casado e totalmente recuperado da séria doença dermatológica que o afastou da música por muito tempo, o guitarrista Chris Stein reencontrou o prazer de fazer música pop e bateu um fio para a gente.

Vem novo disco de estúdio por aí?
Sim, a gente está começando a mexer e deve sair no final do ano, só com novas.

Você ficou satisfeito com as vendas e com a atenção que foi dada a *No Exit*?
De um modo geral, sim. Fizemos 18 meses de turnê. Mas acho que o disco novo tem de ser mais moderno, mais pop.

Já fizeram planos de tocar no Brasil?
Discutimos muitas vezes, mas nunca conseguimos passar por aí. Acho que na próxima vai dar certo.

O Blondie sempre esteve entre as bandas americanas que fazem mais sucesso no Reino Unido. Continua sendo assim?
O que acontece com a gente na Inglaterra é inexplicável. O pessoal lá é mais devoto, é uma cultura diferente da americana.

Você gosta de Blur, Oasis, Elastica?
Não conheço bem. Presumo que seja legal, mas não presto muita atenção. Gosto de coisas estranhas. Se for algo muito comercial, perco o interesse automaticamente.

O que você tem ouvido?
Muita música do Oriente Médio. Irã, Iraque... Mas não sou um grande comprador de CDs, não presto muita atenção em nada. Fico ouvindo o *Play*, do Moby, que minha esposa comprou. Ouço um pouco de house e techno, mas não saio para curtir, porque nos lugares em que minha mulher vai sempre fico tocando acid jazz...

Qual a sua opinião sobre o retorno dessas bandas punk mais pop, como Wire, Buzzcocks e do próprio Blondie?
Cada caso é um caso, nem todos conseguem sucesso. Musicalmente, nossa banda está melhor agora, com certeza.

Em grandes festivais, como é a tietagem de outras bandas em cima de vocês? Isso comove?
Sempre é bom ouvir elogios. O pessoal do Blur sempre diz que somos grande influência, eles são nossos fãs. Conhecemos também o Marylin Manson, que foi bem legal. Mas o que me comove mesmo é subir num palco e tocar.

Êxtase guitarreiro

Reunido com o mesmo time de músicos que tocou no irregular *Set The Twilight Reeling*, de 1996, Lou Reed está saindo com um álbum que também não deve arrebatar novos fãs. Apesar do nome, *Ecstasy*, o rebento de Lou não traz nenhuma incursão pela música eletrônica ou faz apologia à droga de maior sucesso nas raves. O ex-Velvet Underground atribui o nome do disco ao momento de êxtase que está vivendo com sua mulher, a artista performática Laurie Anderson.

Lou, que passou pelo Brasil para divulgar *Set The Twilight*, já limou um país da turnê de *Ecstasy*. A Áustria está fora de seus planos graças à eleição do neofacista Joerg Haider para o governo, o que desencadeou uma leva de artistas – como Sting – a desmarcar shows na terra de Hitler em forma de protesto.

Lou Reed avisa que não vai tocar na Áustria

Espírito de corpo

A recente participação no festival gaúcho Planeta Atlântida, no qual bateu papo com as bandas dos anos 90, foi a inspiração. De volta ao Rio, Lulu Santos compôs "Made In Brazil", oportuno tributo ao produto nacional pop que SHOWBIZZ teve o privilégio de ouvir em primeira mão, pelo telefone. Lulu resume a ópera e dá a ficha técnica, citando Roberto & Erasmo, Raul, Paralamas, Titãs, Ira!, Barão, Legião, O Rappa, Jota Quest... a lista chega até o Sepultura ("numa linha mais dura", diz a letra, que deságua no refrão "passou de 2000/ ninguém faz igual a brasileiro rock do Brasil"). "É meio Rita Lee, um pouco 'Arrombou a Festa'", define Lulu, após cantar a música, então com duas semanas de vida, ao violão. A canção surgiu num momento em que o autor ouve cada vez menos música pop. "Ando cansado da música como fenômeno central na vida das pessoas, até como centralizadora da ética de uma pessoa", reclama Lulu, que ultimamente só ouve jazz e consultório-médico-music. "Costumo ligar a DirecTV, que tem canais só de áudio, e deixo no instrumental. É tão refrescante aquele som concebido para ficar no fundo, não atrapalhar..." O pop, Lulu considera meio vencido. "Mas não no Brasil, que está 20 anos atrás em termos de mercado", ressalva. "Aqui, ouvir 'Anna Julia' ou *As Dez Mais*, ainda é bom mais importante que o chorosso ou a esbórnia total do outro lado. Por isso, fiz a música. Foi bacana me dar conta de que o pop brasileiro já tem história e sou parte dela." A canção pode ser incluída no *Acústico MTV* que Lulu vai fazer no fim do ano.

Lulu: papo pop em forma de canção corporativista

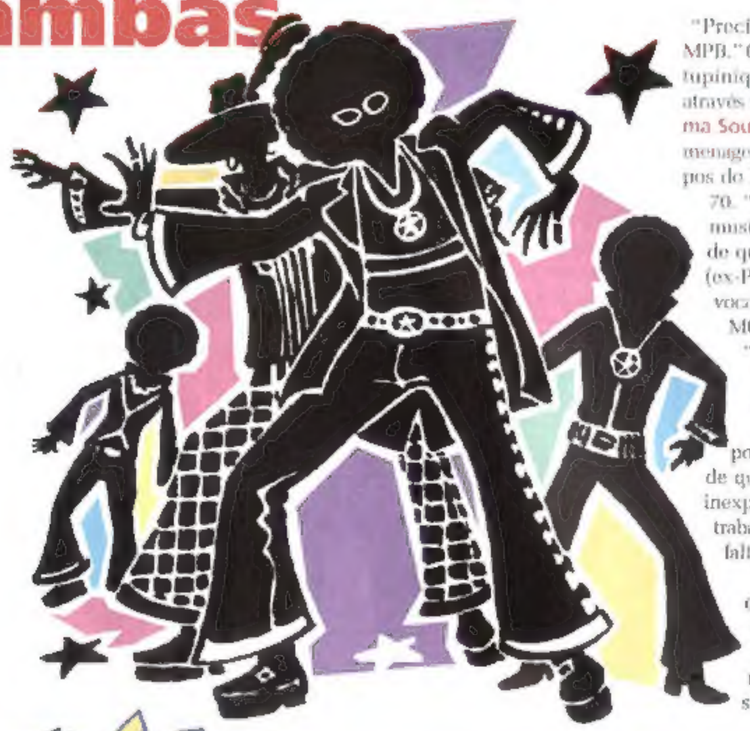
Boletim adiposo

Vem aí coletânea dos Ratos de Porão, *Só Crássicos*, com "Beber Até Morrer", "Suposicollor" e "Diet Paranóia". João Gordo, 40 quilos mais magro graças à temporada num spa, volta à MTV este mês. Também está saindo (pelo selo do baterista Boca, Pecúlio) o EP *Guerra Civil Canibal*, com quatro inéditas. A regravação do disco de estréia, *Crucificados Pelo Sistema*, está concluída, mas não há selo brasileiro para lançá-la aqui. "Odeio gravadoras", resume Gordo.

Gordo está expelindo três Ratos de Porão. "Tá a fim aí?"

Confraria de bambas

Black music brasileira parte em busca do tempo perdido



"Precisamos de mais Ed Mottas na MPB." Com essa premissa, a black music tupiniquim tenta mostrar novo fôlego através do recém-criado **Movimento Firma Soul**, cujo objetivo é reviver – e homenagear – em São Paulo os áureos tempos do Movimento Black Rio, nos anos 70. "Queremos produzir R&B e soul music nacionais com padrão gringo de qualidade", afirma o cantor Isabé (ex-Placa Luminosa, atual backing vocal dos rappers MV Bill e Doctors MCs), articulador da empreitada.

"O jovem adepto de ritmos black junta trocados para ir às Galerias (conjunto de lojas de disco no centro de São Paulo) e pagar caro por discos importados. É a prova de que existe um nicho de mercado inexplorado. Nós podemos fazer um trabalho à altura dos americanos, só falta grana", diz.

Daí a necessidade de fundar uma espécie de cooperativa musical para viabilizar as carreiras de bandas e produtores. Integram o movimento os grupos Versão Brasil (liderado por Isabé), Mamasoul, The Brothers (que canta à capela, na linha Boyz II Men), o músico africano Bukassa (ex-Skowa & A Máfia), as cantoras Paula Lima, Dany Days, Vanessa Jackson e Kelly Moreira e os grupos evangélicos Feelings e Templo Soul – esse, o único com CD já lançado. Venerando Tim Maia e Ed Motta ("o batalhador solitário da black music brasileira", elogia Isabé), o movimento encara com reservas o atual sucesso de nomes como Fat Family e Maurício Manieri. "Não deixa de reafirmar nosso ponto de vista, mas falta raiz para eles. Ninguém veio do circuitão de bailes da periferia, o que compromete a sonoridade autenticamente black", acredita Isabé.

Racionais MCs e Thaíde & DJ Hum são alguns dos rappers que já manifestaram apoio explícito. Como divulgação, o MFS tem feito shows esporádicos e prepara o lançamento de um vídeo. Paralelamente, flerta com os mestres do Movimento Black Rio que, entusiasmados, devolvem o aceno. Gérson King Combo: "Já passou da hora de buscarmos nosso lugar de volta. Se me chamarem pra participar, vou correndo". Cassiano: "Quando Tim Maia morreu, ficou um vazio. Acho maravilhoso uma retomada, é a prova de que o soul é para hoje, ontem e sempre".

Carlos Eduardo Oliveira

Negócios com Dado

Cansado do lenga-lenga das majors, **Dado Villa-Lobos** arranjou um jeito mais organizado e viável de divulgar os artistas do seu selo, o Rock It!. Com distribuição da RDS, gravadora que colocou Racionais MCs e De Menos Crime no mercado, Dado crê que chegou a hora de o Brasil inteiro conhecer grupos do pequeno cast, como o Comunidade Nin-Jitsu. "Só com a estrutura da Rock It!, conseguimos vender 6 mil CDs do Comunidade no Sul do país", conta. Os novos de Devotos, Toni Platão, Acabou La Tequila, Ultramen e a reedição do disco solo de Dinho Ouro Preto vão sair nesse esquema. Fora do business, o ex-guitarrista da Legião segue compondo músicas e considera a possibilidade de soltar um disco com o Reino Animal.

Rockémon

Volta e meia, o mundo do rock é invadido por simpáticas criaturinhas, com poderes inusitados e hábitos exóticos. Vamos conhecê-las?

BOWIEPUFF

Um rockémon camaleônico às avessas. Quando é necessário ser eletrônico, o monstrinho vira acústico; quando o dono precisa de fogo, ele se transforma em água. Mas não se engane, Bowiepuff só quer agradar – como mostra a canção "Ashes To Ashes", que ele dedicou especialmente para o mestre rockémon Ash.

MASSARANROLLINS

Este rockemon compensa a falta de inteligência com muita força bruta. Funciona como a "consciência" de seu treinador, proibindo-o de comer coisas gordurosas (e outros vícios) e o obrigando a malhar todos os dias. A sexualidade não-definida faz com que a criatura exerça seus poderes sobre machos e fêmeas. Com ele não tem conversa: vacilou, tomou porrada.

JAPIRAGAY

É um rockémon meio sem sal, que não desperta nem grandes ódios, nem grandes amores. Por trás da aparência assustadora esconde-se um monstrinho pasteurizado, que procura treinadores light, não muito afeitos a brigas. Na verdade, seu maior desejo é encontrar o rockemon que inspirou sua existência, o grande Swonderbuzz.

MAMANSONIX

Sem ter nenhum treinador capaz de doma-lo, ele curte è se exibir para todo mundo. Este rockémon faz qualquer coisa para chamar sua atenção. Seu truque predileto é cantar canções para tentar assustar os humanos. No entanto, suas músicas fazem apenas as pessoas adormecerem, e isso o deixa fulo da vida. Para desabafar, ele arma um escândalo atrás do outro.

OZZBAT

É um rockémon voador que tem como principal característica multiplicar seu peso sempre que está triste. Não é tão poderoso, mas é muito útil devido a seu carisma. Como quem não quer nada, ele conquista o seu dono, como aconteceu com o treinador Brock, que o capturou nas redondezas do Vale da Clonagem.

frases

"Deveríamos forçá-los a escutar seus discos até eles explodirem."
Dexter Holland, do Offspring, falando sobre bandas como Backstreet Boys, na *Rolling Stone*

"Diego Maradona somente subirá aos céus quando todos os quatro beatles estiverem lá, esperando por ele."
Maradona, aquele, que anda delirando faz tempo

"Eu estava tentando soar como os Teletubbies, se eles fossem eletro."
Beck, explicando os vocais em falsete, que dominam seu disco *Midnite Vultures*, à revista *Request*

"Preciso aprender espanhol porque essa é a língua da minha mulher e não quero vê-la com meu filho rindo da minha cara sem que eu saiba o que estão dizendo."
Ian Brown, ex-vocalista do Stone Roses, dando uma de bocó para o semanário inglês *New Musical Express*.

"Estava ontem à noite no quarto do hotel e tive uma idéia para uma música sobre estar completamente apaixonado por uma mulher, que é como estou agora. Pensei: 'Oh, eu poderia botar um pianinho aqui'. Meu Deus, estou feliz!"
Henry Rollins, enganando os universitários de Oxford, na *Kerrang!*

Rollins: achando que gosta da fruta madura

"Não estou incomodado o suficiente para bater nele – não é minha carreira que está indo pelo ralo."
O cantor **Robbie Williams**, respondendo às ameaças de Noel Gallagher

"Vogais são fascistas pra c*! Você tem de tirá-las, cara. Elas são como vírus".**
Bibb Gillsp, vclst d Prml Scrm, xplcnd nm d ltm dsc d bnd, *XTRMNTR*.

Superchunk x Joyce

Superchunk: Mac (à dir.) pirou em Joyce

Fotos: Divulgação

Joyce vai se encontrar com gente de outra galáxia

O roqueiro que torce o nariz para a MPB terá de se render a um encontro insólito. Um dos grandes nomes da cena alternativa americana, o Superchunk, convidou ninguém menos que Joyce para um encontro durante sua segunda turnê brasileira, em maio. Talvez os mais novos não se lembrem dela — por pura incompetência das grandes gravadoras daqui–, mas Joyce faz regularmente turnês por Japão, EUA e Europa, onde vários de seus discos estão em catálogo. Mac, guitarrista e líder do Superchunk, comprou vários CDs de Gil, Mutantes e Arnaldo Baptista quando esteve no Brasil em 1998, mas só foi achar a coletânea *Essential Joyce* em seu país. Empolgado, pediu ao selo mineiro Motor Music (que lançou o Superchunk aqui) que o ajudasse com a letra de "Clareana" e convidasse Joyce para um encontro. A primeira impressão da cantora ao ouvir o Superchunk era de que, assim como ela, eles não fazem parte das principais correntes da música popular (ou pop).

A idéia de Mac é tocar com Joyce uma música do Superchunk e, possivelmente, uma versão de "Clareana", que ele está gravando para um projeto-solo seu, *Portastatic*. "Quando a gente estava gravando o CD *Come Pick Me Up*, no ano passado, fui à loja Dusty Groove, em Chicago, tentar achar material brasileiro. Nosso produtor, Jim O' Rourke, recomendou que eu comprasse algo dela. Foi assim que cheguei ao *Essential Joyce*. A voz, as melodias e a produção me conquistaram de primeira. A combinação de belas canções e harmonias com elementos noise é algo que sempre tentei com minha música. Ouvindo o CD, percebo a carreira de alguém que nunca submeteu sua arte, sinto algo 'do it yourself', como no Superchunk e em nossa gravadora, Merge Records." Temendo uma reação agressiva da platéia da banda, Joyce disse a Mac que "vai ser o encontro de dois planetas de galáxias completamente diferentes". O gringo a tranqüilizou: "As pessoas que vão aos shows vão porque sabem o que é o Superchunk. E é bom fazer essa ponte entre os dois mundos". Quem viver, verá.

Leonardo Panço

MACHINA
the machines of God

THE SMASHING PUMPKINS

www.virgin.com.br

em CD Virgin

Bizzes

Mc's HC (aqui e ao lado): funk do morro com as guitarras do rock

Você sabe o que é Miami rock?

Junte guitarras pesadas e distorcidas com o Miami bass, tipo 2 Live Crew. Acrescente o batidão ultra grave do funk de morro carioca, dois MCs e letras bem-humoradas, de duplo sentido. Pronto: você tem o que está sendo chamado nas praias cariocas de Miami rock. Mas o termo foi inventado, por incrível que pareça, em Porto Alegre, de onde vem o Comunidade Nin Jitsu, um dos representantes do estilo. "A gente andava ouvindo muito aquele CD Rap Brasil (coletânea com grupos do funk de morro carioca), de 1995, aí juntamos com a banda, porque a gente não ia ficar só com batidão e dois MCs", explica Fred Endres, guitarra e vocal do Comunidade. Fred tinha um projeto chamado Cacareco, com o controvertido Edu K, e juntos criaram o termo Miami rock.

Na verdade, no Rio já existia há muito mais tempo o Chatos & Chatolins, que começou como banda de hardcore e foi a primeira a utilizar o visual do seriado mexicano, muito antes dos Mamonas Assassinas aparecerem na mídia. Radicados em Irajá, subúrbio do Rio, aos poucos o grupo incorporou elementos dos bailes funk, chegando até a se apresentar com as sensacionais Chatoletes, que reproduziam a erótica dança dos salões suburbanos.

Há pouco mais de um ano, a banda mudou o nome para MC's HC e adotou o Miami rock na veia. "O Miami rock nada mais é que o som do Miami bass com o rock. Só que a gente fez a adaptação para o Miami carioca, que é o funk de morro", define Balão, guitarrista e líder do grupo. "A gente queria provar que o funk não é só gritaria e violência. Nossa onda é fazer um ritmo dançante, mas bem forte, porque o rock é forte", completa.

Outras bandas afins pegaram carona na tendência, como o Funk Fuckers. Carona em termos, porque misturar funk de morro com as guitarras do rock sempre foi um dos elementos do grupo, agora com o trabalho mais voltado para o funkão dos anos 70. "Nós já fazíamos esse som, só que nossa música também tem outros elementos", explica B Negão, vocalista. Também o De Falla assumiu o Miami rock, só que de maneira tão forçada que chega a soar caricata, ou debochada mesmo, já que nunca se sabe o que passa pela cabeça do imprevisível Edu K.

Mesmo vindos de cidades diferentes, todos se entendem muito bem, sempre tocando juntos. "A gente faz Miami rock há cinco anos. Quando conhecemos a galera do Rio, vimos que eles tinham um som semelhante e logo fizemos amizade", comenta Fred. "O MC's HC começou a colocar paradas de baile funk, e cada uma das quatro bandas tem um enfoque diferente, mas é tudo Miami rock", completa B Negão. Não se assuste se você ouvir falar em eventos batizados como "Ultimate Fonk" ou "Miami Rock All Stars", entre outras pérolas. É só uma boa oportunidade para encarar o pancadão.

Marcos Bragatto

Quase 20 anos de horror

Alien Sex Fiend: gotikozinho é a mãe do Marilyn Manson e o pai do Keith Flint

O Alien Sex Fiend é um dos raros exemplos de banda independente que conseguiu se manter na ativa sem perder a atitude. Nik Fiend (vocalista) e sua mulher, conhecida como Mrs. Fiend (Senhora Fiend, tecladista) formaram a banda em 1982, junto com o guitarrista Yaxi Highrizer e o batera Johnny Ha-Ha. Misturando visual gótico com guitarras psicodélicas, a banda virou cult na Inglaterra e na Alemanha. Conversamos com Nik para saber o que ele e Mrs. Fiend andam aprontando:

Qual o segredo para sobreviver tanto tempo na cena underground?
É a nossa gravadora independente, a 13th Moon Records. Acabamos de fechar um novo acordo de distribuição. Tomara que nossos discos cheguem mais fácil ao Brasil e a outros países do mundo. Vamos relançar *Nocturnal Emissions* com duas faixas extras – e também vários mixes e remixes que só existiam em vinil. Depois disso, lançaremos um novo CD, *Information Overload*.

Você disse que seu próximo CD terá mais guitarras. Mais alguma surpresa?
Algumas das faixas que já temos gravadas são bem raivosas e pesadas, então acho que esse é um indicador da direção que estamos tomando. Sabe-se lá o que vai acontecer até terminarmos!

Onde pretendem divulgar o novo CD?
Queremos tocar onde pudermos. Adoraríamos ir ao Brasil. Tenho uma réplica da camisa que o Pelé usou na Copa de 70 e poderia usá-la nos shows. Temos recebido muitos e-mails do Brasil.

Você tem ouvido algum som brasileiro?
Mrs. Fiend gosta de ritmos latinos. Acho que é porque o pai dela era baterista e adorava essas batidas malucas. Conheço o Sepultura. Ouvi o disco d'O Rappa. Apesar de não ser o estilo de música que gosto, reconheço o talento deles. Gostei da versão de "Hey Joe", com reggae e muitos scratches.

Irã Margarido

Tesouros da juventude

Peça desculpas para aquele amigo que você acusou de ter a pior banda de rock da história. Esse título já existe e pertence ao The Mummies. Nada tão grotesco e excitante jamais foi gravado. Guitarras completamente desafinadas, baterias podres que eram destruídas a cada "martelada", teclados psicodélicos ecoando por amplificadores vagabundos e os integrantes da banda devidamente caracterizados de... múmias!

Para dar um toque extra, o carro da banda era uma van de serviço funerário.

A carreira dos caras durou pouco mais de três anos, entre o final dos anos 80 e começo dos 90. Foram muitas vezes expulsos dos clubes onde tocavam por quebrar ou roubar equipamentos. Se achavam um lugar legal, apresentavam-se apenas em troca de cerveja. Enquanto o pessoal de Seattle vestia camisa xadrez e deixava o cabelo crescer, eles usavam sórdidos trapos brancos. Falando em Seattle, eles recusaram um contrato com a então meca do grunge, Sub Pop, que via nos Mummies a possibilidade de criar um novo Kiss.

Seus discos, diga-se de passagem, sempre contaram com produção paupérrima, muitos chiados e capas em preto e branco, dando uma impressão ainda mais trash. A capa de um deles (*Runnin'on Empty*) apresenta um dos "múmias" categoricamente sentado em uma privada! Todas estes predicados renderam aos caras a fama de "reis do rock de baixo orçamento".

Mummies: os reis do baixo orçamento deixaram um legado de podreira

GRATIS 2 ADESIVOS
E O GUIA SALVA-SURF

Fluir
Em Busca da Onda Perfeita

ESTE MÊS NA FLUIR:

A NOVA GERAÇÃO DO SURF ARREBENTANDO NO HAWAII

NORONHA HISTÓRICO SHOW DE TUBOS NO CIRCUITO MUNDIAL

CONHEÇA OS 3 SHAPERS FAVORITOS DOS LEITORES

NAS BANCAS

EDITORA PEIXES

MAIS BAIXO QUE AS SUAS NOTAS.
UOL POR R$17,50* AO MÊS PARA ESTUDANTES
COM CARTEIRINHA DA UMES.

Faça sua carteirinha de estudante pelo site www.uol.com.br/umes ou ligue para 0XX11 289-7411. Você ganha desconto na assinatura e e-mail grátis, com a qualidade de acesso e o conteúdo exclusivo do maior provedor do Brasil.

UMES
www.umes.org.br

O MAIOR E MELHOR CONTEÚDO DA INTERNET.
ASSINE JÁ: 0800 175757

UOL
www.uol.com.br

*Desconto de 50% na assinatura do plano ilimitado de R$ 35.

De 6 a 9 de abril
ninguém vai pensar
em outra coisa.

Só o maior acontecimento do surf nacional oferece os maiores prêmios, as melhores praias, os grandes nomes do ranking, além de muitas atrações dentro e fora da água. Celebrity Session, gente famosa mostrando que sabe surfar. Beach Girl, escolha da maior gata da praia; Clínica de surf, e muita agitação. **Assista aos sábados na Band.**

Abril EVENTOS BAND

Circuito Brasileiro
de Surf Profissional
Etapa Mares as - SP
De 6 a 9 de abril

SuperSurf

www.supersurf.com.br

O teto que eles pisam

Enquanto o próximo disco da banda não vem, o U2 se lança de vez no mundo do cinema, com Bono Vox assinando o roteiro, a produção e as músicas do novo filme do diretor alemão Wim Wenders.

Por José Flávio Júnior

Bono: "Quero que The Million Dollar Hotel parta o coração das pessoas, porque, normalmente, você não temisso num filme inteligente"

Quem o diretor alemão Wim Wenders esta com um novo longa-metragem em cartaz, interessa a muita gente. Saber que existem novas musicas do U2 na trilha interessa a muitos mais. Este definitivamente não é mais um caso de banda cedendo musica para um filme. Em *The Million Dollar Hotel* (*O Hotel De Um Milhão De Dolares*, a relação é bem mais profunda. Bono Vox assina as músicas, o roteiro e também a produção.

O que os fãs do grupo irlandês vão esperar em 2000 não será só seu décimo disco de estúdio, mas a grande incursão de Bono na telona. A pelicula já foi exibida em algumas países da Europa. Só que por ser considerado um filme "cabeça", "intelectualizado" e de estilo "europeu" esta tendo dificuldade de conseguir distribuição em territorio americano. No Brasil, por exemplo, não existe previsão de estreia.

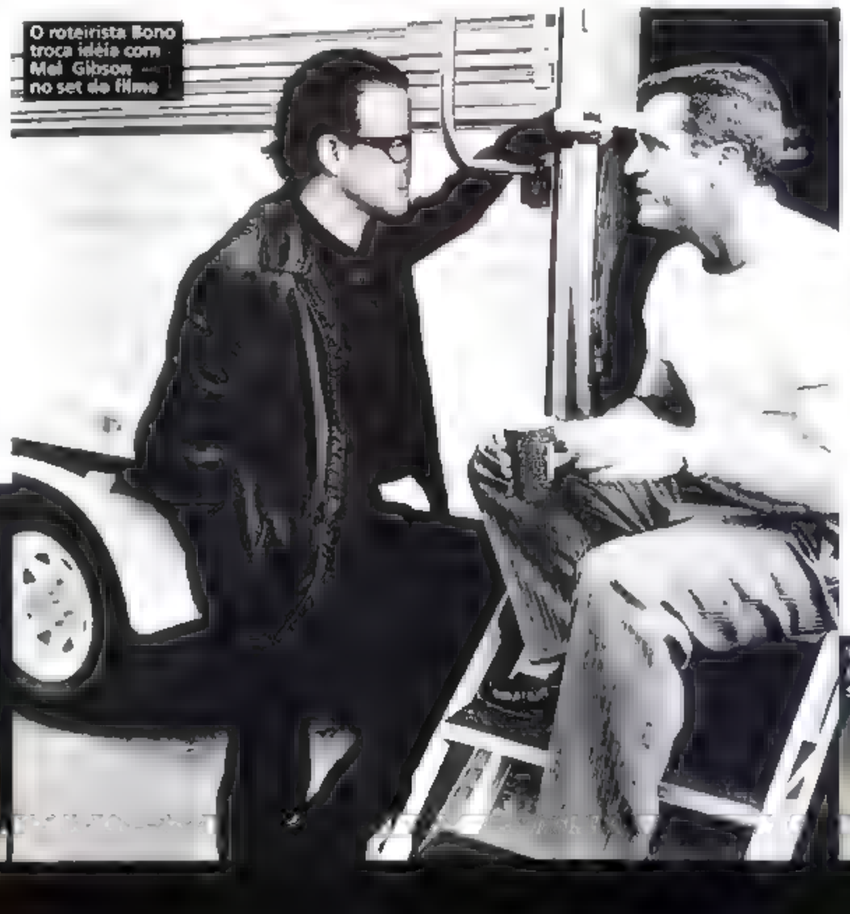
A trilha sonora, essa sim, deve estar chegando as lojas enquanto você le esta materia. Com lançamento mundial simultâneo), "The Ground Beneath Her Feet", uma bela balada muito parecida com outras que o grupo apresentou na década de 90 e que encabeça a trilha, já tem boa execução nas radios (*confira a tradução na página ao lado*). Título e letra foram tirados de *O Chão Que Ela Pisa*, mas refere-se ao livro de Salman Rushdie, cultuado escritor anglo-indiano que ganhou notoriedade por ter sido condenado à morte pelos fundamentalistas islâmicos, revoltados com o suposto carater blasfemo de seu romance *Os Versos Satânicos*.

Stateless e The First Time, as outras canções do U2 na trilha, vão na mesma onda: calminhas que crescem aos poucos. A produção é dos velhos conhecidos Daniel Lanois e Brian Eno (eles uniram-se a Bono com bem-sucedida parceria em *The Unforgettable Fire*, de 1984, que no momento estão organizando para colocar o disco novo de banda nas prateleiras até setembro.

SALTO DE FÉ

A quem acha tres musicas pouco para um U2 somar a aquisição dessa trilha sonora, já baixou: as ditas pelo momento vamos a outros chamarizes. Foi montado um grupo, The Million Dollar Hotel Band incluindo feras como Eno e Lanois. E é acompanhado pelo supergrupo que Bono canta outras três músicas: "Never Let Me Go", "Dancin' Shoes" e a frágil "Falling At Your Feet". Querendinha de cineasta Jean Luc Besson a atriz Milla Jovovich protagonista de *Joana D'Arc*, *O Quinto Elemento* e de *The Million Dollar Hotel* interpreta o clássico do Velvet Underground 'Satellite Of Love', com berros à la Nina Hagen no final. A única não estrutural versão em espanhol de "Anarchy In The U.K." dos Pistols por Tito Larriva que tenta a carreira nos EUA.

O argumento de *The Million Dollar Hotel* remete aos dias em que os quatro integrantes do U2 se preparavam para gravar o clipe de "Where The Streets Have No Name", em Los Angeles. Eu saí a noite para procurar umas coisas com The Edge (*o fotógrafo*). Vimos Corbijn e nos levou até o deserto para bater umas cha-



pas", recorda Bono. Estava com The Edge no topo do Million Dollar Hotel, a atual (*de 1*). Ele me relatar que esse era o verdadeiro nome do local. É esta é uma coisa engraçada sobre os Estados Unidos, a poesia no nome dos lugares, palavras parecem cair do céu, soando como um nome de livro ou de peça de teatro que só esta esperando para ser escrito.

O vocalista do U2 começou a perceber que estava presenciando um momento especial quando The Edge apostou que conseguiria pular do teto em que estavam até o prédio vizinho. "Era uma distância de uns dez pés (*cerca de 3,3 metros*), mas eu me lembro de ter dito: 'Se você tem fé, se acredita que pode fazer, você pode fazer'. E quando ele pulou, era aquele salto de fé", conta Bono. Horas depois, a trupe estava bebendo no bar e Bono conheceu o roteirista Nicholas Klein. Tiveram uma longa conversa sobre cinema, fizeram discursos inflamados sobre movimentos de câmera que ainda não causaram sido realizados e depois de algumas especificações Bono soltou: "Tenho essa peça na cabeça que se chama *The Million Dollar Hotel* sobre um cara que pula do teto de um prédio para o outro". Nicholas retrucou: "Tenho uma frase com a qual sempre quis começar um filme". A frase era: "Depois de meu pulo, acreditei que tinha asas". Assim começava a amizade entre um [illegible] que demoraria dez anos para ser concluído.

SÓ MAIS UMA HISTÓRIA DE AMOR

Envolvido na produção, Bono nunca pensou em arrebatar de Wim Wenders [illegible] famoso [illegible] desde pequeno, o [illegible] *Paris, Texas* e [illegible] Wenders [illegible] Bono [illegible] Wenders [illegible] Bono [illegible] Wenders [illegible] Bono

Eloise (Mila Jovovich), atriz de O Quinto Elemento, é namorada de Skinner

[illegible] Depois que eu [illegible] conta de que [illegible] a vida é perfeita [illegible]" Em Los Angeles, no ano 2001, um junkie de nome [illegible] (Tim Roth, de *Luas De [illegible]*) é assassinado [illegible] misteriosamente no Million Dollar Hotel. Não muito afeito a fazer perguntas, o investigador Skinner (Mel Gibson) chega para examinar o caso. Tom Tom e sua amada [illegible] (Jovovich) estão entre os suspeitos. O tom é de [illegible], de quase absurdo. Com [illegible] noir negro [illegible] surrealismo.

"A excentricidade dos personagens [illegible] que mais me atrai nesse roteiro", confessa Wenders. "Todos são singulares, nenhum deles você encontraria em outro filme." Tom Tom exerce fascínio especial em Bono. "Ele tem uma coisa chamada *sense of wonder* (*como uma curiosidade hiperbólica quase infantil*, que [illegible]) [illegible] que [illegible] das [illegible] que mais admiro nas pessoas."

Completando vinte filmes em sua [illegible] carreira, [illegible] de Wim Wenders pode ter chegado [illegible]. Antes eu gostava de coisas sem sentido, estranhas. [illegible] mais velho [illegible] mais modo de idéia. Esse filme foi o mais perto que consegui chegar [illegible] fazer [illegible] comédia. Espero [illegible] pessoas deem bastante risada quando o assistirem. Mas ainda tenho [illegible] ficar um pouco mais velho para fazer uma comédia de verdade."

Foi uma pausa [illegible] interrupção criativa necessária [illegible]. Algo que deve se refletir [illegible] no ano 2001.

[illegible] na primeira pessoa. [illegible] uma historinha, não fazemos isso. [illegible] que me atrai a escrever [illegible] desaparecer na vida de outra pessoa. [illegible] ele mesmo [illegible]. Quero que o filme parta o coração das pessoas, porque normalmente você não tem isso num filme inteligente.

"Tirei férias de mim mesmo"

De onde surgiu a idéia para o roteiro de *The Million Dollar Hotel*?

Bono: O hotel existe de verdade, no centro de Los Angeles, e ainda está aberto. Eu o visitei no fim dos anos 80 e não acreditei no que vi. Cada quarto traz uma história desse hotel barato, de acomodações simples. Gente boa, gente ruim. Cafetões, prostitutas, mães com montes de filhos, pacientes de hospícios que o presidente americano Ronald Reagan fechou por cortes de verbas para a saúde. Tudo isso no centro da cidade, em um hotel que é um esplendor de mármore. Lá pelos anos 30, a Era de Ouro de Hollywood, aquilo deve ter sido um palácio. E hoje, olhe só para ele. Foi a partir daí que me interessei pelo assunto.

O que, exatamente, no hotel lhe inspirou a escrever a história?

Na verdade, foi uma sensação de trabalho inacabado. Nos anos 80, nós (o U2) estávamos interessados na América como um tema. Fizemos os álbuns *The Joshua Tree* e *Rattle And Hum*. Ao mesmo tempo, curiosamente, Wim Wenders estava lançando o filme *Paris, Texas*, que trata do mesmo assunto, e influenciou muito *The Joshua Tree*. Gosto de pensar que *The Million Dollar Hotel*, em parte, é uma espécie de reação desses trabalhos. De qualquer forma, é uma grande metáfora para o outro lado da América, aquele que normalmente não vemos. E é também um excelente contexto para uma história de amor. Porque há três histórias dentro do filme. Ele começa como um suspense na forma de um assassinato, cai para um lado mais "art scam", mas no fim é uma história de amor, uma linda história de amor, que fica na mente dos espectadores. Eu sempre quis que *The Million Dollar Hotel* atingisse em cheio o coração das pessoas.

Como Wim Wenders se envolveu com o projeto?

Seria muita arrogância eu achar que poderia escrever um script. Precisava de apoio. Encontrei o roteirista Nicholas Klein em uma festa, e ele me ajudou, reescreveu o roteiro. Como diretor, nunca enxerguei alguém melhor do que Wim Wenders. Ele tem um olho para a América, para sua iconografia. Além do que, esse é uma história de amor disfuncional e esse, no fim das contas, é o tema principal de Wim. Foi uma convergência natural, as coisas foram se juntando. Que sorte a minha! Meu primeiro roteiro e Wim Wenders é o diretor!

Fale sobre o trabalho na composição da trilha

Wim leva a música muito a sério, acho que ele escuta mais música do que vê filmes. Ele quis se envolver, veio a nós, sentou na sala, contribuiu. Claro, não exatamente metendo a mão na massa, mas estava lá. Quanto a nós, foi divertido. Improvisamos ao vivo, assistindo às imagens do filme. Juntamos essa banda fantástica, com esse gênio do trompete que é Jon Hassell. A música dele meio que perfuma o hotel... Na verdade, é uma trilha puxada para o jazz. E tem lá umas duas canções do U2, no início e no fim.

Como foi o processo de compor a trilha tocando ao vivo?

Tínhamos uma TV enorme no estúdio e preparávamos as cenas, assistindo ao filme e tocando. A orquestra era composta de grandes músicos, como Brian Eno, Daniel Lanois, Bill Frisell, esse baterista incrível chamado Brian Bates... Para mim, foi maravilhoso tocar com todos esses caras. Larry (*Mullen, baterista do U2*) e Adam (*Clayton, baixista da banda*) iam ao estúdio ocasionalmente e ajudavam. Sabe como é, esses caras não sabem meter porrada no instrumento. São músicos de jazz. Quando a gente precisava de algo mais pesado, eles não sabiam fazer... Sei que Wim ficou feliz com o resultado final, e eu também.

Você realizou um sonho pessoal?

Interessei-me por esse projeto porque estava cansado de escrever na primeira pessoa. Tirei férias de mim mesmo, por assim dizer. Nos discos do U2, não fazemos canções narrativas. Escrevemos do ponto de vista do singles. Foi legal poder sumir dentro de outros personagens. Fora isso, tentaram me botar na tela, mas eu fugi. Me acovardei. O papel de Julian Sands teria me agradado; ele até usou óculos como os meus! Ele fez um trabalho brilhante. E, bem, você sabe escrever ou você sabe atuar, não? Nesse filme, eu escrevi. Aprendi um bocado sobre como os filmes são feitos. Sou um cara curioso, enxerido, vivo metendo o nariz nas coisas para saber como funcionam.

Você tem ambições futuras no cinema? Quais?

Tenho uma outra história já começada. Chama-se Show Band. Mas, por ora, só quero mesmo estar numa banda, tocar. Gosto do meu trabalho oficial.

Bono: um cara curioso que aprendeu como os filmes são feitos

Bonoteca

Desde *Rattle And Hum*, de 1988, o U2 aproxima-se do cinema com certa freqüência, seja cedendo versões exclusivas de músicas ou compondo a canção-título. Confira algumas incursões dos irlandeses pela telona durante a década de 90:

• Em 1991, na trilha de *Até O Fim Do Mundo*, cultivando a amizade com Wim Wenders, Bono escreveu a música-título "Until The End Of The World", presente também no disco *Achtung Baby*.

• Em *Três Formas De Amar* (1994), a versão da banda para "Dancing Barefoot", de Patti Smith, faz cama para a ciranda sexual entre os três amigos.

• "All I Want Is You", uma antiga canção dos irlandeses (está em *Rattle And Hum*), embala os dramas existenciais de Wynona Rider no filme fofinho da geração X, *Caindo Na Real* (1994).

• Em *Prêt-À-Porter* (1995), filme do diretor Robert Altman, também tem música do U2: "Lemon", em versão diferente da contida no álbum *Zooropa*.

• Um dos grandes temas que Bono escreveu sob encomenda é "Hold Me, Thrill Me, Kiss Me, Kill Me", de *Batman Eternamente* (1995), terceiro filme da série, dirigido por Joel Schumacher.

• O baterista Adam Clayton e o baixista Larry Mullen deram uma nova cara ao tema de *Missão Impossível*.

• A trilha de *Cidade Dos Anjos* (1998) abre com o quarteto de Dublin fazendo "If God Will Send His Angels".

Na continuação de *Asas Do Desejo*, o belo *Tão Longe Tão Perto* (1993), a amizade entre Wim Wenders e Bono Vox aparece mais uma vez. "Stay (Faraway So Close)" é a música desta película.

Música do BRASIL
Outro programa musical igual a esse só daqui a 500 anos
130 performances musicais
80 cidades
80 000 km
TODA SEXTA NA MTV
REPRISE DOMINGOS 23h00 e QUARTAS 21h30
patrocínio
gradiente
zip.net
realização
Abril ENTRETENIMENTO
ASSISTA o PROGRAMA
o CD e LEIA o LIVRO

11/05 * The Cave * Piracicaba/SP
12/05 * Casanostra * Goiânia/GO
13/05 * Zoom * Brasília/DF
14/05 * Dokas * Recife/PE
16/05 * Broadway * São Paulo/SP
18/05 * Terrazo Memorial * Curitiba/PR
19/05 * Chácara Incolustre * Londrina/PR
20/05 * Lapa Multshow * Belo Horizonte/MG
21/05 * Balroom * Rio de Janeiro/RJ
superchunk
brasil ** maio ** 2000
superchunk
motor music
SHOW
Informações • 0 xx 31 261 95 09 • motor@motormusic.com br • www.motormusic.com br

Nelson Motta e seu milagre: trinta anos no epicentro da música jovem do Brasil

O homem da linha evolutiva

Nelson Motta esteve no meio das principais transformações da música brasileira nos últimos trinta anos; contou quase tudo no best seller *Noites Tropicais*, mas guardou um pouco de sua sabedoria pop só para a gente

Fotos: Moira Seadon

Ele próprio já brincou, se dizendo [illegible] espécie de "Forrest Gump" da música popular no Brasil. Mas este baixinho risonho de 55 anos está longe de ser uma testemunha acidental da história: com papéis de maior ou menor importância, Nelson Motta transitou pelos bastidores dos bons sons nacionais que rolaram, da segunda geração da bossa nova ao comecinho dos anos 90, passando por Roberto Carlos, Elis Regina, Raul Seixas e todo o rock brasileiro que explodiu na década de 80.

Há meses no topo da lista dos mais vendidos, o livro *Noites Tropicais* (Editora Objetiva, 464 páginas) se vale das memórias desse jornalista, compositor e produtor musical carioca – nascido em São Paulo – para narrar passagens importantes envolvendo de João Gilberto a Marisa Monte, passando por Frenéticas, Tim Maia e Lulu Santos. Se houve uma unidade entre todo esse pessoal citado na frase e no parágrafo anteriores, ela passa por Nelson Motta, provavelmente o homem que melhor traduziu os conceitos de "música jovem" no Brasil.

Sua abordagem [illegible] [illegible] muitas histórias. Mas não falta [illegible] deliciosas [illegible] registro da presença de [illegible] "[illegible]" de Jobim. [illegible] nas reuniões da bossa nova em [illegible] [illegible] Elis Regina [illegible] Ronaldo Bôscoli – "Solta o meu rabo, pôrra!", disparada para um infeliz que pisou na cauda de seu vestido. Também rola fartura de drogas: Tim Maia distribuindo LSD na gravadora Philips, Nelson iniciando um romance com Elis impulsionado por mescalina; a viagem de Raul Seixas e Paulo Coelho à Disneylândia (com maconha mocozada no cinto de Raul) e como, após apresentar o Rock In Rio de 1985 para a TV Globo, Nelson foi preso fumando meio baseado – para se livrar do processo, teve de pagar todo o cachê que recebera. O tema entorpecente é coroado com o relato de uma discussão nos anos 70 entre Raul Seixas, defendendo a cocaína, e Tim Maia, então apóstolo apenas da maconha.

Nelson constrói pontes [illegible] transições do tropicalismo para MPB, soul, daí para a discoteca nacional e para a chamada "música popular brasileira" até chegar no pop/rock nativo como o conhecemos hoje. *Noites Tropicais* [illegible] a importância de Carlos Imperial – [illegible] na Jovem Guarda e na incorporação de valores do pop à indústria brasileira do entretenimento – [illegible] de Wilson Simonal e de sua [illegible] gênero delicioso que a história oficial tentou esquecer. Outro nome que sai valorizadíssimo da leitura do livro é Júlio Barroso, líder da Gang 90, que morreu em circunstâncias controversas (caiu ou foi jogado da janela de um hotel paulistano) em 1984.

No apartamento de sua [illegible] Constanza Pascolato, em São Paulo, Nelson Motta recebeu a tropa de choque de SHOWBIZZ – [illegible] – para [illegible] de agradabilíssima prosa. Este mês a TV Cultura exibe *Atlântico*, série de programas que ele apresenta junto com a cantora [illegible] de Melo e Castro e que reúne artistas lusófonos como Marisa Monte, Cesária Évora, Teresa Salgueiro (do Madredeus) e Dulce Pontes.

[illegible] *[illegible] Connection* está a caminho, outra série de documentários.

viagens musicais" pelas capitais da música no mundo ocidental: "Kingston (na Jamaica), New Orleans, Havana, Salvador, Rio, Sevilha, Napoli, sempre com um artista local apresentando, como cicerone. Um pouco de turismo, um pouco de história e muita música", adianta. Outra coisa que Nelson pretende concretizar é um álbum, *Cote Porter In Brazil*, compilando gravações das ótimas versões para o português feitas por gente como Caetano Veloso e Hamilton Barbosa. "É disco para ganhar prêmio lá fora", empolga-se. Falante como ele só, é o próprio Nelson Motta quem, emendando o assunto, inicia a entrevista, sem pergunta nem nada.

Nelson Motta: A música brasileira tem um enorme prestígio internacional. Mas por que vocês acham que a bossa nova aconteceu no exterior? Porque era cantada em inglês. Essa é uma diferença fundamental. Mudou tudo. Todas as grandes músicas de bossa nova tiveram a letra vertida para o inglês. Bons letristas americanos fizeram. O próprio Tom escreveu.

Pedro: Você vê possibilidades de sucesso para bandas de rock cantando em inglês?

Nelson: Aí é muito mais difícil. O rock é uma linguagem muito vulgar – sem conotação pejorativa, no sentido de banal. Letra de rock'n'roll em inglês feita por brasileiro... Não sei, não. Porque uma coisa é você pegar as letras do Tom Jobim em inglês, do Chico, do Caetano, do Arnaldo Antunes... Em 1999 saíram vários artigos no *NY Times*, na revista *Spin*. Os caras estão descobrindo a Tropicália agora e constataram que o pessoal no Brasil estava 30 anos à frente deles em termos de audácia poética.

Pedro: Você gostaria de escrever ou ler a biografia de algum músico brasileiro?

Nelson: Gostaria de fazer a do Tim Maia. O *Nuites Tropicais*, aliás, nasceu de um projeto frustrado de livro sobre o Tim. Eu o adorava. Fiquei muito sentido quando ele morreu, apesar de muito que esperar essa notícia há uns dez anos. Quando o Lulu Santos me ligou e disse "foi agora", comecei a chorar. Fique arrasado. Aí sentei o rabo ali e comecei a escrever histórias que lembrava sobre ele. De doidão, de maconha. Na época em que fumo ruim tinha cotação um tim, dois tins. Era unidade de qualidade. Quatro tins era excepcional, equivalia a um mina. (*risos*) Escrevi aquilo, passou a dor um pouquinho. Aí, [illegible] em que minha editora começou a correr atrás dos direitos, apareceu um filho, o [illegible] adotivo, secretária que era herdeira. Em suma, uma confusão de padrão Maia. Então desisti e fui fazer um livro que tivesse bastante Tim, mas tivesse Raul, João Gilberto, Elis.

Felipe: E o Julio Barroso? Existe terreno para se especular sobre a morte dele?

Nelson: Tenho essa convicção íntima no meu coração [illegible] matava nunca. O cara não era um depressivo, pelo contrário, era hiperativo, cheio de planos. Acho que o Julio caiu. Podia estar bêbado, drogado, mas nada sugeria que ele pudesse se matar. Enhava o pé na jaca, mas o Tim Maia viveu 54 anos assim. Julio foi uma figura fundamental.

Pedro: Você acha que "Perdi Dos Na Selva", da Gang 90, é o marco inicial do rock brasileiro como o conhecemos hoje?

Nelson: Acho. Dei ênfase a isso no livro. O rock no Brasil começa com Brasília, Demétrius, pré-Jovem Guarda. Depois bem rock com censura não existe, é uma contradição. O que possibilitou a explosão [illegible] do rock aqui foi a abertura política. Titãs, Ultraje... Isso seria impossível nos anos 70. Os pais, pra mim, são Cazuza, Selvas e Rita Lee, dois franco-atiradores. O Raul tocava rock em festival de MPB e baião em festival de rock – só pra sacanear. Ele e Paulo Coelho formavam uma dupla de farsantes genial. É tão pop isso, a atitude assumida da farsa. Rock é atitude. Raul e Paulo Coelho eram uma farsa colossal, mas com talento.

Toninho: Ficou muita coisa de fora do livro? Quais foram seus critérios para escolher as histórias que entraram?

Nelson: Levei um ano escrevendo e seis meses cortando. Metade disso por estilo. Só de adjetivos, foi uma lata de lixo desse tamanho. Depois tirei histórias boas mas que desviavam a leitura do curso principal. Procurei pegar casos de gente em início de carreira, que é a fase mais deliciosa. Quando as pessoas são inocentes, têm aquela vitalidade animal. Aquela audácia, sem compromisso com nada. O início do Raul, do Edu Lobo, do Arnaldo Antunes. Tomei cuidado também para não invadir a privacidade das pessoas. A revista *Veja* quis me sacanear, como sempre, destacando que eu nunca perdi um amigo por causa de notícia. Isso está no livro mesmo, é o segredo do meu sucesso como colunista. Estávamos em plena ditadura, tinha censura, [illegible]. A primeira vez que saiu a palavra homossexual no jornal *O Globo* foi em 1974, num artigo meu sobre o Ney Matogrosso, que tive de reescrever três vezes para ser liberado. Decidi não falar de discos pirados, shows ruins. Quem eu achava ruim, ignorava. Porque nunca fui crítico de música – era um colunista, um comentarista. Sei poder de todo mundo, e os meus eu pus no livro. Vi muita gente pagando mico, tendo casos. Não dei essas notícias, mas essas pessoas acabaram me dando milhares de outras notícias melhores e exclusivas. Elas confiavam em mim. Esse é um conselho que dou a todo jovem jornalista: jamais perca um amigo por causa de uma notícia. Principalmente se ele for famoso. O cara pode se tornar uma fonte inesgotável de informação.

Felipe: Os personagens somem no decorrer da narrativa de *Noites Tropicais*. Você ia mudando de turma?

Nelson: Tentei dar uma amarrada. De muita gente, eu achava [illegible] essante a fase garoto, como o do Roberto Carlos. I perdi o contato com muitos depois que fui morar em Nova York. Ele [illegible] foi uma lá: Marina, Marisa, Ed Motta [illegible] o bom que esse é meu parceiro. Aguardem "vem aí Tarde De Verão", futuro hit!

Pedro: E e está cantando nos shows essa e outra obra-prima, "Outono No Rio".

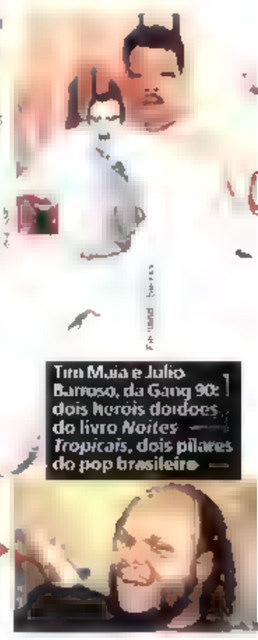
Nelson: O Ed é foda. E o artista mais talentoso de sua geração, uma maravilha de músico. Depois que descobriu a música brasileira, então... Ele se orgulhava de ter 3 mil discos e nenhum de música nacional. Antes de ele ir pra Nova York, falei: "Ed, vai embora, porque aí você vai descobrir a música brasileira". Dito e feito: seis meses depois, o Ed estava apaixonado por Egberto Gismonti, Edu Lobo. Agora sai de baixo, porque ele é um colosso. Marisa Monte e Ed são dos melhores artistas de todos os tempos. Porque eu não acredito nesse negócio [illegible] que nos anos 90 a música brasileira ficou ótima. O negócio é pagode. Isso é moeda, vai passar. Daqui há cinco anos, ninguém lembra. Você vai se lembrar é do Lal de Cassia Eller, Gabriel O Pensador, Raimundos, Chico Science, Skank. O grosso do que tocava na rádio nos anos 80, 90 era uma porcaria tão grande quanto a de hoje. E você lembra do quê? Titãs, Paralamas, Lobão, Lulu. O que tocava [illegible] inimigos do Rei, Dr. Silvana, qualquer merda virava rock. O problema quando um gênero se massifica é que os melhores e os piores ficam muito próximos. Com a bossa nova, isso aconteceu também. Uns picaretas tocavam no rádio e ninguém lembra. Lembra de João Gilberto.

Pedro: Você não acha que a imprensa coloca generalizadamente o pagode sob o estigma de música sem qualidade? Porque tem muita coisa boa no meio... E, em relação a música baiana, o próprio Caetano não se cansa de defender.

Nelson: Eu o defendo adoro, muito também. Primeiro porque não é brega, pagode e sertanejo no mesmo plano. Axé é infinitamente superior, música alegre. O sertanejo não tem nada: letra, melodia, harmonia, não tem ritmo. Isso é um conceito. A música baiana tem um ritmo fodido. Um não. Dezenas. É samba-duro, samba reggae, crocodilo, tuiuiu, terere. As letras são vulgares, é lógico, mas tem grandes artistas fazendo música baiana. A Daniela Mercury é ótima. Pode ser um saco para você, que aguentou ela há dez anos, mas igual ou vi um Lisboa para 60 mil pessoas, foi ótimo. Compreendo que o pessoal fique irritado aqui. O que eu mais detesto é o pagode romântico. É tão ruim quanto o sertanejo. Agora o pagode mais animado, o "sai da minha aba, sai pra lá" (*hit do So Pra Contrariar*), acho divertido. É samba. Esses caras do É O Tchan, eles tocam. A música é boa, tem bom ritmo, não é como o sertanejo, aquela tristeza. O motivo da minha saída do Brasil no começo dos anos 90, foi a Era Collor, a pior fase da minha vida. Sou PHD em crise econômica, mas ali foi demais.

Pedro: Gostaria de saber sua opinião sobre a rejeição acirrada ao Caetano que rola atualmente entre formadores de opinião, principalmente em São Paulo.

Nelson: Existiu um [illegible] hiperexposição do Caetano na mídia durante 30 anos ininterruptos. Caetano é muito falante, tem um temperamento aberto, gosta de dar opinião sobre tudo, é intelectualíssimo. Mas há uma coisa [illegible] Brasil que [illegible] pedir opinião pra tudo de música. Vê se no [illegible] do Clinton vão ouvir o



Tim Maia e Julio Barroso, da Gang 90: dois heróis dordoes do livro *Noites Tropicais*, dois pilares do pop brasileiro

Ed "foda" Motta: para Nelson, entre os top de todos os tempos

Dylan ou o Beck? Na década de 60, Caetano, Chico e Vandré nem sabiam direito o que estavam fazendo. De repente, viraram porta-vozes da liberdade.

Pedro: Você acha que a obra de Caetano ainda tem vigor?

Nelson: É outro argumento que tenho a favor dos anos 90. Para mim, "Futuros Amantes" é uma das três melhores músicas do Chico Buarque. Uma canção que ele fez com 50 anos. "Desde Que O Samba É Samba", de Caetano, considero uma obra-prima. Infinitamente melhor do que "Alegria Alegria". No disco *Tropicália 2* tem cada música... Não faziam em decadência criativa deles. Mas, é claro, como o Chico falou, a música popular é uma arte de juventude. Resumindo o que eu penso sobre o Caetano virar alvo desse pessoal, vou lembrar um ditado que minha avó repetia: "macaco que muito se mexe quer chumbo".

Toninho: As bandas dos anos 80 voltaram a vender bem soltando discos ao vivo. O que você acha desses trabalhos, são uma jogada de marketing?

Nelson: Acho que disco ao vivo com sucessos é um fato da vida. Você esperar dos Titãs, depois de 20 anos de carreira, um disco com dez novas músicas boas, é difícil. O *Acústico* da MTV é uma forma de empacotar um bom repertório. A chave do sucesso é o repertório. Com bom repertório, pode ser até a Nara Leão que cantava mal pra caceta no início da carreira. E tudo a base da música.

Toninho: Como você vê o fenômeno que está acontecendo na parada americana, um artista aparece em primeiro lugar e some logo depois, substituído por outro, que logo cai bastante também.

Nelson: Isso é EU. A. Essa coisa descartável do mercado. Por isso é que a parada lá é uma porcaria. Esse Babyface, Jay-Z... Nunca foi tão fácil fazer disco, por isso nunca foi tão difícil fazer sucesso. Desde que nasci, ouço esse papo que não tem espaço para artista novo. Se houvesse espaço para

"Escuto sempre esse papo de que falta espaço para o artista novo. Mas música popular não é INPS"

todos os artistas novos, não haveria espaço para artista nenhum! Não é? Música popular não é INPS, benemerência. É um business que afeta milhares de vidas, uma coisa importantíssima.

Pedro: No livro você escreve, a respeito de um LP da Marina, "grandes arranjos de Lincoln Olivetti". É uma das poucas vezes que alguém se refere a ele sem repetir a expressão "pasteurizador". Você acha que o Lincoln seria uma espécie de Wilson Simonal – ou seja, um cara que foi publicamente condenado e banido do meio – que não caguetou ninguém?

Nelson: Em certo sentido. O Lincoln é um dos arranjadores mais talentosos do Brasil. As coisas que ele fez com Tim Maia, com Lulu Santos, com Gal Costa... "Festa Do Interior" – metade do sucesso da música se deve ao arranjo do Lincoln. Ele inventou um estilo, mas cheirava, bebia, humava bem, um louco. Lógico, teve um momento em que ele não conseguia se repetir mais, demais da conta, e foi passou a ser marginalizado. Mas a história vai lhe fazer justiça. O Lincoln andou muito junto dele o Robson Jorge (*guitarrista, falecido em 1992*). E, por falar nisso, o Robson já tem sucessor, que é o Max De Castro, por coincidência, filho do Simonal... O ratinho fecha... (*risos*)

Pedro: Qual foi o último rock que você ouviu nos EUA e lhe excitou?

Nelson: Acho o Beck muito legal. Letras bacanas, uma mistura de ritmos, boa atitude. Gostei também do disco do Santana, achei muito bonito. Mas confesso que gosto mais é dos sons black.

Pedro: E o hip-hop? É música ou fenômeno cultural?

Nelson: É um fenômeno, interessantíssimo. Sinto-me mal para comentar com profundidade o hip-hop porque nas letras não dá pra entender as letras. Falo inglês desde os 10 anos de idade, mas não entendo metade do que eles dizem. Minha filha Nina, sim. Ela adora o Ol' Dirty Bastard e o Coolio.

Pedro: Você já ouviu Los Hermanos? Charlie Brown Jr.?

Nelson: Charlie Brown, sim, porque minha filha adora. Ouvi e me diverti muito. É hoje em dia o lado feroz. Raimundos é muito bom, muito escroto. Morri de rir quando vi a capa do *Só No Forevis*. Gosto desse espírito, que é o mesmo dos Titãs e década de 80, tanto que foram eles que descobriram a banda. Agora, os Titãs estão em outra, mainstream.

Marcelo Bonfá lança primeiro disco-solo e condena onda de tributos em homenagem à Legião Urbana

Chega de saudade

por Carlos Marcelo / Fotos: Anderson Schneider

Pai e filho de pernas para o ar, esperando passar uma das últimas tardes de 1999. Marcelo Bonfá, 35 anos, e Tiago, de 7, estavam na varanda da casa construída em condomínio no Recreio dos Bandeirantes, no Rio, à procura de um título para o primeiro álbum-solo do ex-baterista da Legião Urbana.

— Tiago, dá um nome para o disco

Ah, tenho um, mas você não vai gostar, pai

Fala, Tiago!

Não, você não vai gostar

Fala!

— *O Barco Além do Sol*

De onde veio esse nome, Tiago?

— Ué, da minha cabeça, pai!

Assim foi batizada uma das duas estréias mais esperadas pelos fãs da Legião Urbana – a outra, o disco-solo de Dado Villa-Lobos, deve ficar para 2001 devido ao excesso de trabalho do guitarrista como produtor e dono do selo Rock It! "Depois é que eu saquei que o título tem tudo a ver: o barco sou eu. O sol, a Legião. E o além não significa melhor, apenas um lugar diferente. Ou seja, sou eu seguindo meu caminho; é a minha evolução", explica o pai de Tiago.

Marcelo Bonfá gastou três anos para conceber e finalizar o primeiro disco-solo. A longa gestação foi iniciada logo após a morte de Renato Russo, em outubro de 1996. "Foi um momento ▶

O baterista garante que, se chegar ao ponto de subir no palco e soltar a voz, não para mais

"Não ouço nada de música brasileira, só rock inglês. É a sonoridade que eu gosto", revela o fã de Oasis e Manic Street Preachers

de reclusão. Sempre quis me isolar mais para trabalhar, e passei a compor mais ainda no teclado", lembra o compositor de temas que resultaram em algumas das canções mais melancólicas da Legião, como "Angra Dos Reis" e "Vento No Litoral". Nessa época, muita gente achava que o baterista iria se aventurar pela música eletrônica na linha do ambient ou do trip hop, mas logo Bonfá percebeu que sua praia era mesmo o pop-rock. "Percebi que gosto da sonoridade eletrônica, mas misturada com o rock."

Para ajudá-lo a encontrar um caminho e direcionar as composições nascidas no teclado, Marcelo Bonfá recorreu a Carlos Trilha, tecladista e arranjador que produziu os dois discos-solo de Renato Russo, *The Stonewall Celebration Concert* e *Equilíbrio Distante*. "Não poderia chamar um produtor de renome porque eu estava na fase da experimentação. Trabalhamos só nós dois até a etapa final", conta o legionário, que gravou as bases do disco com vocais no mais autêntico estilo "embromation", misturando palavras em português e inglês apenas para testar a sonoridade. Já consolidada no formato pop-rock. "Não ouço nada de música brasileira, só rock inglês. É a sonoridade que eu gosto", revela Bonfá, enumerando as bandas britânicas de sua predileção: Oasis, Verve e Manic Street Preachers. "Dos Estados Unidos, só gostei do último disco do Beck e do primeiro solo do Chris Cornell (ex-*vocalista do Soundgarden*). Putz, queria cantar como aquele cara!"

Mesmo depois de aulas semanais de canto durante um ano, Bonfá reconhece que sua voz está bem distante de possuir o mesmo alcance da garganta de Cornell ou de outros grandes vocalistas do rock. "Mas estou tranquilo. Johnny Rotten (ex-*Sex Pistols*) nunca foi um bom cantor. O que importa é a sonoridade", acredita. Superado o trauma do vocal, outro nó a ser desatado era a poesia. Afinal, como escrever letras pop no Brasil sem ser esmagado pela sombra das obras completas de um dos maiores nomes da história do rock nacional? "Renato é o melhor letrista e poeta do Brasil e ponto. Na Legião, eu não dava palpites. Ele chegava com a letra pronta. Eu lia, achava lindo, algumas coisas eu não entendia p* nenhuma, mas dizia: 'Pô, isso é chocante, vamos nessa, onde é que eu assino?'"

FAUSTO FAWCETT E PATO FU

A solução para evitar as inevitáveis comparações foi partir para a simplicidade. Nada de metáforas complicadas ou radiografias da realidade social do país. As letras de *O Barco Além do Sol* são confessionais, a maioria ingenuamente românticas, como a de "A Dama Do Lago" ("Confesso que me enganei, nem tudo foi como eu quis/E a luz dos meus olhos de prata virou aço e, de aço, solidão") e a do primeiro single, "Depois Da Chuva" ("Eu quero olhar ao meu redor e ver além do que meus olhos podem ver/Além do céu, além do mar e ter certeza que vou te encontrar"). "É um disco de amor, romântico e introspectivo", define Bonfá, que dedica o trabalho à mulher, Simone, com quem está casado há 12 anos. "As letras são cem por cento eu. Mesmo as que não escrevi falam do que eu era, do que sou e do que acredito."

Mas quem conviveu por quase duas décadas com Renato Russo não poderia passar incólume à influência do poeta. Por isso, pipocam referências à Legião nas letras de Bonfá. "Depois Da Chuva", por exemplo, consegue reunir no mesmo verso "Há tempos eu sei que não consigo viver sem seu carinho", títulos de dois grandes sucessos da Legião. Já na acústica "Vera Cruz", o que assusta é o início parecido com outro hit do disco *As Quatro Estações*, "Quando O Sol Bater Na Janela Do Teu Quarto", aqui revisto e ampliado para "Quando A Luz Cobrir De Onda E Sol Os Campos E Os Corações Do Meu País". "A Legião foi minha escola, não tenho como fugir do meu passado. Nem quero isso", garante o baterista.

Bonfá escreveu a maior parte das letras em parceria com Gean Fabra. Ele bem que tentou engatar várias parcerias. Mandou as bases para muita gente, incluindo Herbert Vianna, Arnaldo Antunes e Alvin L., mas apenas duas vingaram. A primeira foi com Fausto Fawcett na delirante "Aurora Do Subúrbio" ("a letra tinha que ser uma viagem como a do filme *Don Juan De Marco*, misturando amor espiritual com amor carnal, e o Fausto entendeu esse espírito"). A segunda, e a mais proveitosa, foi com os mineiros do Pato Fu, que têm no currículo uma elogiada cover da Legião ("Eu Sei"). "Sempre gostei bastante do humor do Pato Fu. Adoro ver os shows deles, porque têm um clima alegre sem ser idiota." Fernanda Takai, em parceria com o guitarrista John, assina a balada "Ouro Em Pó", enquanto "De Um Jeito Ou De Outro" foi composta apenas pela vocalista. "Adorei o que ela conseguiu: uma coisa simples, despretensiosa e bonita", elogia Bonfá.

Outros bateristas que trocaram as baquetas pelo microfone

	de...	a...
Dave Grohl	Nirvana	Foo Fighters
Ringo Starr	Beatles	artista-solo
Phil Collins	Genesis	artista-solo
Bobby Gillespie	Jesus & Mary Chain	Primal Scream
Grant Hart	Husker Dü	Nova Mob e artista-solo
Marky Ramone	Ramones	Marky Ramones & The Intruders
Lobão	Blitz	artista-solo
Robert Wyatt	Soft Machine	artista-solo
Jim Capaldi	Traffic	artista-solo

Letras resolvidas e arranjos definidos, faltava apenas um guitarrista. Bonfá até pensou em chamar o amigo Dado Villa Lobos, mas logo desistiu da idéia. "Tinha medo de ter atrito com Dado. Somos muito amigos, mas nossa relação tem pontos sensíveis. Poderia haver desgaste sem necessidade", explica, enfatizando a necessidade de ambos seguirem caminhos separados no momento. Foi convocado então Fred Nascimento, ex-Tantra, que gravou todas as guitarras do disco. "A gente gosta de sons parecidos de rock, e gosto muito da levada dele como guitarrista", detalha Bonfá.

FILHO FÃ DE MOTLEY CRUE

De gravadora nova (deixou a EMI para assinar com a Trama), Bonfá não sabe ainda se fará shows de *O Barco Além Do Sol*. "Cantar junto com o público é muito legal... Se eu chegar ao ponto de subir no palco e soltar a voz, [illegible] dor certo, eu não sairei [illegible]", garante. Ele vai mais longe e não descarta a possibilidade de cantar músicas da Legião em seus shows. "Claro que não vou sair cantando 'Será', mas algumas letras tem muito a ver comigo, ia ficar bem legal...", aposta.

A maior aflição de Marcelo Bonfá no momento, contudo, não é a definição do repertório da (por enquanto) hipotética turnê de lançamento do disco. O baterista está preocupado com o gosto musical do filho mais velho, João Pedro, [illegible], que toca guitarra e [illegible] do com o pai. "Ele gosta das coisas mais horríveis do rock. É Poison, Skid Row, Guns N' Roses... Me fez até comprar um CD importado do Motley Crue. Já tentei mudar, dei uns discos para ele: Bob Marley, The Cure, Primal Scream, mas ele odiou. Diz que prefere Ozzy Osbourne solo a Black Sabbath. O que vou fazer?", exaspera-se. Mais um dilema típico da relação entre pai e filho. Z

Abaixo os urubus de plantão

Bonfá reconhece que sempre foi mais de ouvir do que de falar. "Até para não falar besteira, achava melhor ficar quieto", diz. Mas se há um assunto capaz de tirá-lo do sério é a onda de homenagens à Legião Urbana. "Vou dedicar esse ano inteiro ao meu disco, ainda mais depois desses urubus de plantão fazendo tributos e cuspindo as letras da Legião em cima do palco", ataca o baterista.

Ele faz um alerta aos oportunistas que incluíram no repertório músicas de Renato Russo para capitalizar em cima do revival da banda brasiliense. "A Legião foi uma coisa muito forte. Se você tocar as músicas da banda e não for uma coisa do coração, será ruim em todos os aspectos: para quem canta, para quem está vendo e uma tremenda falta de consideração com a Legião Urbana, que não estava brincando durante 20 anos. Considero uma sacanagem", desabafa Bonfá, excluindo apenas os Paralamas, que regravaram "Que País É Esse?" ("acho que ali tem uma coisa legal"), da sua lista de desafetos.

Um herói brasileiro

Loucura, sonhos e pesadelos: a trajetória de Lanny Gordin, um gênio da Tropicália que ainda pode ser ouvido

por Luciano Marsiglia
Fotos: Moira Seadon

O palco, pequeno e baixo, fica numa casa de pouca tradição em shows. Na verdade, trata-se de um anexo tímido de uma lanchonete na avenida Consolação, próxima à Paulista, em São Paulo. Sentado numa cadeira de madeira, dessas de barraca de praia, está um músico, aparentando certo desconforto e ansiedade. É sexta-feira, dia gordo para donos de bares e similares. A platéia, no entanto, não ultrapassa 15 pessoas. Nada faz jus ao sujeito que vai se apresentar: Lanny Gordin, o maior guitarrista do Brasil. ▶

"Só para tirar uma onda", gravou deitado no chão do estúdio algumas das guitarras mais marcantes dos discos de Caetano

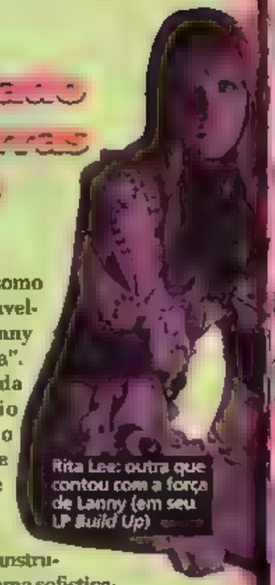
Isso mesmo, "o maior guitarrista do Brasil", conforme exclamou o maestro Rogério Duprat, arranjador do legendário LP *Tropicália Ou Panis Et Circensis*, assim que o ouviu tocar pela primeira vez. Numa comparação com o ex-líder do Punk Floyd que ficou esquizofrênico e vive recluso desde os anos 70, alguém poderia arriscar hoje: "o Syd Barrett brasileiro". Mas, não, isso seria inexato e injusto.

Dias depois do showzinho, encontramos o guitarrista no apartamento onde mora, na rua Doutor Vila Nova, Centro de São Paulo, uma região que não pode ser chamada de nobre. Seu comportamento é completamente diferente: falante, violão em punho, toca com os amigos, conta piada. "Cada dia é um dia para ele", conta Estevão Kalaany, também guitarrista, que o acompanhou naquela noite. "A palavra-chave é clima. Se tudo está legal, ele fica maravilhoso."

A musica que Lanny toca hoje revela harmonias jazzisticas, acordes quase dodecafônicos e melodias brasileiras – o estilo *free*, como ele gosta de chamar, "a liberdade total, sem compromissos com os encadeamentos". "A-ain-da estou no (*estágio*) u-um. Quero chegar no dez", adianta-se, com sua gagueira caracteristica. Filho de pai russo e mãe polonesa, ele nasceu em Xangai, China, em 1951, e viveu em Israel até os 6 anos. Em 1971, um jornalista escreveu que Lanny Gordin fazia musica "apátrida". Nada mais adequado.

Na passagem dos anos 60 para os 70, a música brasileira viveu um de seus mais criativos momentos. Incorporando elementos do psicodelismo hippie (Jimi Hendrix e Beatles) e do pop italiano e anglo-saxão (via Jovem Guarda) à bossa nova e à chamada linha evolutiva das tradições nacionais, artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Tom Zé e Jards Macalé configuraram um movimento histórico, o tropicalismo. Seus trabalhos dessa época são hoje cantados em verso e prosa pela crítica internacional e cultuados por artistas como Beck e Beastie Boys. Pena que provavelmente nenhum deles saiba quem é Lanny Gordin, o "pai da guitarra tropicalista".

Um ponto era pacífico nos discos da turma de Caetano, Gil e Rogério Duprat: a guitarra tinha de ser do Lanny. Dono de uma técnica que aliava agilidade, rapidez e domínio completo do instrumento, possuía uma sofisticação harmônica incomum para um garoto de menos de 20 anos. O mais irônico é que na época ele tinha sido reprovado no exame da Ordem dos Músicos do Brasil. "Eu sabia mais do que o maestro que me examinou. Ele deve ter me reprovado só de raiva", comenta hoje o guitarrista, rindo.



Rita Lee: outra que contou com a força de Lanny (em seu LP *Build Up*)

"Lanny Gordin é inigualável"

"Não me lembro exatamente quando conheci o Lanny Gordin, mas foi um impacto muito grande. Naquela época, nossas carreiras estavam acontecendo ao mesmo tempo. Acho que nunca gravamos juntos, o que é uma pena – seria um sonho para mim.

Já toquei com os melhores músicos e guitarristas do mundo e até hoje não encontrei uma pessoa que tivesse uma visão tão concreta e profunda de harmonia como o Lanny – é das coisas mais serias que já ouvi em música. Ninguém chega perto. É como se ele tivesse uma compreensão que nós não conseguissemos alcançar – o mesmo que Einstein tena visto em relação à teoria da relatividade que nenhum de nós viu. É um entendimento além do que nos, pobres mortais, conseguimos. Tudo isso mesmo.

O Lanny está numa esfera completamente diferente do que as pessoas esperam. É impossivel estar no nivel dele e se comportar como a sociedade exige. Na realidade, a sociedade é que deveria se comportar como ele, para obter uma compreensão universal um pouco maior. Quando um cara tem uma visão diferente, mas o que ele produz é dez vezes melhor do que qualquer outra pessoa produz, provavelmente está mais certo do que o resto da humanidade. Existem poucas pessoas que eu respeite tanto quanto ele.

E isso não é sobre o passado, não. Encontrei-o há pouco e ele continua o cara mais genial que conheci em harmonia. Lanny Gordin é inigualável. É absurdo. É o melhor que já vi."

Sérgio Dias, guitarrista dos Mutantes

Lanny foi descoberto quando tocava na boate paulistana Stardust, de propriedade de seu pai. Hermeto Pascoal, que lá se apresentava todas as noites para animados casais saracotearem no salão, sacou o talento do menino. "Desenvolvi meu ouvido assistindo ao Hermeto tocar", lembra Lanny. Menor de idade, ele precisava se esconder caso o Juizado de Menores aparecesse. Outras regras também eram quebradas, como as que não permitiam aos músicos fugir dos temas ou tocar com "mais energia". Naquele pequeno palco, à meia-luz, cabeça abaixada, Lanny se empolgava, aumentava o volume do instrumento e sacava algumas notas mais selvagens, desagradando aos clientes. Seu tio, sócio da boate, corria para lhe dar uma bronca.

O certo é que aquele estilo anárquico e bem-humorado não combinava com o ambiente – só encontrava respaldo na banda Brazilian Octopus (o baterista Nenê, o percussionista Anunciação e os guitarristas Macumbinha e Alemão), que ensaiava diariamente na casa de Hermeto, o líder. "Escolhi esses músicos a dedo. É o melhor grupo que existe no Brasil", definiu Hermeto, na epoca.

Lanny com Hermeto (ao teclado, de costas) na boate Stardust, em 1969: sons inacreditáveis para dançar de rosto colado

Pouca gente teve a oportunidade de ouvir para comprovar. De qualquer forma, a guitarra revolucionária de Lanny, cada vez mais requisitada para gravações e turnês de outros artistas, logo se afastou do Octopus.

Em 1969, Caetano Veloso convidou-o para o álbum que ficou conhecido como "o da capa branca". Faixas fantásticas como "Irene", "Marinheiro Só" e "Não Identificado" foram registradas enquanto Lanny tocava deitado (!) no chão do estúdio. "O Caetano adorava", diverte-se o guitarrista. "Fazia aquilo só para tirar uma onda."

No mesmo ano, Gal Costa rendeu-se a seu talento, elegendo-o diretor musical e arranjador do show *Gal A Todo Vapor*, consagrado como marco da MPB e registrado em disco. Em 1971, a cantora lançou outro LP, o histórico *Fa-Tal*, também ao vivo. Ali está o registro mais fiel do que era Lanny Gordin no palco: inventivo, surpreendente, descontraído, sofisticado, emocionante. O arranjo e a performance em "Pérola Negra", de Luiz Melodia, são antológicos – e ele tinha apenas 20 anos. O espaço para seu talento ampliou-se ainda mais na turnê seguinte, na qual apresentou o número "A Morte De Um Guitarrista". Naquele ano, gravaria ainda no disco *Build Up*, primeiro solo de Rita Lee.

Rapidamente Lanny tornou-se um mito, causando até inveja nos guitarristas mais experientes. No geral, porem, seu relacionamento com os outros músicos da época era bom. Com o guitarrista dos Mutantes, Sérgio Dias, travava impressionantes "duelos" ao vivo. "A turma é que falava em duelo, a gente ficava na nossa. Para nós, duelo significava tirar um som juntos", lembra.

As coisas aconteciam num ritmo frenetico na vida do guitarrista. Em pouco mais de quatro anos, participou de alguns dos discos mais importantes da MPB, como *Expresso 2222*, de Gilberto Gil, e o primeiro de Jards Macalé. Não havia escolha para produtores e artistas – Lanny Gordin parecia perfeito para qualquer ocasião. Em shows, não era diferente. E lá foi ele tocar com Elis Regina, Sarah Vaughan, Ravi Shankar, Gil. Em uma ocasião, durante a turnê européia do sambista Jair Rodrigues, sua visão da música revelou-se mais clara e contundente do que nunca. Eles tocavam em Lisboa, e parte da platéia, hostil, acusava aquilo de ser "música reacionária". Durante um solo, Lanny calou os patrulheiros esquerdistas simulando o ataque de uma metralhadora com seu instrumento. "Sempre imito o som de bombas de uma guerra que não pode existir", definiu poeticamente, em uma entrevista de 1972. Em sua passagem por Londres, na mesma turnê, experimentou LSD pela primeira vez. ▶

Lanny Gordin, hoje: em tratamento, mas ainda mágico com a guitarra

Era 1974. Botou fogo nas próprias mãos e tocou guitarra enquanto as chamas ardiam. LSD e tragédias familiares o levaram ao manicômio

Atualmente, ele dorme em um colchonete fino sobre o chão de sunteco. Não há nenhum móvel no quarto. Um pequeno abajur, uma agenda em branco e um velho bloquinho de papel, no qual anota compromissos e o que precisa pedir ou dizer aos amigos. É um autêntico diário, que serve de lembrete e abrange seus trabalhos como músico e tarefas das mais banais, como comprar roupas. Os únicos elementos que lembram que ali repousa um guitarrista são as fitas nas quais grava, de forma caseira, suas composiçoes novas, e uma do guitarrista americano de jazz Wes Montgomery. "Não me arrependo de nada do que aconteceu comigo", diz, afastando qualquer sentimento de pena. "Tenho um destino, como todo mundo."

Era 1974. Lanny botou fogo nas próprias mãos e tocou guitarra enquanto as chamas ardiam. O conturbado ambiente familiar (sua mãe viveu anos sem sair de casa e, Lanny sugere, suicidou-se), a sensibilidade aguçada e o uso descomedido de LSD num curto espaço de tempo o levaram a um surto de esquizofrenia – e a pelo menos três internações em manicômios. Da mesma maneira que surgiu, modificando a trajetória da música brasileira, Lanny desapareceu do meio artístico como uma estrela cadente.

Pouco se soube dele nos anos seguintes. Sua memória foi afetada e ele não reconhecia grande parte dos amigos. Em 1979, em sua coluna no jornal *O Globo*, Nelson Motta perguntava: "Onde está Lanny Gordin?", definindo-o como "a perfeita, sonhada e improvável síntese de Hendrix e João Gilberto". Cultuado por poucos e esquecido por muitos, a vida do maior guitarrista do Brasil começou novamente do zero: na boate Stardust, tocando contrabaixo. A técnica na guitarra, acreditava-se, estava perdida para sempre.

Na década de 80, a melhora da saúde mental e uma redescoberta por parte da geração roqueira levaram Lanny Gordin de volta aos palcos. Em 1982, ele chegou a tocar com Paulo Miklos (Titãs) e André Jung (baterista do Ira!) em São Paulo, e com o grupo Aguilar e Banda Performática (do qual fazia parte Arnaldo Antunes), no Rio. A habilidade ao instrumento, um pouco prejudicada, era compensada pela ainda incrível capacidade de improvisar e harmonizar.

Entre os guitarristas, Lanny permaneceu como uma espécie de lenda, um gênio maluco com capacidades musicais inevejáveis. Lulu Santos, fã declarado, tem seu Sitar (instrumento semelhante à guitarra) assinado por ele. "O cara toca por instinto. É um dos grandes guitarristas do Brasil e não tem o respeito que merece", afirma o produtor e instrumentista Carlo Bartolini, o Carlinhos da primeira formação do Ultraje a Rigor, que teve aulas de guitarra com Lanny aos 15 anos.

"Quando o chamo para gravar, não penso numa guitarra – penso no Lanny em determinadas músicas", conta o produtor e baixista Paulo Lepetit, que o convidou para participar dos discos de Vange Milliet e Itamar Assumpção. "Não adianta chamar outra pessoa. Na concepção normal, parece que está fugindo do tema musical mas, de repente, ele volta com algo maravilhoso." A participação no disco de Vange foi bem peculiar: gravou as guitarras da música "Lanny Qual", uma homenagem feita por Chico César.

Quando o assunto é disco próprio, que sempre se especula estar a caminho, Lanny volta com seu humor ingênuo: "Mas que nada, é tudo papo furado, não entra nessa, não". Essa mesma ingenuidade de vez em quando traz problemas. Há dois meses, após um ensaio, no ponto de ônibus, um desconhecido se aproximou oferecendo uma bebida e, aproveitando a distração do músico, roubou sua guitarra – uma Gibson Les Paul, de valor considerável. Suspeita-se também que, no mesmo período, Lanny tenha sofrido agressão de um policial, mas ele é confuso quando fala a respeito – é difícil saber ao certo o que realmente aconteceu.

Em tratamento num centro de apoio psicológico, ele vem superando os recentes contratempos. "O Lanny saiu de um surto, esteve superagitado, mas melhorou", conta Luciano Cenci, que divide apartamento com o guitarrista. Em casa, ouve muita música: John McLaughlin, Beatles e até mesmo Chico Science. Outros shows foram programados e uma gravação recente que fez no disco *Onde O Céu Azul É Mais Azul*, da cantora Margareth Reali, arrancou elogios empolgados do violonista Guinga.

Sem arrependimentos e em paz com o passado, Lanny mostra as fitas gravadas no aparelho de som de seu apartamento, que desfazem quaisquer dúvidas sobre sua capacidade musical. A relação com a musica está em outro plano, quase metafísico, e a guitarra, que deixou de lado durante a crise, solta frasados num ritmo próprio. "O instrumento tem função de karma, de nos livrar dos medos e inseguranças, até que não exista mais nada, apenas música", filosofa.

Ao perceber que suas gravações caseiras agradaram ao repórter, Lanny Gordin não hesita e saca uma fita. "Sou compositante também, né? Gravo, duplico e vendo. Quanto você pode pagar?"

A guitarra de Lanny dourou as pílulas de Gal Costa e Gilberto Gil

Jose Mattos

Cordas de ácido

Antes de tocar com Hermeto Pascoal, em 1968, Lanny integrou o grupo Kantikus, da cantora Suely Chagas (ex-O'Seis), que contava com a participação do também guitarrista Rafael Vilardi, outro ex-integrante do sexteto pré-Mutantes. Junto com Vilardi, Lanny é responsável pelas ultrapsicodélicas guitarras do único compacto do grupo Suely E Os Kantikus, contendo "Que Bacana" (vencedora do Primeiro Festival Universitário de São Paulo, em 1968) e "Esperanto"

Em 1969, com Hermeto e o guitarrista Olmir "Alemão" Stockler, formou o supergrupo Brazilian Octopus e, sim, gravou um unico e raríssimo LP, trazendo uma das suas poucas composições, "O Pássaro" Ele já evidencia nesse trabalho sua forte inclinação psicodélica, especialmente na faixa "Momento 88", parceria do grupo com Rogerio Duprat.

Mas foi especialmente em discos de Gilberto Gil, Gal Costa e Caetano Veloso, gravados entre 1969 e 1972, que Lanny Gordin deixou a marca de criatividade. No LP de Gilberto Gil de 1969 e no clássico *Expresso 2222*, o músico e sua guitarra dão o colorido psicodélico, em musicas como "Cérebro Eletrônico", "A Voz Do Vivo", "2001" e "Back In Bahia". Nos três primeiros discos de Gal Costa, atuando também como arranjador, e no clássico ao vivo *Fa-Tal*, fica clara a sua importância para o que se convencionou chamar de Tropicália

No "álbum branco" de Caetano Veloso (1969), Lanny imprime sua marca nos mais variados ritmos. Em *Araçá Azul*, também de Caetano, divide a autoria da composição "De Cara" e detona sua guitarra roqueira em "Eu Quero Essa Mulher Assim Mesmo" (de Monsueto). Outras grandes aparições estão na musica "Irene", na versão de Tom Zé, ao lado de integrantes do grupo paulista The Beatniks, e no primeiro disco de Jards Macalé, de 1972, em que toca baixo e violão. Lanny tocou também no primeiro disco-solo de Rita Lee – *Build Up*, lançado em 1970 – e, juntamente com os mutantes Arnaldo e Serginho, participou do disco *Carlos Erasmo*, do Tremendão da Jovem Guarda.

Depois de um longo anonimato, sua guitarra ressurgiu no início da década de 80 com o grupo Aguilar e Banda Performática (que contava com a participação do futuro titã Paulo Miklos), com quem gravou um LP Outra performance de Lanny está no disco *Compartimento Etéreo*, de Fábio Antiero, lançado em 1981, na faixa "Pulsação De Tudo"

Nos anos 90, participou da gravação do CD-solo de Catalau, vocalista do grupo Golpe de Estado, que regravou a canção "O Pássaro". No final da década, em São Paulo, protagonizou encontros históricos com Snoopy, ex-baterista do grupo americano Love, clássico da psicodelia. Sem as cordas de ácido de sua guitarra genial, o tropicalismo e o rock brasileiro não seriam os mesmos.

Fernando Rosa (editor do e-zine *Senhor F*)

Fascinado por tropicalismo e tiete de Caetano Veloso, ele já dançou o miudinho com o circulado de fulo baiano. Não se espante se daqui a algum tempo o geniozinho alternativo americano atacar de...

MPBeck

Em 1999, enquanto a parada americana se dividia entre rap metal, música latina e ritmos eletrônicos, Beck mais uma vez surpreendeu com *Midnite Vultures* – um disco sexy e requebrante, que cava fundo no funk, no soul e no hip-hop. Quer dizer, surpreendeu entre aspas. Porque tudo o que este americano de 29 anos vem fazendo desde que surgiu para o mundo, em 1994, com *Mellow Gold* (seu primeiro disco por uma grande gravadora), é pegar a indústria fonográfica com as calças na mão. No lançamento seguinte, *Odelay*, ele misturou a mistura de estilos teoricamente contraditórios como blues, hip-hop, folk e country da estação.

Daí quando todos esperavam que ele continuasse nessa linha – afinal, estava dando certo –, ele se jogou de cabeça nos climas calmos e pariu *Mutations*. O disco também marcou uma aproximação com a música brasileira, influência descarada da bossa nova "Tropicalia". E revelou um de seus ídolos: Caetano Veloso. Beck é fãzoca do *grammyado* compositor de Santo Amaro da Purificação (BA), a ponto de, durante a turnê americana do álbum *Livro*, no ano passado, ter armado para cantar com o baiano em um show em Los Angeles. Pedido feito, pedido aceito. Cantaram tudo "Tropicalia", Caetano chamou Beck ao palco e, juntos, fizeram uma versão "Maria Bethania". Mais tarde, Beck voltou à cena para acompanhar a execução de "How Beautiful Could A Being Be" do último CD de Caetano. Convocado pelo cantor, não se furtou a dançar o miudinho.

Conseguimos conversar com o rapaz durante exatos nove minutos, até um mala da gravadora rudemente nos interromper.

Em *Midnite Vultures*, não há influências da música brasileira. Por que?
Cheguei a gravar algumas canções com influência bem marcante da música brasileira. Elas não se encaixaram na "cara" que eu queria para esse último trabalho, então vou colocá-las no próximo disco, que já está pronto mas ainda não sei quando vou lançar. Tenho de esperar a permissão da minha gravadora, que teme atrapalhar as vendagens de *Midnite Vultures*.

Quando você vem ao Brasil?
Este ano, se possível. Quero ir ao Brasil com tempo. Eu tinha planejado ir no ano passado, mas cancelei quando descobri que só poderia ficar quatro dias. Estava no meio de gravar o disco, tinha de fazer outros shows, minha agenda estava lotada. Tenho mantido contato com Caetano e estou ansioso para fazer algo com ele.

Boa parte de seus fãs brasileiros não gosta de Caetano (pelo menos, não da fase atual). O que você acha disso?
Estou surpreso. Pensei que fosse o contrário, que tivéssemos públicos parecidos. Acho que a música do Caetano está diferente por estar sendo gravada numa época diferente, mas a criatividade e a energia continuam as mesmas. O que me atraiu no som dele, entre o de tantos outros artistas brasileiros, foi o fato de ser mais intenso e ainda assim manter a sonoridade tropicalista. Os outros músicos também usavam elementos do jazz e de fusion, mas faziam um som mais tranquilo.

"Para os americanos, o som de Caetano Veloso é muito vanguarda"

Talvez essa rejeição recente ao Caetano no Brasil seja pelo fato de ele estar muito mais exposto na mídia.
Achei que a música dele fosse mainstream também na época do tropicalismo (*Nota do Editor: de certa forma, era mesmo – Caetano foi ídolo em programas de TV*). Existem muitos artistas americanos que viraram mainstream, pessoas que são realmente culpadas desse "crime". A música que eles fazem é propositadamente difícil para tornar-se popular. Parece-me que Caetano é um artista inteligente. Para os americanos, o som dele é muito de vanguarda. Aqui só dá Backstreet Boys e Britney Spears.

Rita Lee disse que os americanos só descobriram o tropicalismo agora porque o movimento estava anos-luz à frente do seu tempo. Você concorda?
Sim. Descobri a bossa nova e o movimento tropicalista há algum tempo, mas só agora eles viraram moda. Eu não sabia de ninguém mais que os conhecesse. Era meu hobby particular, quase secreto, ouvir esses discos. Acho que os americanos têm uma grande dificuldade para aceitar coisas que fujam de certas fórmulas, ainda mais se essas coisas são em outra língua. Até para mim é difícil conquistar audiência. Olha que eu canto em inglês! Gostaria de cantar em português, que é uma língua que eu considero muito mais bonita e musical do que o inglês.

Numa entrevista à SHOWBIZZ, em 1996, você disse que adorava música brasileira mas não conseguia tocar nada. Já aprendeu?
Sim, felizmente! Quando estava gravando *Odelay*, consegui aprender um pouco com o guitarrista que tocava comigo na época. Bastou ele me ensinar algumas coisas para eu começar a compor várias músicas com a sonoridade brasileira. Escrevi sete ou oito delas e foi assim que começou a nascer o *Mutations*.

É verdade que você tentou tocar cuíca durante as gravações de *Odelay*?
Tentei, mas não consegui. Meu guitarrista, que é um músico exímio, demorou mais de duas horas para conseguir tirar algum som decente dela. É um instrumento muito engraçado.

Você teve contato com algum outro elemento da cultura brasileira?
Lembro-me do assistir a *Black Orpheus* (*Orfeu Negro, filme dirigido pelo francês Marcel Camus em 1959, baseado na peça Orfeu Da Conceição de Vinicius de Moraes*) quando estava no colégio. O Brasil era um lugar exótico para mim. Li o livro de Caetano Veloso, *Verdade Tropical*, e entendi melhor de onde ele vem. Conheci sua história. Um dos meus melhores amigos morou um ano no Brasil e me contou muito sobre o país. Tenho uma imagem bem forte na minha cabeça e agora preciso passar um tempo aí para ver se estou enganado.

Misturando elementos pop e seguindo os mandamentos do "faça você mesmo" punk, uma bizarra e hilariante cena musical agita Belém do Pará. Com vocês, os Reginaldo Rossi – ou Titãs – do século 21...

A nova era Brega

por Vladimir Marques
Fotos: Dirceu Maués

Rubens Motta, o Anormal do Brega: performances tresloucadas e letras inacreditáveis.

e tem um gênero brasileiro que soube encarnar de forma eficiente o espírito do "faça você mesmo" punk, esse é o brega-pop de Belém do Pará. Ignorado pelas grandes gravadoras, longe (distância??) dos grandes centros e sem clipe na MTV, ele vem revelando regularmente novos ídolos, reina absoluto no mercado regional e avança cada vez mais Nordeste adentro. Tudo com discos lançados por conta própria e um sistema de divulgação feito praticamente no boca-a-boca. Por cima da carne seca, os astros do brega-pop querem agora conquistar o resto do Brasil e avisam: só vão descansar quando forem tão famosos quanto Reginaldo Rossi

Até pouco tempo, porém, o brega era maldito em Belém, onde, como é comum no Brasil, os artistas locais não costumam ser valorizados. A maior vergonha, sem dúvida nenhuma, é o fato de Mestre Verequete, o maior compositor de carimbó do Pará, ser obrigado a vender churrasquinho para sobreviver.

"Nos sentíamos depreciados quando alguém usava a palavra breguetro. Era uma forma de desvalorizar nosso trabalho. No final dos anos 70 e começo dos 80, brega era sinônimo de música de marginal, de pobre. Lugares como a Twist, o Pagode Chinês e o Palácio dos Bares, todos localizados na zona boêmia do bairro da Condor, eram os únicos que abriam espaço para a gente. Tocar em FM, nem pensar", lembra Juca Medalha, autor de um dos maiores sucessos da música paraense, a canção "Kelly".

Até a segunda metade dos anos 90, quase nada havia mudado em Belém. Sufocados pela axé e pela mentalidade preconceituosa das rádios, o brega, o carimbó e outros gêneros locais continuavam em baixa. Os bregueiros só faziam shows na periferia e no interior – e vendiam poucos LPs (sim, a era dos CDs ainda não havia chegado para seu público). Foi então que, no começo de 1998, Roberto Villar, um paraense da remota cidade de Primavera, apareceu literalmente do nada com "Profissional Papudinho". Inicialmente ignorado pelas rádios, a músi ▶

O sultão do swingue

Jéssica Kandomblé, "A Bicha do Brega"

Perto dela Isabelita dos Patins é uma moça discreta e comportada. De cara vai logo avisando que não faz shows, e sim "teatro musical" Para tanto, conta uma equipe que inclui maquiador, figurinista, dançarinos e um ator que interpreta um médico durante o sucesso "Doador De Órgãos". Tudo para que Jéssica consiga transportar para o brega o universo escrachado e delirante das drag queens amazônidas (sim, elas existem!). A mistura de *Priscila - A Rainha do Deserto* com circo mabembe deu mais do que certo. Seu disco de estréia, *A Bicha Do Brega*, vende bem, mas Jéssica se queixa por ainda não ter encontrado o homem da sua vida. Segundo ela, o pretendente deve ser loiro, de olhos azuis e ter, no mínimo, um metro e oitenta. De altura, é claro.

Verequete: talento ligado à tradição

Chu[illegible]squinho nunca mais

Ele não tem cetro, coroa e muito menos dinheiro no bolso. Mora numa pequena casa na periferia de Belém, e até bem pouco tempo vendia churrasquinho com a mulher para garantir o sustento. Ainda assim, ninguém há de negar sua majestade. Do alto dos seus 84 anos, Augusto "Verequete" Gomes Rodrigues é, sem dúvida nenhuma, o verdadeiro Rei do Carimbó. Após amargar um longo período de ostracismo, ele atravessa agora o melhor momento de sua carreira. Já gravou dois CDs, voltou a fazer shows e recentemente foi convidado para estrelar o documentário *Chama Verequete*, dos cineastas Rogério Parreira e Luiz Arnaldo Campos. Analfabeto, Verequete também não toca nada: compõe cantando as músicas para a mulher, que vai anotando as letras. Ele defende o carimbó à moda tradicional, estilo "pau e corda", apenas com banjo, percussão e curimbó (tambor feito a partir de troncos de árvore). Foi assim que ele gravou 12 discos – nove LPs, um compacto e dois CDs – e criou clássicos da música paraense, como "Chama Verequete" e "Xó Peru".

Mesmo tendo certa projeção no começo da década de 70, Verequete sofreu na mão de empresários desonestos e jamais conseguiu se firmar como artista profissional. "Passei 18 anos vendendo churrasquinho na rua, pois a música não me dava dinheiro nenhum. Estava tão esquecido que as pessoas não levavam a sério quando eu dizia que era o Verequete ou que era cantor de carimbó. Elas pensavam que eu estava mentindo. Ninguém acreditava em mim", lembra.

Coincidentemente, foi no mesmo período em que o brega pop estourou que Verequete pôde voltar a viver de música. Sensibilizado com a situação do compositor, o prefeito de Belém, Edmilson Rodrigues, decidiu lhe pagar uma pensão mensal. A Secretaria de Cultura do Estado do Pará lançou seu primeiro CD e Verequete voltou a ser convidado para se apresentar. "Enquanto estava vendendo churrasco me dava uma saudade danada de subir num palco para cantar. A música é o meu destino."

Brega Vista Social Club

ca (carro-chefe do CD *Ator Principal*) caiu no gosto do povão e o disco começou a vender sem parar. Atônitas, as rádios locais se viram obrigadas a incluir o hit na programação. A partir daí, a classe média teve acesso ao brega e Roberto Villar tornou-se o novo ídolo da juventude paraense. Outros artistas seguiram, caso de Wanderley Andrade, cuja música "Ladrão De Coração" é tão importante para o brega-pop quanto "Profissional Papudinho". Em tempo: "papudinho" é aquele cara que bebe todas e mais algumas e não dispensa uma boa farra.

A grande sacada de Roberto Villar e Wanderley Andrade foi afastar a estética da dor de corno. "Antigamente o brega só falava de traição e tinha um ritmo mais lento", explica Roberto. "Aceleramos a batida, deixando-o mais dançável. Tem música minha com quatro levadas de rock nacional e new wave. Uso também a distorção do heavy metal em algumas faixas. As letras ficaram mais bem-humoradas, falando de coisas do dia-a-dia e usando tipos populares."

Sem gravadora, Roberto Villar cuida ele mesmo da produção e da promoção de seus discos. Sai de carro pelas estradas do Norte e Nordeste do país com centenas de CDs no porta-malas. Faz pessoalmente a divulgação nas rádios, conversa com os lojistas e faz média com os fãs. Nesse clima de corrida maluca, já conseguiu cobrir quatro estados e 50 emissoras em quinze dias uma semana. Já cantou em Benjamin Constant, Tabatinga e outras localidades do extremo Norte do Brasil e viajou até Letícia, na Colômbia, para fazer um único show. O resultado dessa [illegible] 160 mil cópias vendidas de *Ator Principal*. Feliz da vida, ele desdenha das grandes gravadoras: "Já vieram me procurar para assinar contrato, mas eu não quis. Pra quê? Vendo bem sozinho, cuido eu mesmo da minha carreira e estou feliz assim. Não preciso de gravadoras e nem quero conversa com elas".

Rubens Motta, mutante chifrudo e seu bregamóvel: o futuro é escroto

Rubens Motta, "O Anormal do Brega"

É uma espécie de Alice Cooper. Começa os shows saindo de um caixão, veste as indumentárias mais espalhafatosas (já cantou fantasiado de Conde Drácula, anjo e usa um chapéu feito com um globo estroboscópico e um par de chifres), recebe as bênçãos de um padre em pleno palco e suas aparições costumam ser anunciadas por uma queima de fogos. Recentemente, saiu-se com mais uma novidade: o carro vaga-lume, uma velha Caravan pintada em cores fosforescentes e enfeitada com 8 mil lâmpadas, uma sirene de polícia e outros badulaques. Mas nem sempre toda essa extravagância funciona a seu favor. Certa vez, Rubens Motta se viu em uma situação desesperadora depois que um dos roadies perdeu a chave do seu caixão após ter trancado o pobre coitado lá dentro. O jeito foi a banda improvisar um número instrumental até que a situação fosse resolvida. Apesar do nonsense, tudo tem explicação. Numa análise semiótica capaz de deixar Umberto Eco roxo de inveja, ele apresenta uma argumentação bem interessante a respeito de sua postura cênica: "O caixão é o renascimento do brega, um estilo que andava meio morto aqui em Belém do Pará. A roupa de anjo e o padre significam que a minha missão divina é espalhar o brega pelo mundo. Já o carro vaga-lume mostra o Anormal pronto para viajar na estrada do novo milênio". Ah, sim.

Gaba-se Roberto Villar, o Ian MacKaye (líder do Fugazi, banda símbolo da Independência nos EUA) do brega-pop.

Tanta obstinação acabou contaminando outros artistas. Wanderley Andrade aderiu ao estilo pé-na-estrada e viaja de carro promovendo seus discos. "Vou daqui à Bahia parando de cidade em cidade para [illegible] rádios. Vendi 260 mil cópias do meu disco de estreia, *Ladrão De Coração*. No Nordeste, as pessoas querem bater foto pedir autógrafo, é uma loucura [illegible]."

O sucesso do brega deve muito ao Xodó. De propriedade do empresário Sandro Monteiro, começou apenas como um barracão e hoje é um complexo que inclui casa noturna, bar e estúdio. Ao gravar no Xodó, o cantor já tem garantida a divulgação no Brega Demais, festival que Sandro organiza semanalmente. Se a música for boa, o público dança. Se o público dança, ela começa a ser pedida nas festas de periferia.

Pivazinha do Anaice

Comandado pelo apresentador Luiz Eduardo Anaice, o programa policial ***Metendo Bronca*** é uma das atrações de maior audiência da tevê paraense. É nele que o comediante Jota Almeida deita e rola como Pivazinha (piva é sinônimo de mulher sem caráter), um travesti suburbano cujo sonho é ser uma estrela no estilo Tiazinha do H. Inicialmente, a personagem faria só algumas aparições ao lado de Bobo e Capacidade, um anão dançarino que faz de tudo um pouco, de ler frases de para-choque de caminhão a propagandas de suco de caju. Mas a Pivazinha caiu no gosto popular – e, principalmente, infantil. Daí para a gravação de um disco de brega foi um passo. Faz shows de quinta a domingo – sempre acompanhada por Bobo, Capacidade e, eventualmente, pelo próprio Luiz Eduardo! – e prepara um segundo CD. Mostrando-se uma "mulher" antenada com os novos tempos, ela agora se apresenta como "Pivazinha 2000" e anuncia aos quatro ventos o seu endereço eletrônico na Internet: "pivazinha arromba me.depois do viaduto.com.br".

Frankito Lopes, blue eyes caraíba

Wanderley Andrade, o Ladrão

Há dois anos, ele tomou de assalto a cena musical do Norte/Nordeste com a música "O Ladrão De Coração". Toca com os ex-integrantes do Stress, o primeiro grupo de heavy metal brasileiro a gravar um disco, e seu repertório inclui "Breaking All The Rules", hit de Peter Frampton, o clássico sessentista "Runaway", de Del Shanon, e "Sultans of Swing", do Dire Straits. As meninas ficam em estado de graça quando ele distribui para a plateia o "saco cheiroso do Ladrão", um patuá feito com ervas de cheiro. Cria suas próprias roupas e usa, nos palcos e no dia-a-dia, calças de vinil, botas de salto alto, cintos prateados, jaquetas, pulseiras e cordões. "Sou um cruzamento de Sex Pistols com Nina Hagen, Elvis Presley e Pepeu Gomes", costuma dizer

Se toca nas festas, vende bem. Se vende bem, as rádios são obrigadas a tocar. E se as rádios tocam, surge mais um ídolo para a classe média consumir. Um raciocínio que parece simples, mas que levou anos até ser aprimorado e posto em prática. E quando isso aconteceu, tornou-se um negócio extremamente rentável. Que o digam Kim Marques, Banda Xeiro Verde, Lenne Bandeira e Nelsinho "Geraldo" Rodrigues. Revelados no Brega Demais, todos são campeões de execução nas rádios de Belém e do interior do Pará.

Para cada artista de sucesso, porém, existem dezenas de imitadores tentando pegar carona. "Papudinhos" e "ladrões" infestam as lojas de Belém com músicas ruins, letras idiotas e produção rasteira. "Essa quantidade absurda de imitadores pode cansar o público", alerta Sandro Monteiro. Segundo o produtor musical e radialista Beto Faros, não é preciso nem esperar muito, pois o brega estaria no fundo de um poço que o próprio estilo ajudou a cavar. "Tudo é feito em ritmo industrial, às pressas. Por isso há tanta porcaria no mercado. Os músicos têm talento, mas o comercialismo excessivo atrapalha, fica um artista copiando o outro. O brega atual não tem valor cultural nenhum e nem pode ser tomado como música paraense. Na verdade, não passa de uma Jovem Guarda malfeita."

Sacrilégio? Nem tanto. "O brega que vai sobreviver é aquele bem-feito. O brega esculachado e oportunista é uma moda que está passando. A nossa aposta é mesmo no brega-pop", opina Jorge Reis, diretor da Rádio Liberal FM, uma das mais ouvidas de Belém. Para o produtor Manoel Cordeiro, uma espécie de "guru dos bregueiros paraenses, somente depois de superar esse problema o brega poderá [illegible] nar um ritmo de nível nacional. "Em termos técnicos, estamos no mesmo patamar dos discos lançados pelas multinacionais. Só falta agora o brega sair daqui", alerta.

Wanderley Andrade está de mudança para Salvador, onde vai comandar um show semanal chamado Ensaio Do Brega. Roberto Villar cai na estrada para promover seu novo disco *Pop-Brega-Brasil* (60 mil cópias vendidas). Eles se inspiram no exemplo de Reginaldo Rossi. "Minha meta agora é fazer do brega-pop algo tão popular quanto o axé e o pagode. Quero trabalhar duro para que ele estoure em todo o Brasil e transforme nossos artistas em ídolos nacionais", revela o autor de "Profissional Papudinho". Salve-se quem puder.

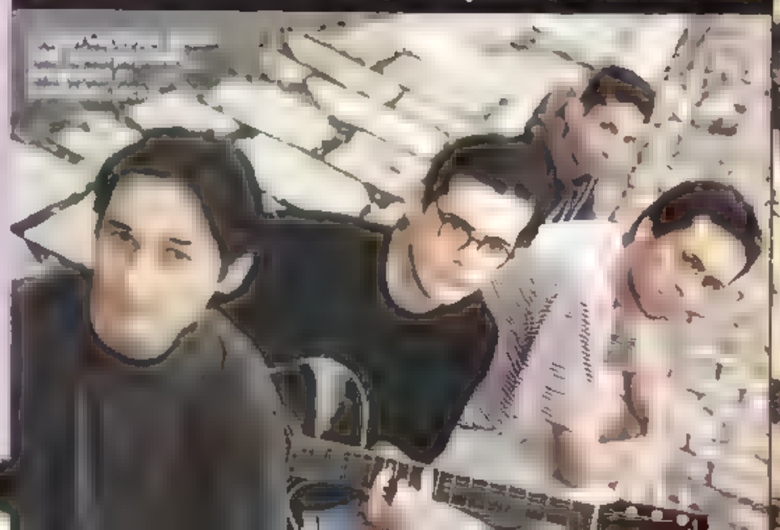
O rock infectado

Muito antes de Wander Wildner virar cult e Los Hermanos estourarem com "Anna Júlia", o casamento do rock com o brega já dava o que falar no underground paraense. Na segunda metade dos anos 80, o cantor Éloy Iglesias e as bandas Insolência Pública, Mosaico de Ravena e Frauzapiukapéia buscavam uma linguagem própria enveredando pela mistura de ritmos. E isso enquanto o pop nacional ainda seguia a cartilha do rock inglês, copiando os gringos no som, nas letras e na atitude.

Nos anos 90, influenciados pelo mangue bit, os músicos locais passaram a ver a fusão de ritmos com outros olhos. Surgiram bandas como Mangabezo e Arcano XIX, com versões próprias – e bem distintas – do pop com sotaque paraense. Por outro lado, nomes ligados a sons tradicionais como Tony Soares passaram a incorporar elementos do rock. Egresso do Arraial do Pavulagem, grupo de boi-bumbá bem conhecido em Belém, Tony viu sua carreira deslanchar depois que passou a usar guitarras distorcidas, percussão pesada e levadas hardcore. Animado, criou o projeto Rock/Roque, festival independente que põe no mesmo palco roqueiros, rappers, grupos de música folclórica e artistas performáticos.

Hoje a fusão rock-brega começa a dar bons resultados na banda Cravo/Carbono. Ela trabalha com guitarras limpas, por influência de Chimbinha e de Mestre Vieira – lendário músico paraense, inventor de um estilo chamado guitarrada (mistura de chorinho com ritmos caribenhos) e capaz de tocar com os dentes, usar garrafa de cachaça à guisa de slide ou pata de caranguejo no lugar da palheta. "Quando comecei a tocar o Jovia Led Zeppelin, Black Sabath, Iron Maiden e queria ser como eles", explica Júnior Lobato, guitarrista do Cravo/Carbono. "Mas percebi que não tinha grana para comprar os mesmos equipamentos. Foi então que o Chimbinha e o Mestre Vieira passaram a ter importância para mim. Eles não estão nem aí. O Vieira tem 70 anos e toca em qualquer amplificador que aparecer pela frente. Tanto faz o equipamento que ele usa, a guitarra é limpa mesmo. Dá até para ligá-la direto na mesa de som. Ao brega e à guitarrada juntamos o rock, a cumbia, o merengue, sons caribenhos, trilhas de desenho animado e tudo o que gostamos de ouvir e que nos influencia."

"Se você prestar atenção no que rola em Belém ou no interior do Pará vai chegar à conclusão que aqui no norte somos tão diferentes que chegamos a ser modernos. Na periferia de Belém as raves acontecem desde a década de 70 nas festas de 'aparelhagem' (*sistemas de som gigantescos que tocam basicamente house e brega*), onde as pessoas dançam por até 12 horas seguidas. Temos nossas particularidades e nossa cultura, incluindo aí o brega. É preciso assumir isso sem querer ser norte-americano e sem vergonha de ser brasileiro. Essa foi a maior lição que aprendemos com o brega", defende o vocalista, Lázaro Magalhães.



Autoramas do sucesso

Inspirado em traições e na maledicência de colegas e falsos amigos, o trio carioca construiu os rocks bacanas que vão levar sua carreira à frente

Por Jaime Biaggio

No apertado camarim do Ballroom, no Humaitá, Zona Sul do Rio, o bate-papo aleatório faz uma curva e dá de cara com a menina que o Brasil inteiro andou cantando, a tal Anna Júlia. Pai da criança, Marcelo Camelo, do Los Hermanos, expressa preocupação com o futuro. "O público está co[illegible] a mesmo", concordam alguns dos amigos presentes. Simone, baixista/vocalista dos Autoramas, [illegible] seu carinhoso conselho ao amigo: "[illegible] cara? Você compôs uma música que [illegible] 1 das paradas, vendeu 200 mil discos [illegible] Não vamos [illegible] estresse!"

Pouco depois, Gabriel, vocalista e guitarrista dos Autoramas, aponta na porta do camarim, chegando para o show (na verdade, seria uma jam com o Carbona, em razão do lançamento de *Back to Bass*, segundo CD destes, mas acabou vendida na mídia como show do Autoramas, mal entendido ao qual o trio reagiu com um diplomático xapralá-e-vamo-nessa). Mais tarde, numa rápida conversa ao pé da bateria com SHOWBIZZ, [illegible] em outro contexto [illegible] de Simone. A questão em foco (ou melhor, fora de foco) é como [illegible] as expectativas do mercado versus [illegible] da banda, as pressões. Seguro, Gabriel [illegible] do repórter: "Cara, aí é uma questão [illegible] banda, isto é um trabalho. Se você entra nessa [illegible] do que não vai vender, não querendo vender nada, é melhor nem ir. Se a São Luiz faz biscoito de [illegible] não [illegible] o tira do mercado." Ou seja, os Autoramas estão preparados para o que vem por aí. Se a Universal, que distribui o CD *Stress, Depressão e Síndrome Do Pânico* (lançamento do recém-criado selo Astronauta), estiver de olho [illegible] em Simone, Gabriel e no baterista Bacalhau como as sementinhas de uma Anna Júlia só sua, tudo bem! "Se acontecer, vou achar ótimo", diz Gabriel. E outra coisa: são eles que vão ralar para que aconteça, [illegible] da estrutura mais confortável de um selo apoiado por uma multinacional. "Tem banda que se dá mal porque chega em gravadora grande e começa a pensar: 'agora [illegible] vão fazer tudo por mim'. Não é por aí, não", fala [illegible].

[illegible] mais tarde, lá está o baterista andando de [illegible] conversando com os técnicos de P.A., tentando [illegible] som para a banda paulistana Zumbis do [illegible] show. Mostrando, enfim, sua disposição [illegible] a mão na massa, e em causa alheia. Aos [illegible] do repórter sobre a infantilidade das letras "mal-[illegible]" dos Zumbis, Bacalhau retruca: "A banda pode ser o que for, mas o som tem de estar bom".

A camaradagem é regra básica de convivência para bandas que interagem em meio à rotina "mais-um-[illegible]-mais-uma-roubada" dos espaços alternativos. Mas e quando a resposta vem na forma de maledicência, inveja, futricas? Tudo bem. Com as [illegible] dos outros, os Autoramas brincam de hitmakers. "Fale Mal De Mim", o primeiro single do disco, responde aos traíras com um misto de ironia e [illegible]. "A [illegible] das bandas escreve sobre amor, [illegible]. Eu escrevo sobre estar puto com neguinho me detonando", diverte-se Gabriel.

A própria banda escolheu "Fale Mal De Mim" como single, enquanto todos os que conheciam o repertório esperavam que o posto coubesse à melodia jovem-guarda de "Carinha Triste". "'Fale Mal' tem tudo que caracteriza a gente", explica Gabriel. "Baixo distorcido, palminhas, a paradinha do Bacalhau, guitarra com [illegible]." Ou seja, power-pop, expressão que atravessa décadas sem perder a validade justamente por não designar um estilo, mas sim o dom de unir massa sonora [illegible] ao sabor refrescante do chiclete de hortelã.

Mas eles preferem nome em português. "É rock para [illegible]", define Gabriel. "Já ouvimos punk, rock de garagem, new wave, rockabilly, a gente não pertence ao [illegible]. É só rock, com baixo distorcido e [illegible] das linguas." Segundo o trio, a [illegible] imagem não especial. Provavelmente [illegible]. Mas para que dar cartaz a quem [illegible] para aparecer? O fato é: se isso é matéria-prima para um candidato a hit, então podem [illegible] tes no saco de igual potência. "A gente está de olho na parasitagem que já começou", ironiza Gabriel. "Mas tudo bem, vampiros inspiram música."

Por ora, ao que se vê, [illegible] o espírito leve. "Se não der certo, a gente se divertiu pra caralho", desencana Gabriel. "[illegible] lançar um disco chamado *Stress, Depressão e Síndrome do Pânico*", [illegible] Simone. Mas, claro, a banda não pretende abandonar a corrida do sucesso por quebra de motor. Até porque [illegible] metas a serem al[illegible]. "[illegible] de stock car com Wilson Fittipaldi [illegible] você eu certinho Wilson [illegible] veloz de Emerson." Fizemos uma [illegible] em homenagem aos irmãos [illegible] antes de a banda [illegible] eles agradecem um pouco de sua [illegible] que fabrica o pedal de distorção do baixo [illegible]. Mas não vão dizer o nome, não. "A [illegible] que ela decida patrociná-los.

Gabriel, Simone e Bacalhau: não temos nada de mal para falar sobre [illegible]

...para você entender e se esbaldar com a música

Cubanos!

Os riquíssimos sons da ilha mais independente do mundo, muito além do Buena Vista Social Club

Se você se apaixonou pela música cubana a partir do disco – ou do filme – *Buena Vista Social Club*, que reuniu astros da velha guarda com o guitarrista americano Ry Cooder, certamente não vai parar por aí. Se recentes lançamentos de Omara Portuondo, Eliades Ochoa e dos Afro-Cuban All Stars (com outros astros do Buena Vista, regidos por Juan De Marcos Gonzalez, o mesmo arregimentador do Social Club) podem matar sua sede, os álbuns solo do cantor Ibrahim Ferrer, do violonista (toca o armônico, uma espécie de violão de sete cordas) Compay Segundo e do espetacular pianista Ruben González vão garantir uma deliciosa embriaguez.

Mas quem quiser ir fundo pode caçar maravilhas mais antigas, do tempo em que Compay Segundo – hoje com 92 anos – era um menino. Sim, já nas décadas de 40 e 50, a música cubana fazia muito sucesso nos EUA, com a orquestra de Perez Prado, o cantor e pianista Bola de Nieve e o energético vocalista Beny Moré.

Nos anos 60, com o bloqueio econômico imposto pelos EUA, o som produzido na ilha deixou de circular livremente no circuito internacional. Cuba passou a exportar a Nova Trova, vertente politizada e bem menos calente. Mas, a essa altura, o son da ilha já tinha ganhado o mundo – a partir de músicos exilados, em alguns casos – e, aberto a fusões, gerado o chamado jazz latino, que tem como expoentes nomes como Paquito D'Rivera, Arturo Sandoval, Chucho Valdés, Mario Bauzá e a banda Irakere.

BENY MORÉ
Beny Moré De Verdad (1960)

Beny Moré (1919-1963) foi um dos maiores nomes da velha guarda da música cubana. Conhecido como "el bárbaro del ritmo" e com paralelo instantaneamente a James Brown, seu carisma e sua maneira de interpretar ajudaram na divulgação mundial do mambo e de vários outros ritmos da ilha durante as décadas de 40 e 50. Cantou com o seminal conjunto Matamoros e foi crooner na orquestra de Perez Prado, no México. Mas fez história mesmo com a banda Gigante, quando retornou à Cuba. Exemplos de suas interpretações inconfundíveis são o bolero-mambo "Cimarron (Mi Amor)" e o son "Que Bueno Baila Usted".

BOLA DE NIEVE
El Inigualable Bola de Nieve (1992)

Sem exagero, é possível dizer que Ignacio Jacinto Villa Fernández, o Bola de Nieve (1911-1971), foi um dos grandes intérpretes do século 20. Sua maneira ímpar de saborear lentamente todas as palavras conquistou fãs em diferentes países e épocas, do Caetano Veloso ao poeta chileno Pablo Neruda. Seus imperdíveis versos de "Flor De La Canela", "Babalú" (aquela mesma que ficou famosa por aqui na voz de Angela Maria) e "La Vie En Rose", gravação-ode que foi alegada por Edith Piaf, interpreta original da canção.

COMPAY SEGUNDO
Balcón De Santiago (1997)

Compay nasceu Máximo Francisco Repilado Muñoz. Segundo por se dedicar à segunda voz, é uma lenda viva da velha guarda cubana. Contrariando o que foi divulgado antes, o mambo da onda Buena Vista, já havia sido redescoberto por americanos (em 1969, e espanhóis (em 1994). Este CD traz Compay, sua agenda de guitarra e o grupo que lhe rou em gravações de 1956 e 1957: son, bolero e toda a energia que hoje ainda transborda em discos como *Yo Vengo Aquí* e *Lo Mejor De La Vida*. Com o sô-, várias faixas com vocais do grande Pio Leiva, outra lenda.

BUENA VISTA SOCIAL CLUB
Buena Vista Social Club (1998)

"A salsa é [illegible] cubano e [illegible] ros ritmos [illegible] be". A frase é de Juan de Marcos González, um dos líderes do Buena Vista Social Club, grupo composto pelos cantores Omara Portuondo e Ibrahim Ferrer e pelos músicos Rubén González e Compay Segundo. Este CD, produzido pelo guitarrista Ry Cooder em 1998, vendeu mais de 3 milhões de cópias em todo o mundo e tem maravilhas como "Dos Gardenias", "Veinte Años" e a antigaiante "Chan Chan", tema principal do BVSC.

IRAKERE
Chucho Valdés Y El Mejor De La Musica Cubana (1983)

O grupo Irakere, comandado pelo pianista Chucho Valdés, pode ser considerado como a melhor escola de jazz de Cuba. Por ele passaram o trompetista Arturo Sandoval e o saxofonista Paquito D'Rivera, que hoje vivem exilados nos EUA. Este CD tem como principal destaque a faixa "Dile A Catalina", originalmente um son, que na versão do Irakere tornou-se um clássico. O grupo chegou a gravar dois discos para o mercado brasileiro (um com Ivan Lins e outro só de boleros) e segue em atividade.

MARIO BAUZÁ
The Legendary Mambo King (1992)

O que hoje conhecemos como jazz latino deve-se em muito a Mario Bauzá. É bem verdade [illegible] nasceu meio por acaso, em maio de 1943, no La Conga Club de Manhattan, em Nova York, quando o maestro cubano resolveu misturar o jazz com o som [illegible] da música de Cuba. O [illegible] deu origem a "Tanga", tema presente neste CD. Dizzy Gillespie [illegible] gravado por ele. Tocando [illegible] dos principais divulgadores do jazz [illegible] Chucho" [illegible] Paquito D'Rivera [illegible].

PAQUITO D'RIVERA
Reunion (1990)

Este CD é tudo pela crítica [illegible] dos cinco melhores álbuns de jazz latino de todos os tempos. Gravado na Alemanha em 1990, traz o saxofonista D'Rivera [illegible] como convidados seu compatriota Arturo Sandoval no trompete, e o percussionista porto-riquenho Giovanni Hidalgo. Entre as [illegible] nores faixas, destaque para [illegible] "Manteca". Chucho Valdés [illegible] American Suite", peça que [illegible] gradável lisboeta [illegible] e Chucho [illegible].

CELIA CRUZ
Mi Vida Es Cantar (1998)

O título deste CD retrata muito bem a filosofia de vida da cantora Celia Cruz, que vive em Miami há mais de 40 anos. Apesar de ser considerada a Rainha da Salsa, ela ensina que "salsa como ritmo não existe, é apenas o nome comercial que colocaram na música cubana". Ainda segundo ela, salsa é uma fusão do mambo, guaracha, cha-cha-chá e rumba. Essa saborosa salada está neste CD absolutamente dançante, bem temperada pela cativante voz da intérprete. Outra coletânea recomendada é *Queen Of Cuban Rhythm*, com gravações de 1959 a 1965.

CACHAO
Cachao y Su Ritmo Caliente (1996)

[illegible] de Orlando "Cachaito" López, baixista do *Buena Vista Social Club* [illegible] ajudou a inventar [illegible] 40 (junto com seu irmão [illegible]) e batizou o que seria depois conhecido como "sonoridade latina" ao baixo [illegible] CD [illegible] algumas de suas melhores [illegible]. Foi as em Havana, em 1957, e [illegible] York (onde Cachao seguiu carreira após a revolução) em 1961, já com [illegible] jazzistas americanos. O clima é de descontração, que é a denominação cubana para [illegible] sessão. Ou seja, há espaço para improvisos e muita leuha.

Franklin Valverde

Lado B classe A

O apresentador do programa Mondo Massari, sexta à meia-noite na MTV, tem um fascinante acervo alternativo que vale por mil viagens

"Eu não sei ao certo, já me perguntei isso muitas vezes, mas minha lenda pessoal diz que o primeiro disco da minha coleção foi um *Muscle Of Love* (disco do Alice Cooper de 19[illegible]), que o meu velho me deu. Acho que eu tinha uns 10 anos", conta Fábio Massari. Uma pessoa que tem uma "lenda pessoal" sobre seu LP número 1 definitivamente não é um simples acumulador de discos. É só fazer o olhar dar um giro de 360 graus pelo apartamento do apresentador no Sumaré, zona oeste de São Paulo, para constatar. O espaço é pequeno, mas onde não tem CD, tem LP; onde não tem nenhum dos dois, você vai encontrar livros sobre música (40 % da biblioteca), algum pôster ou [illegible] relacionados ao assunto.

[illegible] todo [illegible]? "Quatro mil e tantos deve ter isso. Mas não posso dizer porque parei de contar há um tempão", explica Massari. A arrumação "já foi alfabética" (o que significa que os vinis estão ajeitados assim), a dos CDs segue "uma ordem abstrata". Claro que punk e rock alternativo dominam as prateleiras, mas Massari jura que "o demônio de colecionador já tinha se instalado" antes da descoberta dos Sex Pistols ou dos Ramones. Seu pai viajava a negócios freqüentemente para Milão, sempre com [illegible] estranhas. Foi por aí que Fábio se antenou com os sons underground do mundo anglo-saxônico. "Na Itália existem oito revistas de rock. Dois anos antes de o grunge aparecer no *Melody Maker*, os Screaming Trees [illegible] saudados por lá [illegible] estavam [illegible]." E foi assim, engordado à base de vinis pescados na Zabriskie Point [illegible] mitológica loja de Milão, que seu acervo foi ficando enorme.

A música popular italiana que o pai levava para tocar em casa deixou poucas marcas. Mas Massari é capaz de recomendar de bate-pronto o CD *Ad Gloriam*, do grupo Le Orme, "um clássico da psicodelia italiana com clara conexão com o que no Brasil fizeram os Secos & Molhados". O grupo de Ney Matogrosso, aliás, é um dos poucos nomes nacionais a ter a honra de fazer parte da coleção do VJ. A MPB também [illegible] pelas estantes. "Tenho Raul Seixas, Mutantes, algumas bandas novas [illegible]."

O internacionalismo hoje [illegible] no *Mondo Massari* vem de cedo: depois de [illegible] pelos afluentes do punk rock, o apresentador mergulhou em sons de México, [illegible] e Finlândia (ponte que [illegible] razoavelmente difundida nos anos 80). Ainda adolescente, também já havia [illegible] o passaporte para outro país, ou melhor, outro universo: Frank Vincent Zappa.

Cerca de 160 discos do compositor, guitarrista e cantor americano (1940-1993) ficam numa prateleira individual; sua imagem [illegible] de calças arriadas, num vaso sanitário, está num pôster na parede da sala. Algumas de suas canções provavelmente [illegible] reverberam continuamente nos tímpanos de Massari. Fã de Zappa é muito mais do que fã, é um obcecado. Com nosso VJ predileto não poderia ser diferente. Como não poderia deixar de ser, ele tem pelo menos uma história espetacular envolvendo sua devoção. "Eu vi um show do Zappa em Londres em 1984. Ou melhor, vi dois shows dele no mesmo dia. No ano seguinte, fui a Camden Town para ver se encontrava o pirata do show no Hammersmith Odeon. Achei em cassete e não tive dinheiro para comprar o vinil. Voltei na semana seguinte, já meio desesperançado, mas ele estava lá me esperando. O disco se chama *Snake Hips Etc.*: estou registrado nele chorando, batendo papo [illegible]. O choro, se você está curioso, aconteceu quando Zappa tocava 'Joe's Garage'." "Zappa é uma megaescola [illegible] descobre [illegible] músicos [illegible] você aprende muito sobre vários assuntos."

Essa abordagem multidisciplinar e uma sede enorme de conhecimento levaram Massari a passar dois meses na Islândia recentemente. Na bagagem, além dos planos de escrever um livro [illegible], claro, na música, ele trouxe quase uma centena de CDs. O contato inicial tinha se dado nos anos 80, quando trabalhava numa emissora FM e recebeu fitas da [illegible] dos Sugarcubes. "Depois, minha irmã morava na Itália e estudava com islandeses. Há uns dois anos, fui para lá pela primeira vez e fiquei dez dias. Rapidamente descolei uma camaradagem com o dono de uma loja de discos — algo bastante [illegible], já que cada disco custa cerca de 30 dólares. Eu precisava arrumar um desconto, né?"

"Nessa primeira [illegible] iniciado na [illegible] (a [illegible] deste local), veio [illegible] também [illegible] literatura [illegible] traduções para o inglês [illegible]. É uma cultura fascinante, influenciada pela instabilidade geológica. O país fica bem em cima de uma placa tectônica, tem vários vulcões, um longo inverno sem luz, bebe-se muito..." Entre as barbaridades que Massari trouxe de lá está um disco de 1973 da banda Icecross que "vale por um Black Sabbath" da época. Há também o trabalho da banda punk em que tocavam alguns dos Sugarcubes, Purrkur Pillnikk. "Outro disco excepcional é um que a Björk gravou com um trio de jazz, *Gling-Gló*. É de 1990, o álbum é creditado a Björk Gudmundsdóttir e Gudmundar Ingolfssonar, um cara que morreu pouco depois."

A próxima expedição de Massari deve ser para Israel, também com idéia de escrever um relato de viagem. "Eu tenho um livro só de projetos de livros...", suspira.

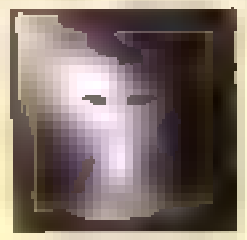
Pedro Só

Fábio Massari e suas prateleiras que valem por uma volta ao mundo do rock alternativo

Prateleira especial

Roky Erickson
Click Your Fingers Applauding The Play
"É muito difícil escolher um disco dele (*gênio que foi para um manicômio judiciário por usar maconha e, submetido a eletrochoques, ficou esquizofrênico*) ou de sua banda, 13th Floor Elevators (*meteoro da psicodelia garageira que assombrou o Texas nos anos 60*), mas esse tem a essência de Roky."

Butthole Surfers
Hairway To Steven
"Clássico de uma banda importantíssima (*que marcou o rock alternativo pré-grunge*). Saiu em 1988, é um divisor de águas, tem várias epifanias sônicas aqui."



Sigur Ros
Von
"É um trio da Islândia, parece coisa da 4AD (*gravadora que deu ao mundo grandes discos de Pixies, Breeders e Throwing Muses, entre outros*). Os caras trabalham todos no mesmo estúdio e tocam tudo. O vocalista tem uma voz superfeminina."

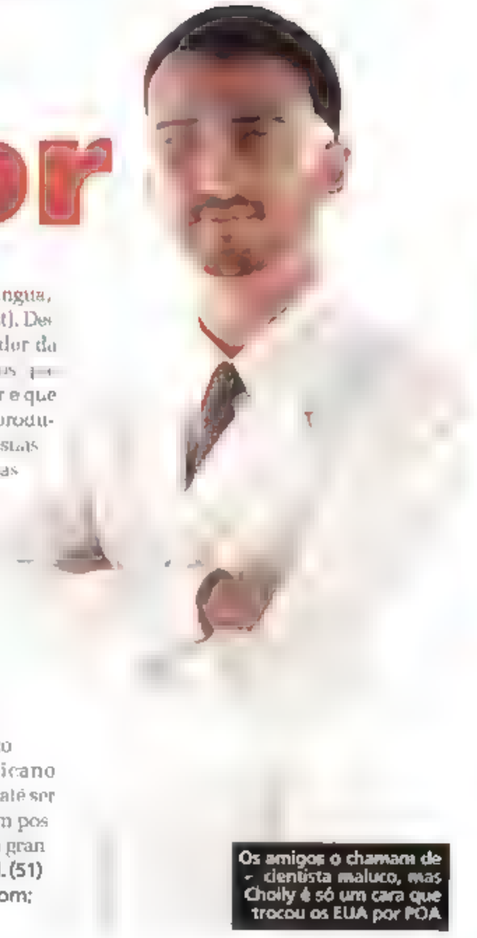
EVOL
Sonic Youth
"Este é o meu disco favorito de uma das bandas mais importantes de todos os tempos (*que influenciou várias gerações, tornando-se sinônimo de rock ruidoso, dissonante e inteligente*). É de 1986 e tem momentos absolutamente preciosos."

New Race
The First And The Last
"Pouco mais de meia hora avassaladora. Foi a associação de Ron Asheton, guitarrista dos Stooges, Dennis Thompson, ex-MC5, na bateria, com três caras da banda australiana Radio Birdman, para uma turnê de 20 datas em 1981 e nada mais. É um assalto sonoro."

Diamanda Galás
Malediction And Prayer
"Esta cantora é um espetáculo, não por acaso o John Paul Jones (*baixista do Led Zeppelin, cujo álbum-solo Zooma é um dos grandes entusiasmos de Massari hoje*) trabalhou com ela. Aqui é só voz e piano, sombrio, emocionante."

Discos independentes, CDs e fitas demo
Envie para: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, SP

Pop de produtor



Mãe brasileira, pai americano, avó italiano – mafioso. Infância na Filadélfia, adolescência dividida entre EUA e Brasil. Lar definitivo no ano 2000: Porto Alegre. Charles "Cholly" Di Pinto, 28 anos, produtor musical em tempo integral, decidiu que a capital do Rio Grande do Sul é o melhor lugar do mundo para fixar residência e diz que vai ficar. A missão é produzir as novas bandas gaúchas e incentivá-las a persistir. "Nunca morei numa cidade que tivesse tanta gente talentosa mas com um certo desânimo que não consigo compreender." Acreditando nisso, Cholly organizou o **Projeto Hyper** – Trinta Músicos, Um Produtor E Um Estúdio Em Porto Alegre, cujo título explica tudo. O americano convidou músicos da nova geração para interpretar composições que ele passou um ano concebendo. A música eletrônica é o fio condutor mesmo com o currículo dos participantes passando longe da tendência. Pedro Verissimo (vocalista da Tom Bloch), Marcelo Fornazier (guitarrista do Defalla), Zé Natalio (baixista da Papas Da Língua), Simone Carvalho (vocalista da Just), Dexter Lay (DJ do Da Guedes) e Mini Fiuder da W[illegible] Sá e Algodão Doce emprestaram seu talento ao Hyper e que sempre zanzam pelo estúdio do produtor gravando ou ensaiando com suas bandas independentes. Em algumas [illegible] destas, "To Be Free" e "Walkman" possuem indiscutível charme pop. "O trabalho tem seu lado R&B [illegible] tudo também. Marisa Monte, Fiona Apple, Tori Amos, Roni Size, Björk são artistas que adoro muito", entrega. Uma iniciativa genial e inovadora de um grupo quase sem sotaque (e que não conhecia o projeto anglo-americano N.K.L.E., iniciativa semelhante, até ser entrevistado por SHOWBIZZ). Com possibilidade de ser lançada por uma grande gravadora. Merece. **Contatos: Tel. (51) 9943-6609; e-mail: cdp@cholly.com; site: www.cholly.com**

Os amigos o chamam de cientista maluco, mas Cholly é só um cara que trocou os EUA por POA

Suingue goiano

Goiás não produz só tomate e dupla caipira – os rapazes da Casa Bizantina provam isso

"Naquela época do Faith No More, fazíamos funk-o-metal", lembra o guitarrista e vocalista Fabian Lin, do grupo **Casa Bizantina** (nome inspirado na mistura de culturas do velho Império sediado na atual Constantinopla, Turquia). Era 1992 e as bandas brasileiras tinham sonhos meio parecidos. "Aí, acabou a ilusão de fazer sucesso como o Sepultura. Descobrimos a música brasileira e passamos a escrever em português", completa. Hoje, o repertório dessa "forma, mais próximo do reggae e apostando em letras críticas, pode até ser confundido com o do primeiro disco d'O Rappa, "um dos melhores álbuns já feitos" – baba Fabiano. O rapaz manda um vocal muito parecido com o de Falcão, o que não é nenhum demérito. As 12 faixas do recém-lançado D.D.D., primeiro CD do grupo, têm produção cuidadosa e refrãos marcantes. Evoluíram e estão loucuinhos para atingir novas cercanias. **Contatos: Tel. (62) 278-3435, e-mail: casabizantina@starmedia.com**

Diesel: rock americano made in Minas

Tipo exportação

A trajetória da banda **Diesel** está sendo traçada à moderna americana. Desde o primeiro single, o quarteto de Minas Gerais batalha por um espaço no mercado dos EUA. Em 1996, o líder Gustavo Drummond viajou um tempo por lá e fez contatos importantes. Aconselhado por empresários, voltou ao Brasil e gravou um recém-lançado álbum. Todos os integrantes se mudaram de Belo Horizonte para Nova York no meio do ano. A base serviu para agendar shows na Big Apple – já começou uma data no histórico CBGB's, palco que apresentou Ramones para o mundo, está quase acertada. Goo Goo Dolls, Creed, Toad e até Jeff Buckley, nos momentos mais inspirados do CD – são referências que vêm à calhar. Na primeira audição da Diesel, O som é hard rock cantado num bom inglês, com letras que conseguem dizer algo. **Contatos: Tel. (31) 9995 5444, site: www.diesel art.br**

Curitiba com cãibra

O iguana é um trio na rabeira do sucesso

Raio-D Um exame nas fitas-demo mais interessantes do mês

Charlie Road

Som: Hardcore melódico
Origem: Jundiaí, SP
Auto-retrato: "A banda existe desde 1993. Mudamos a formação várias vezes e há dois anos optamos pela linha melódica. Estamos lançando I Talk To You Every Now, nossa sexta fita-demo. Além de Bad Religion, temos influências que vão do rock inglês ao heavy metal."
Resumo crítico: O que difere o Charlie Road do excessivo número de bandas nacionais de hardcore que cantam em inglês são as guitarras agressivas, à Placebo. Para apreciadores não-radicais do estilo.
Produção: Boa
Contatos: Tel. (11) 7393-4048, site: www.charlieroad.tsx.org

Zaius

Som: Rock experimental
Origem: Curitiba, PR
Auto-retrato: "Dizemos que é MPB, música psicodélica brasileira. Nosso som tem muito de Stravinsky, João Gilberto, punk-rock, Beatles [illegible] da década dos 70 é bem viada. Comparam a gente com King Crimson e Yes. As letras são simbolistas e até surrealistas. Temos uma preocupação literária, um exercício poético que não é muito comum no [illegible]"
Resumo crítico: [illegible] segunda demo de [illegible] que bebem bastante na fonte do [illegible] progressivo. "Balas Nas [illegible] é o destaque.
Produção: Boa
Contatos: Tel. (41) 252-4286, e-mail: zaius@altavista.net

Mentevozativa

Som: Jazz rap
Origem: São Paulo, SP
Auto-retrato: "O que nos influencia é o hip hop e o acid jazz. Grupos como Brooklyn Funk Essentials, The Roots, Buckshot Lefonque e [illegible] MPB de Toquinho e Vinicius de Moraes estão entre nossos preferidos. Queremos fazer o oposto do que fazem os Racionais MC's. Nada de falar sobre troca de tiros e drogas. Apenas uma mensagem positiva, visando um futuro melhor."
Resumo crítico: Quatro rappers mais quatro músicos de jazz compõem o Mentevozativa, de proposta interessante e com muito para mostrar.
Produção: Regular
Contatos: Tel. (11) 5873-3294, e-mail: ratohop@zipmail.com.br

Lançamentos, trilhas inéditas, remixagens, gravações ao vivo
Programa Radar. Uma trip sonora dos anos 80, 90 e 2000

Crítica

Notas de 0 a 10 dadas pelos críticos e colaboradores de SHOWBIZZ

Ah, se os Beatles fossem brasileiros...

Disco perdido dos Mutantes gravado em Paris durante turnê em 1970 é finalmente editado

MUTANTES
Tecnicolor 10
Universal

Havia um buraco negro na primeira fase luminosa da produção dos Mutantes, que durou até o guitarrista Sérgio Baptista assumir a liderança e fazer da banda uma filial brasileira do Yes ou do Emerson, Lake & Palmer. Em 1970, o grupo – já acrescido do baixista Arnolpho Lima Filho (o [illegible], que se tornaria um grande produtor da geração 80 do rock nacional) e do baterista Ronaldo Leme (o [illegible]) – foi convidado para uma turnê européia, centrada em Paris. Lá, eles gravaram o que [illegible] estúdio Des Dames, sob a produção do inglês Carlos Olms [illegible] de aranha nas prateleiras da Polygram [illegible] durante mais de três décadas, até que a gravadora – hoje Universal – resolvesse editá-lo. As razões alegadas para o aborto do lançamento na ocasião eram a ausência de um "exotismo brasileiro" e a confusa overdose de idiomas (inglês, francês, castelhano e até português, entre eles) nos vocais.

Ledo engano. O disco tinha tudo para se transformar em uma das maiores sensações psicodélicas do pop rock, ainda que [illegible] começo dos anos 70. A abertura com "Panis Et Circenses", de Caetano e Gil, [illegible] o tom: "The same old [illegible] inside. Are very busy with their [illegible] subs[illegible] pessoas na sala de jantar [illegible] em nascer e morrer". [illegible] traduções [illegible] "Virginia" [illegible] Mesmo [illegible] inglês [illegible] Special Out" não deixava nada a dever para as canções dos melhores grupos psicodélicos californianos dos anos 60. Sem falar na impagável versão de "A Minha Menina" (Jorge Ben), gravada no segundo álbum do grupo (de 1968) [illegible] My Shoe Shop" [illegible] de tocar agogô) [illegible] I'm in love in samba.

Canções como [illegible] ("Saravah", no disco lançado agora) e a versão de "Baby" (de Caetano Veloso) tornariam a aparecer no álbum *Jardim Elétrico*, de 1971. O que de [illegible] era o mérito deste lançamento extemporâneo que deve seduzir tanto o pessoal da velha guarda quanto os novos adeptos dos Mutantes. Afinal, se os Beatles fossem brasileiros, eles responderiam por este nome.

Celso Pucci

Ilustração [illegible]

[illegible] de responsabilidade de [illegible] e não necessariamente expressam a opinião oficial da revista

La Tengo: do Velvet derground

Rock sedativo

YO LA TENGO
And Then Nothing Turned Itself Inside-Out (9)
Matador/Trama

Quando o casal Ira Kaplan e Georgia Hubley encontrou no guitarrista James McNew o parceiro perfeito para suas experimentações caseiras, um novo herdeiro do Velvet Underground erguia a coroa. O Yo La Tengo vem amadurecendo sua hipnótica e doce equação entre sussurros, ecos e a repetição elíptica dos três acordes do punk, assumindo a missão de levar o legado de Lou Reed e John Cale em frente. *And Then Nothing...* continua a explorar o nicho aberto no lúdico *Electr-O-Pura*, fundindo melodias perfeitas e vocais celestes com grooves de rock alemão, noise, guitarras estridentes e teclados taciturnos. Com cada vez menos percussão (a bateria de Georgia torna-se ainda mais discreta, como se apenas marcasse o tempo da música), os teclados dão o clima onírico que o disco exala (vide a etérea "Everyday", "The Crying Of Lot G" e "From Black To Blue"), acompanhados da guitarra fantasmagórica de McNew. O vocal da moça está mais influenciado pela bossa nova (resquícios de "Center Of Gravity", do último disco), que também marca presença em "Madeline", "Tears Are In Your Eyes" e "Tired Hippo". Kaplan sussurra como Lou Reed, deixando as palavras morrerem antes da voz conseguir sair inteira. O lado sedativo é só uma parcela do disco. "Let's Save Tony Orlando's House", o hit potencial "You Can Have It All" e a versão noise para "Cherry Chapstick" (do KC & the Sunshine Band!) seguram a porção rock, que gira basicamente em torno do romance do casal central. Entre a paixão e a vigília, a banda faz rock como se o Cocteau Twins acordasse no meio do terceiro disco do Velvet. Difícil é distinguir o que é sonho e realidade.
Alexandre Matias

Certo de que está certo

Showbizz – O novo disco tem recebido ótimas críticas...
James McNew – Quando você está certo, você está certo (risos)! Estou brincando, mas é realmente excitante trabalhar duro em um disco e depois ver as pessoas adorando o resultado.

Showbizz – O que você acha de ser conhecido no Brasil? Há bandas brasileiras que tocam músicas do Yo La Tengo em seus shows...
Verdade? Preciso escutar essas versões! Acho fantástico! É muito legal que os discos estão saindo aí, espero que isso possibilite a realização de alguns shows.

Showbizz – Como será a turnê de lançamento?
O Lambchop vai abrir os shows da primeira parte da turnê americana. Eu estou animado, pois é uma das minhas bandas preferidas. Vamos ter dois membros extras na tour: David Kilgour e o Mac McCaughan (*líder do Superchunk*). Vai ser uma bela turnê.

GORKY'S ZYGOTIC MYNCI
Spanish Dance Troupe (9)
Beggars Banquet – IMPORTADO

Melodias frágeis na nova aventura dos galeses

Depois de cinco álbuns e uma [illegible], de atravessarem a puberdade excursionando, de serem despejados de uma grande gravadora, de desistirem de cantar no idioma [illegible] e das inevitáveis substituições na formação do time, os galeses do Gorky's Zygotic Mynci nos entregam pouco mais de meia hora de melodias frágeis e letras bucólicas. E desta vez, a magia do quintet[o] [illegible] será sentida mais de perto, já que a Roadrunner promete lançar o CD no Brasil em breve – nada do grupo teve [edi]ção nacional até então. É o disco mais experimentado da [ban]da. Muitas das 15 músicas de *Spanish Dance Troupe* vinham sendo executadas ao vivo nos últimos anos. Caso de "Poodle Rockin'", um maravilhoso rock caipira permeado por latidos [illegible] e teclados arrebatadores. Mas Euros Childs, o cérebro [illegible] Gorky's, dá poucas tréguas para o humor descompromissado. Ele consegue transportar [illegible] composições [illegible] tristeza como poucos. Em canções pop perfeitas como "Faraway Eyes", "Freckles" e a faixa-título, o banzo se faz presente em facetas distintas. Pode ser saudades da infância, dos tempos de colégio ou de um amor do passado. Para acentuar a melancolia, [illegible], da turma de Euros, penetra com seu violino [n]os momentos mais dilacerantes [illegible] [di]scão, recomendado para quem ouviu *Pet Sounds* [illegible] [obra-pri]ma dos Beach Boys), gostou [illegible]
José Flávio Junior

ALEX CHILTON
Set (8)
Bar/None – IMPORTADO

Fundador do Big Star grava velhos sucessos da América

Sentindo o feeling daqueles shows em fevereiro do ano passado, Alex Chilton (fundador do lendário Big Star) enfiou-se num pequeno estúdio em Nova York com seu baixista Ron Easley e o baterista Richard Dworkin e gravou uma série de versões para velhos sucessos da música negra americana entre as décadas de 50 e 60 – aquele período em que soul, blues, funk e rock podiam ser a mesma coisa. Doze das 14 faixas gravadas vêm a [lume] através deste magnífico *Set*, um disco imune ao tempo, clássico nato. Com uma cozinha digna da gravadora Stax (uma das grifes mais luxuosas do soul daquela época), ele transforma [illegible] uma dessas antigas canções em jóias perfeitas. Nomes que [o] pop atual fez questão de esquecer, como Eddie Floyd ("I Never Found a Girl"), Benny Spellman ("Lipstick Traces"), Johnny "Guitar" Watson ("Hook Me Up"), Dave Van Ronk ("You's A Viper"), Gary Stewart ("Single Again") e Ollie Nightingale ("You've Got A Booger Bear Under There") surgem remoçados graças à guitarra e, principalmente, à voz intacta de Alex.
Alexandre Matias

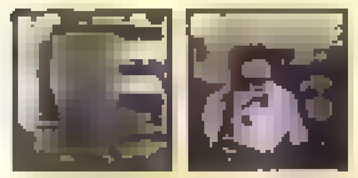
THIRD EYE BLIND
Blue (5)
Eastwest/WEA

Mais canções para ouvir no rádio, gostar e esquecer

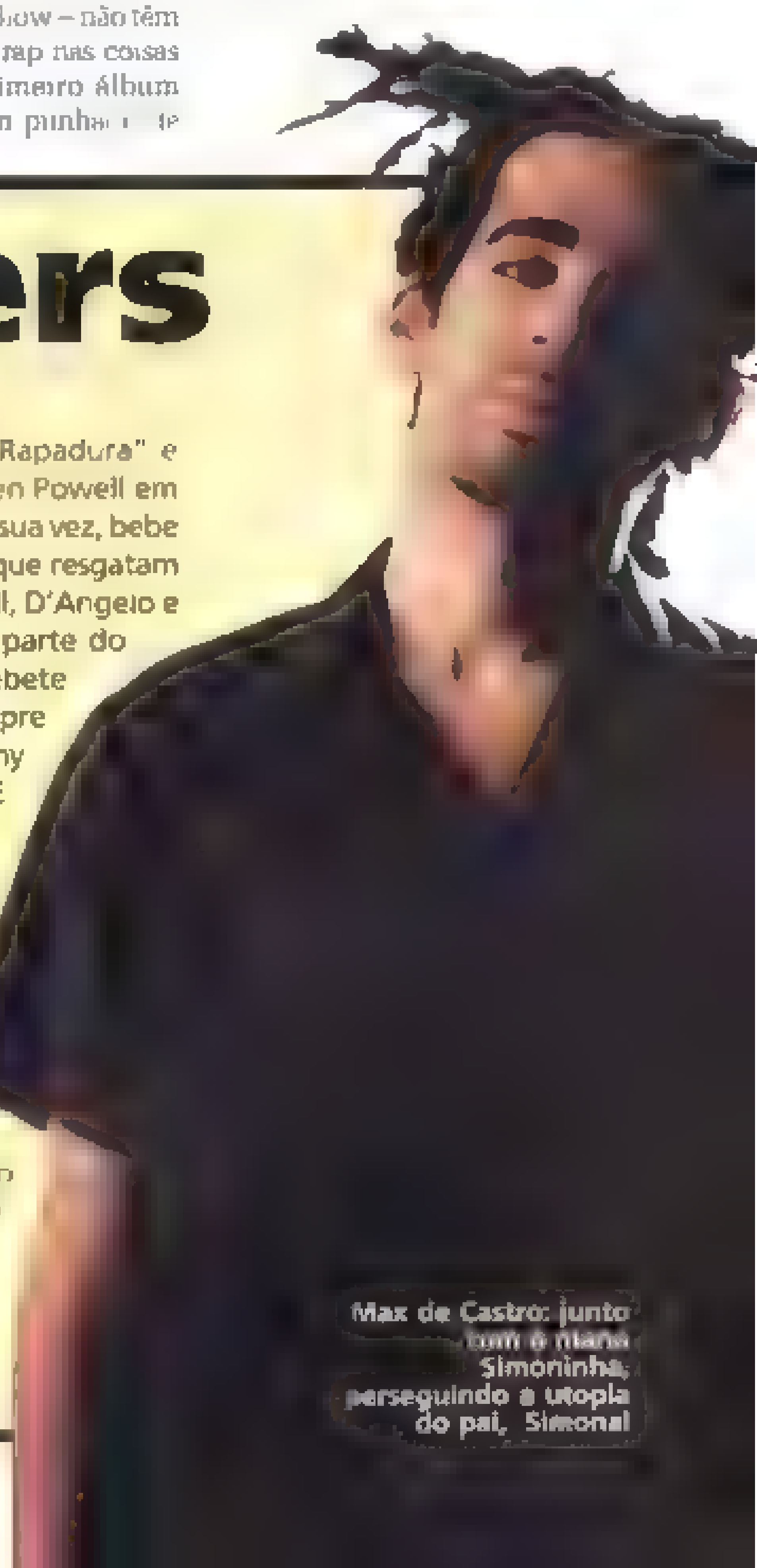
Primeiro, os méritos. O Third Eye Blind é formado por quatro bons músicos, que apreciam e valorizam a melodia – essa tão vilipendiada senhora – e que – pelas graças de São Kurtis Blow – não têm a mania de enfiar rap nas coisas que fazem. O primeiro álbum deles continha um punhado de canções [illegible]. Este segundo é muito bem produzido e tem um hit, "Never Let You Go", conduzido por um eficiente riff de guitarra e agradáveis falsetes. Agora, a parte chata. Um: pastiches de AC/DC como as faixas "1000 Julys" e "The Red Summer Sun" só funcionam para uma banda, o próprio AC/DC. Dois: o fato de o líder Stephan Jenkins ser ex-estudante de literatura não quer dizer nada. Afinal, é da natureza de estudantes de literatura cometer ficção imatura e tola como a da letra de "Ten Days Late" (a namorada-e-sua-menstruação-que-atrasa). Na balança, uma bandeca supérflua para ouvir no rádio, gostar e esquecer.
Pedro Só

Soul brothers

MAX DE CASTRO (7)
Samba Raro
SIMONINHA (7)
Volume Dois
Trama



Filhos de Wilson Simonal, um dos artistas mais completos surgidos no cenário da MPB, Max de Castro e Simoninha, de uma certa forma, perseguem a utopia que moveu a carreira do pai: fazer rhythm'n'blues com sotaque brasileiro. As ousadias de Simonal tiveram bons resultados nos anos 60 e 70 – vide a versão suingada do homem para "País Tropical", de Jorge Ben, e o proto-rap "Nem Vem Que Não Tem". Nos casos de Max e de Simoninha, se suas obras ainda não podem ser consideradas espetaculares, são belas promessas para o novo milênio. A dupla casa samba com soul music e ritmos eletrônicos. Mas acrescenta um elemento que falta a 90% dos DJs e artistas modernos de hoje: melodia. No caso de *Samba Raro*, a guitarra suingada de Max anuncia os climas doces da faixa-título e da bossa "Ela Disse Assim", ao via o discurso "tá ligado" dos rappers em "Rapadura" e proporciona o resgate de Baden Powell em "Afro-samba". Simoninha, por sua vez, bebe na fonte dos artistas dos EUA que resgatam a soul music – casos de Maxwell, D'Angelo e outros. Se funciona? Em boa parte do disco, sim. As versões de "Bebete Vãobora", de Jorge Ben (sempre ele), e "Eu E A Brisa", de Johnny Alf, não comprometem, não. E "Música Romântica" bem que poderia ganhar execução nas rádios, se estas não estivessem tão preocupadas com os novos grupos de pagode ou a última sensação da Bahia. No mais, seria de bom tom esquecer essa besteira de colocar introdução nos discos. O artista pode até pensar que esses trechinhos soam como referência. Mas a impressão que fica é que o CD está com defeito.
Sérgio Martins



Max de Castro: junto com o mano Simoninha, perseguindo a utopia do pai, Simonal

Memória punk

INOCENTES

O Barulho Dos Inocentes (8)
Abril Music

Garotos Do Suburbio (5)
RDS/Sky Blue

O rock paulistano safra 80 se rendeu definitivamente aos discos de versões. Mas os resultados foram desiguais: se os Titãs gravaram um sofrível álbum de covers, o Ira!, ao contrário, saiu-se muito bem com o ótimo *Isto É Amor*. O Inocentes se encaixa no segundo caso. Clemente & Cia. foram buscar a matéria-prima para elaborar suas versões no mesmo gueto em que eles despontaram na primeira metade da década de 80. Ou seja, na explosão do punk rock da periferia. A seleção abrange até duas encarnações anteriores do Inocentes: Condutores De Cadáveres ("Desequilíbrio") e Restos De Nada (com a música homônima). Segue pelo hardcore do Olho Seco ("Sinto"), passando por Ratos De Porão ("Periferia", com canja de DJ Branco, do Pavilhão 9), Garotos Podres ("O Verme") e 365 ("São Paulo"), além do hit "Sandina", dos gaúchos Replicantes. É de se notar que os Inocentes não se limitaram a reproduzir fielmente a podreira punk dos originais. "Quanto Vale A Liberdade", do Cólera, ganhou um inusitado arranjo de cordas que valorizou a canção. Por sua vez, a paulada de "Franzina Costela", do Sex Noise, trouxe metais para acompanhar versos como "Meu pai me batia/ Com vara de vergalhão/ Vara de araçá/ E cabo de vassoura/ Eu apanhava todo dia, todo dia!". A única faixa de um grupo gringo é "Quero Ser Seu Namorado", versão em clima de Jovem Guarda (incluindo um órgãozinho safado) para "I Wanna Be Your Boyfriend", do Ramones.

Quanto a *Garotos Do Suburbio*, trata-se da edição em CD da demo inédita que levou o Inocentes para o rádio e a assinar com a gravadora Warner (no qual lançariam o mini-LP *Pânico Em SP*, em 1986). Gravada em um esquema tosco, em um estúdio de oito canais em Santo André (SP), ela funciona mais como registro histórico dos primórdios da banda. O que não impede que os fãs curtam as versões iniciais de "Ele Disse Não", "Expresso Oriente" e "Miséria E Fome", entre outras. O próprio Clemente avisa no encarte que eles lançaram este CD pelo fato de não haver em catálogo nenhum dos trabalhos gravados pela Warner naquela época. E completa: "nosso público não pode de maneira alguma ser privado de ouvir os sons que curte, por causa dos devaneios de uma multinacional."

Celso Pucci

STEEL PULSE

Living Legacy (7)
Paradoxx

Veteranos do reggae ainda dão no couro

O Steel Pulse entrou para a história do reggae por dois motivos. Primeiro, pela capacidade de aliar uma sonoridade acessível, mas com letras extremamente politizadas – o que fez o grupo cair até no gosto dos punks ingleses. Em seguida, o Steel Pulse [illegible] seus quatro primeiros álbuns obrigatórios para quem deseja conhecer o chacundum feito pelos ingleses. A outra grande característica da banda é fazer apresentações perto da perfeição. E, acredite, o burburinho costuma pegar quando esses ingleses de Birmingham estão inspirados. O baterista Steve Nesbitt é um metrônomo humano, mantendo cacetadas perfeitas, que casam com a voz suave do guitarrista David Hinds, que, por sua vez, é acompanhado pelas intervenções "rap" do tecladista Selwyn "Bumbo" Brown. A fama de bons de palco do Steel Pulse já levou a banda a abrir os shows da turnê européia de Bob Marley, no final dos anos 70. Nas décadas seguintes, o grupo reagrupou discos chinfrins, tendo apelado até para produtores de Madonna e afins. Em compensação, no palco eles ainda mandam brasa. A melhor prova é este *Live*, gravado em shows na França, Porto Rico e Holanda. Com reggae de boa cepa ("Bodyguard"), as melhores faixas dos últimos discos da banda ("Bootstraps", "Back To Roots") e hinos da fase mais gloriosa do Steel Pulse, como "Sound System" e "Klu Klux Klan", esta última em uma bela versão dub.

Sérgio Martins

Dave Grohl ao cubo

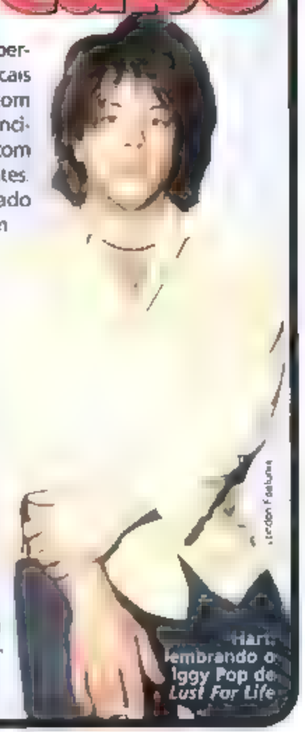
GRANT HART

Good News For Modern Man (10)
Pachyderm – IMPORTADO

Quase uma década antes do Nirvana, houve o Hüsker Dü a desbravar a alternativo índia americana. E, assim como há o caso Dave Grohl, temos Grant Hart. Sentado na bateria de um dos trios mais barulhentos da história do rock estava um melodista sensível, capaz de compor delicadas belezuras. Autor de "Sorry Somehow", de "Green Eyes"... Segundo alguns fãs, autor da maioria das grandes músicas do Hüsker Dü – e também a ruína da banda. O vício em heroína o levou a ser demitido pelo guitarrista e vocalista Bob Mould no final de 1988. Sua demissão foi inapelavelmente o fim. Nos anos 90, lutando ainda contra a bebida, tentou a sorte com uma banda, Nova Mob, mas foi ofuscado pelos louros que o ex-colega colheu, solo e à frente do grupo Sugar.

Seu retorno é tão inesperado quanto inspirado. Acessível e vibrante, lembra os majestosos The Idiot e Lust For Life, que Iggy Pop fez com David Bowie em Berlim no fim dos anos 70. Os deliciosos timbres dos teclados são os mesmos. Uma grandiosidade semelhante é perseguida por meio de reverberações nos vocais com vibrato, que acabam lembrando o tom "natural" de Bowie naquela época. E – principal – as canções beiram à perfeição, todas com brilhantes refrãos, nervosos, porém confiantes. As letras, simples, vão do óbvio bem sacado ("as pessoas estão com medo/ se arrastam em suas gaiolas/ trancam a porta e baixam a persiana/ numa casa fria/ numa cidade fria") a temas cultos ("Não tenho tempo/ então esqueça o Louvre/ tenho de correr correr correr para o Centro Pompidou (museu de arte moderna em Paris)/ tantos sinais que quero desobedecer/ (...) tenho dois mil anos de cultura diante dos olhos/ (...) o que vejo aqui é como uma cultura morre"). Baladas? Grant provê nos formatos soul pop ("Letter From Anne-Marie") e pop clássico ("You Don't Have To Tell Me Now"), cuja letra dilacera: "você não precisa me beijar agora/ é só um gesto vazio/ e eu acho que já sei"). Detalhe: o cara toca quase tudo sozinho. Outro disco assim e ninguém mais vai lembrar do Husker Dü.

Pedro Só



LEN

You Can't Stop The Bum Rush (6)
Work/Sony

Ecletismo formado por rock, hip-hop e eletrônica

O pop anda tão multifacetado que qualquer recurso está valendo para escalar as paradas. Saudado como revigorante, esse ecletismo vem cada vez mais se alimentando de bandas que misturam diversos estilos – em uma palavra, ecléticas. Na primeira fase dessa tendência, nomes consagrados em um gênero divertiam o alvo em outro. Exemplo: uma banda de rock estourava com um rap. Na fase seguinte, ninguém pertence a nenhum segmento específico, como o grupo canadense Len. Liderado pelos irmãos Burger Pimp e Sharon, o quarteto faz música com ingredientes básicos do cardápio sonoro de qualquer jovenzinho urbano mediano: rock, hip-hop, [illegible] Feelin' Alright", muito parecida com Rentals (só que sem o teclado Moog) e "Cheekyburger" devem agradar nords alternativos. "Cryptik Souls Crew", "Beautiful Day" (com o MC Biz Markie) e "Hot Rod Monster Jam" agregam batidas Miami bass com raps meio tiro e frases. Todas podem levar a banda a emplacar em várias frentes. Ou naufragar em todas. Porque se tudo é pop, nada é pop. Palavras de sobra para consolar o Len.

Emerson Gasperin

THE CURE

Bloodflowers (6)
Polydor/Universal

Robert Smith chega aos 40 sem mais nada para queimar

Envelhecer, ao contrário do que acreditam Xuxa e outros seres da república das aparências, não é mau passo, pecado imperdoável ou punição divina. É a ordem natural das coisas – e pode trazer sabedoria e iluminação. Agora, quando um sujeito que estreou alguns dos melhores momentos do rock dos anos 80 e atravessou com dignidade a década seguinte faz um disco árido como este, estamos diante de um fenômeno diverso.

Em "39" (referência à idade com que escreveu a música) o neoquarentão Robert Smith canta os versos mais inspirados e sinceros dessas nove faixas (quase todas demasiadamente longas e modorrentas): "Eu costumava alimentar o fogo/ mas o fogo está quase apagando/ e não há mais nada para queimar". Se é ele quem está dizendo...

Claro, fãs e discípulos vão descobrir prazeres em faixas como "Maybe Someday", sublinhar a excelência técnica dos violões de 12 cordas, emocionar-se com "There Is No If...", elucubrar ligações com *Pornography* e *Disintegration*. Mas, no fundo de seus corações, todos sabem bem que, dos álbuns do Cure, este deve ser o 15º, 16º melhor.

P.S.

Leite quente

ILLYA KURYAKI AND THE VALDERRAMAS
Leche (7)
Interdisco/Universa

Dante Spinetta e Emmanuel Horvilleur, os dois argentinos que também atendem pela extensa alcunha Illya Kuryaki And The Valderramas, trazem os holofotes para si desde "muchachos". Quando começaram a rapear (podem ser considerados os pioneiros do hip-hop portenho), no início dos anos 90, não tinham idade nem para dirigir. Suas composições eram bem mais ingênuas do que as que produzem hoje, e público e crítica tinham maior facilidade em acertá-los. Dizer que os garotos se tornaram pervertidos é pouco. As fotos do encarte de *Leche*, sexto álbum da dupla, poderiam estar na revista pornô *Hustler*. Nessa atmosfera *caliente*, Dante e Emmanuel estão cada vez mais próximos da lascividade funkeira. A evolução pode ser sentida com a audição de *Chaco* (terceiro disco e maior êxito do duo), do despiugado *Ninja Mental* (quarto trabalho) e do subsequente *Versus*. Todos são produtos muito divertidos e cheios de groove. Mas *Leche* é explicitamente erótico. "Jennifer Del Estero", "Latin Geisha", "Cooto", "Hecho Mierda" e "DJ Droga", que tem a participação do lendário baixista Bootsy Collins (Parliament/Funkadelic), possuem apelo para se transformar numa "Livin' La Vida Loca" do ano 2000. Isso, num mundo em que Rocco Siffredi fizesse mais sucesso que Tom Cruise, Larry Flint fosse presidente dos EUA e revista de sacanagem servisse de cartilha.

José Flávio Júnior

BRUCE DICKINSON
Scream For Me Brazil (9)
Sanctuary Records | IMPORTADO

Vocalista olímpico põe fãs brasileiros para gritar

O nome diz tudo. Feliz de quem testemunhou as histórias noites em que Bruce Dickinson, "a" voz do Iron Maiden, homenageou fãs brasileiros gravando este CD em São Paulo. Com o jogo ganho, o cantor despejou o intrincado repertório de *Chemical Wedding* (1998). Se as letras ocultistas e místicas baseadas no poeta inglês William Blake foram compreendidas ou não, pouco importa – o clima instalado é de torcidas de futebol e paulada após paulada, todas as letras são cantadas em coro impressionante. A brutal densidade metálica do disco vem em boa parte das guitarras do velho companheiro de Maiden, Adrian Smith, que faz par perfeito com o dublê de guitarrista e produtor Roy Z. Dickinson visita ainda *Accident Of Birth* (a faixa-título e "Dark Side Of Aquarius") e *Balls To Picasso* – em "Tears Of The Dragon", quem vê as lágrimas e o público. Sem concessões, Dickinson provou ser corpo e alma da Donzela de Ferro.

Carlos Eduardo Oliveira

Balanço para "astroboys"

Como o som de vocês evoluiu?
Dante: Em nosso primeiro disco, de 1991, fazíamos rap misturado com rock. O que aconteceu foi que os discos de rap nos levaram ao funk. De Snoop Doggy Dogg e Dr. Dre, chegamos a George Clinton. Voltamos a escutar coisas da nossa infância, que nossos pais ouviam, como Earth, Wind & Fire, Stevie Wonder, Al Jarreau.

E o que rolou com seu público?
Emmanuel: Mudou. Mas eles já se acostumaram. Somos uma banda nômade e o que esperam da gente é um disco diferente do antecessor. Isso as vezes é bom, as vezes é mau. Não temos estilo. Ou melhor: temos muitos. O que nos trouxe novas audiências, nos levou à Espanha e a toda a América Latina. Com *Leche*, vamos chegar aos EUA. Basicamente, quem vai ao nosso show é quem gosta de cantar em karaokê (*risos*). E "astroboys" (*gíria para latina para "mocinhos"*).

A relação da banda com sexo beira a perversão. Vocês são o que vocês escrevem nas músicas ou vestem personagens?
Emmanuel: As duas coisas.
Dante: Acho que o sexo tem a ver com o ritmo (*Emmanuel ameaça abrir a braguilha e uma avalanche de risos toma conta da entrevista*). O funk traz essa energia consigo. Você se sente King Kong. Então, na hora de escrever, temos de colocar essa energia.

AIR
The Virgin Suicides (7)
Astralwerks | IMPORTADO

Retrocesso enquanto o álbum novo não vem

A dupla francesa Jean-Benoît Dunkrel e Nicolas Godin não mente muito nem tanto na hora de compor seus discos quanto no planejamento de sua própria carreira. Depois de [illegible] *Moon Safari*, o duo acrescentou duas [illegible] a uma velha [illegible] singles do começo da carreira [illegible] ganhando fôlego para pensar no próximo álbum ao mesmo tempo em que ajudava a manter seu nome no inconsciente coletivo. Na trilha sonora para o filme de Sophia Coppola, *Virgin Suicides*, o grupo aproveita para galvanizar a reputação com seu particular minimalismo instrumental da fase de transição do Pink Floyd, trilhas sonoras de filmes italianos, Burt Bacharach e cool jazz. Aqui, sua música ganha uma certa morbidez devido ao tema do filme, mas as canções continuam macias e confortáveis. Bom sonhos.

Alexandre Matias

MORPHINE
The Night (7)
Trama/Ryko

O testamento de Mark Sandman, morto em 1999

Todos os cinco álbuns anteriores do Morphine poderiam passar por obras póstumas. A discografia do trio americano é marcada pelo tom noturno, por uma inquietação quase não-corpórea [illegible] lentidão e [illegible] um arrastamento de última categoria, mas sobre os ritmos e arranjos. Este *Night* estava pronto e com título quando Mark Sandman, vocalista de sussurros de alcatrão e baixista de econômicas duas cordas, morreu de infarto no palco, aos 46 anos. O disco [illegible] uma descida aos abismos. Mark destila seco humor noir e grooves substanciais animam "Top Floor, Bottom Buzzer" (com o órgão de Medeski, do trio com Martin e Wood) e "A Good Woman Is Hard To Find". Mas é impossível não ficar arrepiado com as sinistras baladas "The Night" e "Take Me With You" – respectivamente abertura e fecho ("me leva com você quando você for [illegible] do CD.

P.S.

Tremei, bandidos!

BEZERRA DA SILVA
Produto Do Morro (7)
É Esse Aí Que É O Homem (7)
Alô Malandragem, Maloca O Flagrante! (9)
Malandro Rife (8)
Violência Gera Violência (7)
Eu Não Sou Santo (7)
BMG

Roqueirinho brasileiro adora tirar onda de bandido. Obcecada pela violência urbana e pela vida carcerária, a nova geração macaqueia uma malandragem que não é a dela. Poderia ser apenas patético, mas a coisa fica séria quando jornalistas e formadores de opinião, tomados pelo fascínio de "menino branco" (cito a expressão em referência à letra de "White Light White Heat", do Velvet Underground, copiada deslavadamente por Renato Russo em "Mais Do Mesmo"), embarcam na onda, alimentando uma glamourização culturalmente empobrecedora e eticamente nociva.

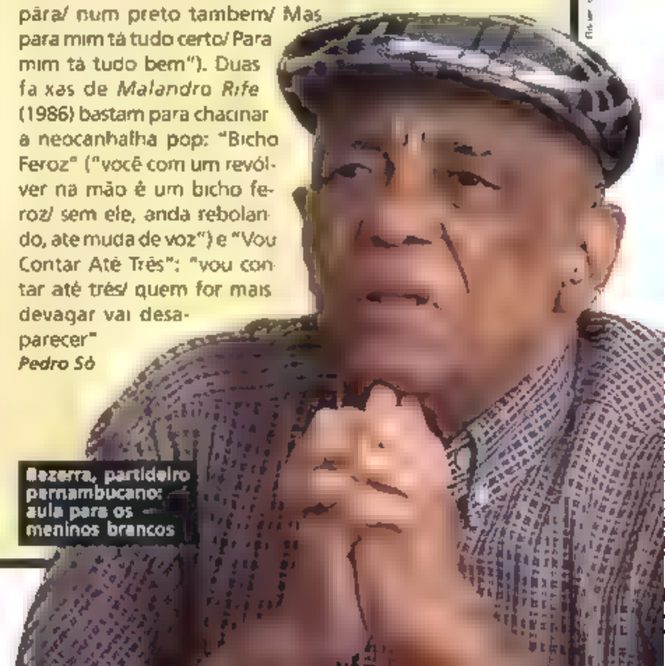
Nada como bons e velhos discos de Bezerra para enquadrar essa falta de talento. O discurso marginal canalizado pelo partideiro traz, além da tal autenticidade, criatividade e humor, artigos em falta no shopping da pivetada.

Produto Do Morro (1983), antes do mergulho no "sambandido", oferece galatices de primeira como "Minha Sogra Parece Sapatão". *É Esse Aí Que É O Homem* (1984) tem "Defunto Caguete" ("quando a polícia pintou no velório/ o dedão do safado apontava pra mim"), pérola composta por Adelzonilton, autor – junto com Popular P. e Moacyr Bombeiro – do maior sucesso de Bezerra, "Malandragem Dá Um Tempo". O megahit está em *Alô Malandragem* (1986), que também inclui a gen al "Quem Usa Antena É Televisão".

Violência Gera Violência (1988) traz "Candidato Caô Caô" e a indignada "Raiva De Tudo", com um verso de humilhar Mano Brown ("estou tomando raiva até de mim", cortesia de Gracia do Salqueiro).

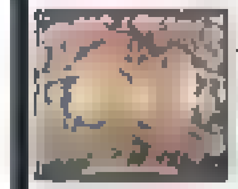
Por falar em drogas, *Eu Não Sou Santo* (1990) vale só pela inclusão de "O Preto E O Branco" ("tem preto, compadre/ que pára num branco/ tem branco que pára/ num preto também/ Mas para mim tá tudo certo/ Para mim tá tudo bem"). Duas faixas de *Malandro Rife* (1986) bastam para chacinar a neocanalhalha pop: "Bicho Feroz" ("você com um revólver na mão é um bicho feroz/ sem ele, anda rebolando, até muda de voz") e "Vou Contar Até Três": "vou contar até três/ quem for mais devagar vai desaparecer".

Pedro Sá



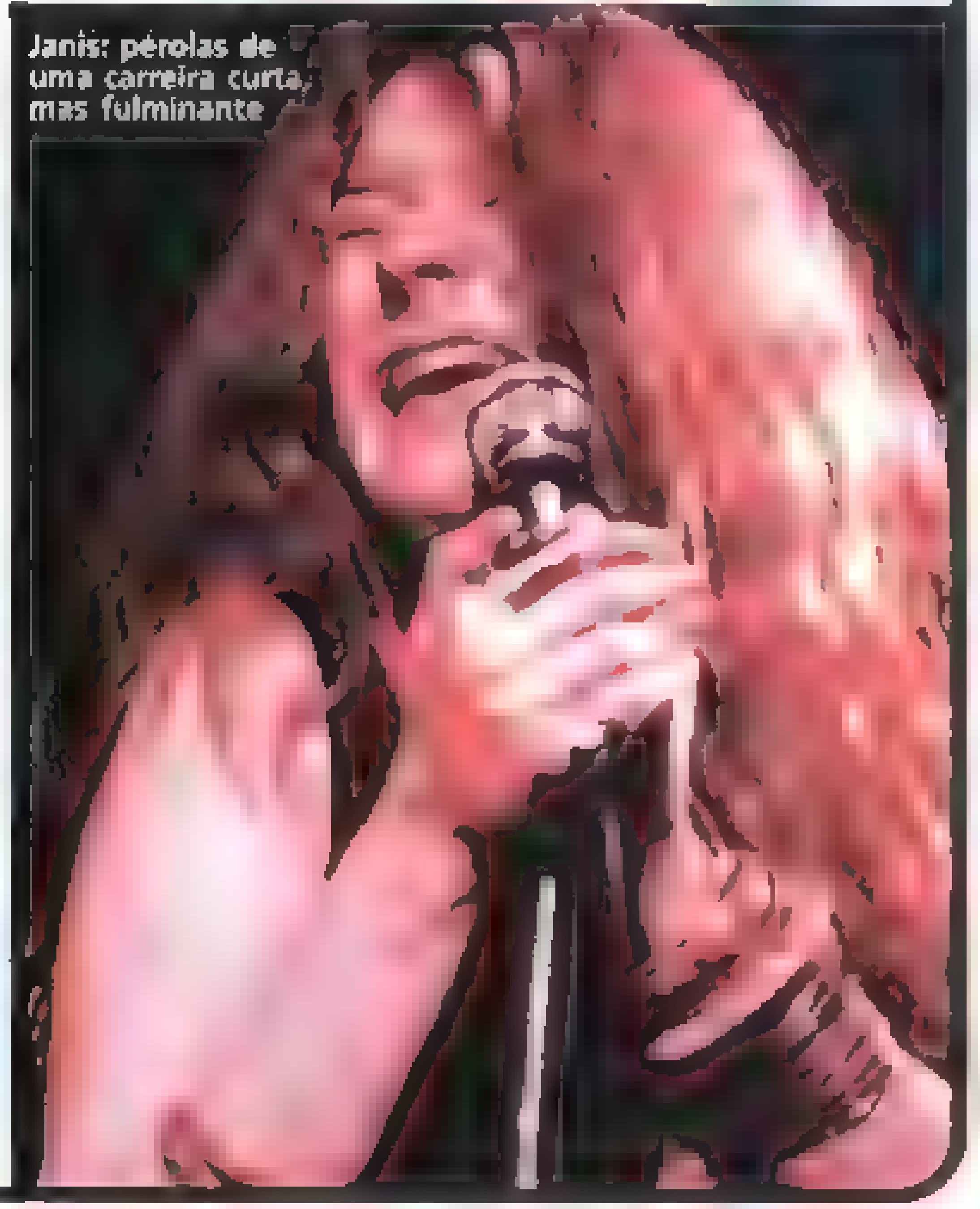
Bezerra, partideiro pernambucano: aula para os meninos brancos

Muito além da baranga



JANIS JOPLIN
Box Of Pearls (8)
Columbia/Sony

Existe coisa pior do que morrer aos 27 anos, numa overdose acidental, depois de terminar um trabalho excelente? Sim. Ser associada a bichos-grilos deslocados de geração, ser vomitada por rádios que fazem do rock música retrógrada para ogros ignóbeis... Virar símbolo das mulheres-que-não-tomam-banho-e-têm-o-sovaco-cabeludo, ser vulgarizada como "a baranga hippie que o Serguei carcou". Tudo isso, somado a trinta anos de hiperexposição (ironicamente, o caminho mais curto para isso é a morte: o cada vez mais necrófilo público do rock exige que os mortos apareçam mais do que os vivos), acaba ofuscando uma excelente cantora que merece ser descoberta sem preconceitos. Quem ouvir esta caixa como se descobrisse, sei lá, uma Macy Gray ou outro talento contemporâneo, vai adorar. São quatro CDs de série, todos engordados com apetitosas faixas-bônus: *Big Brother & The Holding Company*, estréia do grupo em que Janis cantava, impregnada da psicodelia da São Francisco de 1967; o supervalorizado *Cheap Thrills*, LP sucessor que inclui "Summertime" e "Piece Of My Heart"; a estréia solo da cantora, *I Got Dem Ol' Kozmic Blues Again Mama!*, puxada por "Try"; e o magnífico *Pearl*, que ela concluiu pouco antes de morrer. Ainda há um quinto CD, *Rare Pearls*, dois out-takes de estúdio e três faixas ao vivo que alegram os mais fanáticos.
Pedro Só



Janis: pérolas de uma carreira curta, mas fulminante

LEFTFIELD
Rhythm And Stealth (8)
Columbia/Sony

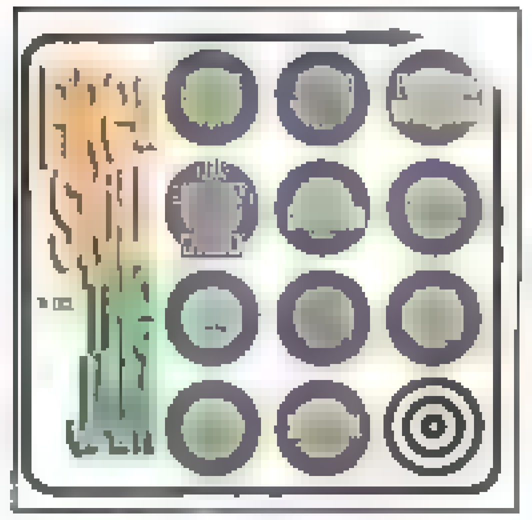
Batidas da dupla inglesa voltam-se para o eletro-funk

Em 1995, ao lançar seu primeiro disco, o fantástico *Leftism*, a dupla Leftfield tinha todo o potencial para entrar no primeiro time do eletrônico – que o diga [illegible] teto da casa onde aconteceu seu primeiro show, que desabou devido à alta intensidade e o volume que Paul Daley e Neil Barnes atingiram. Só que [illegible] foram quatro anos sem lançar praticamente [illegible], até chegar esse [illegible] segundo álbum, cercado de [illegible] expectativa. Mas *Rhythm And Stealth* não é [illegible] divide águas [illegible] disco da- [illegible] a cada audi- [illegible] de estilo, a maior novidade é que o Leftfield não faz mais progressive house (isto é, house meio dub meio trance), o gênero que ajudou a inventar; agora faz eletro-funk como em "Phat Planet", "Afrika Shox" tem até a participação do Mr. Electro em pessoa, Afrika Bambaataa. No mais, tem tecno visceral em "Double Flash", ambient e uma boa dose de dub reggae e raggamuffin, destacando aqui a colaboração de Roots Manuva, um cara que anda [illegible] coberto de elogios por seu próprio trabalho solo.
Camilo Rocha

AC/DC
Stiff Upper Lip (6)
Elektra/Warner

A estátua da capa diz tudo: sem emoção e congelado

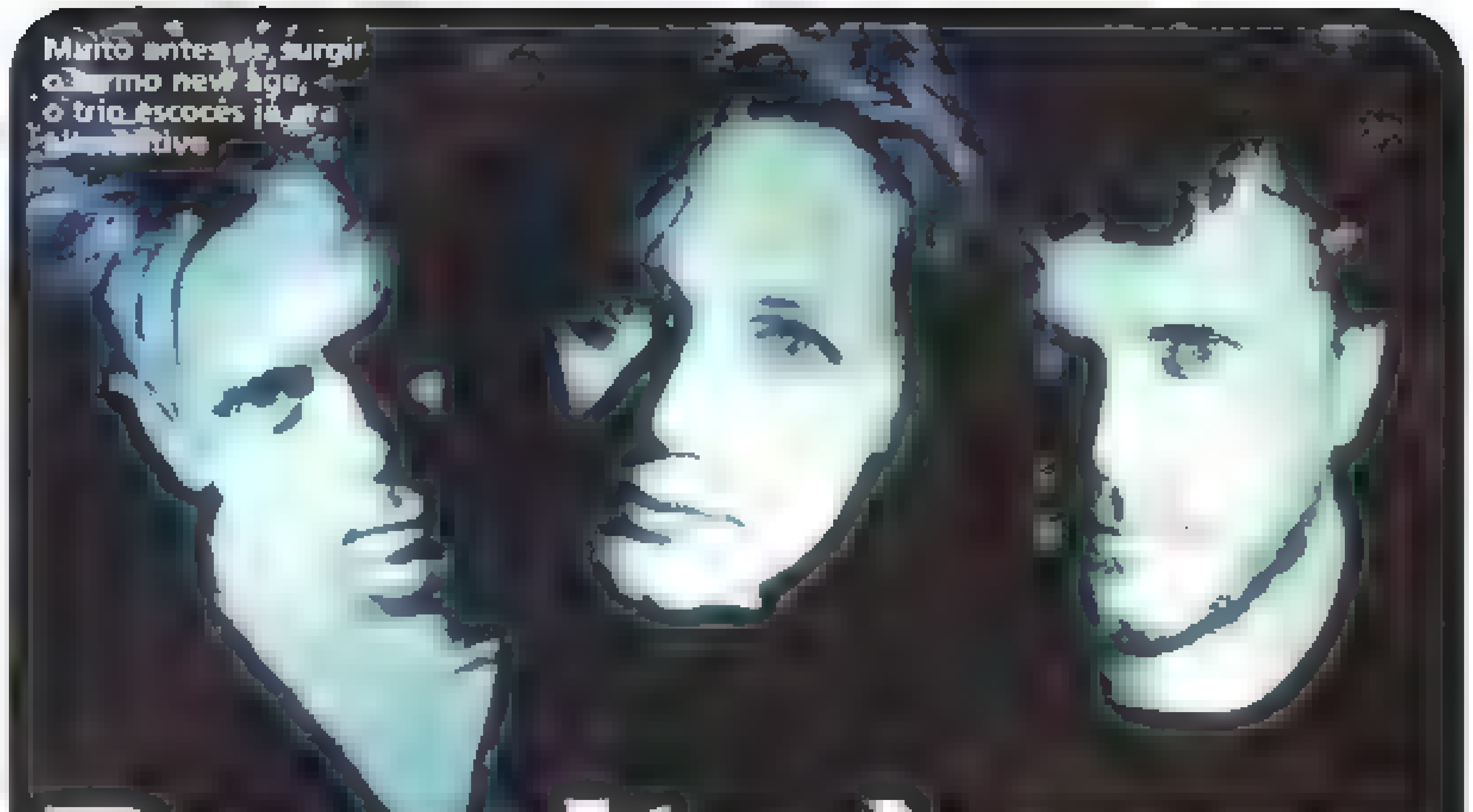
Que me desculpem os fãs, mas há tempos tornou-se difícil distinguir um disco do AC/DC de outro, pois os ingredientes sonoros utilizados por este bando de australianos permanecem exatamente os mesmos: hard rock com pitadas de blues, conduzido por riffs martelados por Angus Young escorando a voz esganiçada de Brian Johnson. Se em outros tempos esta fórmula funcionava, o mesmo não se pode dizer do mais recente lançamento do grupo, *Stiff Upper Lip*. É certo que os riffs cortantes de guitarra e os refrões pegajosos seguram a onda nas melhores canções (a faixa-título, "Meltdown", "All Screwed Up" e "Safe In New York City"). Mas este procedimento beira a autoparódia em "Can't Stop Rock'n'Roll" e "Damned". Tentativas de sair do esquema hard [illegible] em "Hold Me Back" e no blues estilizado de "Can't Stand Still", sem maiores conseqüências. No saldo final, a maioria das músicas soa "congelada", desprovida de maiores emoções. O que lembra a estátua de Angus na capa, com seu tradicional bermuda, empunhando a guitarra e esmurrando o ar.
Celso Pucci



VARIOS
Fire & Skill – The Songs Of The Jam (8)
Ignition/Epic – IMPORTADO

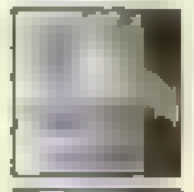
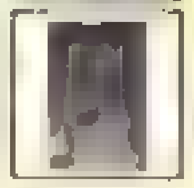
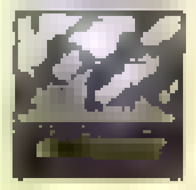
Tributo convoca artistas do primeiro escalão

Qual deveria ser a finalidade de um disco-tributo? Reunir um ótimo time de artistas fazendo releituras significativas da obra de uma banda de fundamental importância para a consolidação de um gênero musical [illegible] estilo comportamental [illegible] época, certo? *Fire & Skill* é exatamente como [illegible] deve ser. A banda [illegible] da não precisa [illegible] ções. Provavel[illegible] aparecer em algum [illegible] britânico como expo[illegible] a palavra [illegible] sileiro, de [illegible] "Town Called Malice" [illegible]. Então [illegible] guitarras de Paul Weller ele [illegible] teria nascido. Para pagar tributo a essa instituição [illegible] foram convocados artistas de primeiro nível, a se destacar a parceria de Liam Gallagher com o guitarrista Steve Cradock (do Ocean Colour Scene), em "Carnation", o mano Noel Gallagher provando que é a voz ainda que [illegible] dos 90 em "To Be Someone", e os americanos do Buffalo Tom dando outra [illegible] a "Going Underground". Muito boas também são as versões [illegible] para "That's Entertainment" e do Gene para "Town Called Malice" [illegible] mas para estragar essas, só sendo [illegible] pedreiro [illegible]. Garbage, Beastie Boys, Silversun, Everything But The Girl, Heavy Stereo e Ben Harper também [illegible] CD, que [illegible] faixa escondida em que o próprio Paul Weller interpreta [illegible] de suas gemas.
José Flávio Júnior



Muito antes de surgir o termo new age, o trio escocês já era alternative

De volta à cena do clima

COCTEAU TWINS
Garlands (7)
Treasure (10)
Tiny Dynamine/Echoes In A Shallow Bay (8)
Victorialand (8)
Blue Bell Knoll (9)
4AD/Roadrunner

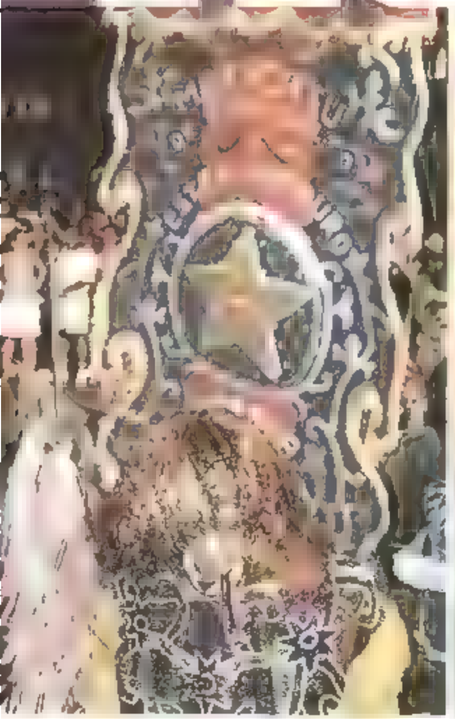
Gostar de Cocteau Twins, hoje, tem de ser dito em voz baixa, como uma confissão. Expressões usadas para tachar a música do grupo escocês, como "bucólica" e "etérea", estão totalmente fora de moda, associadas com malas new age. Pois acredite: há 15 anos o Cocteau Twins – com suas músicas bucólicas e etéreas – era admirado pelos alternativos fãs de Cure, New Order e Sisters Of Mercy. Ouvir agora cinco discos da banda recém-lançados no Brasil detona todo um processo nostálgico, a aquisição de um duplo deck para copiar as fitas importadas do Cocteau Twins, o roteiro de um curta para a faculdade tendo eles como trilha... *Garlands* (1982), a estréia do trio, não tinha ainda o clima que consagraria o grupo. Influenciada pelos colegas da gravadora 4AD, Bauhaus e Birthday Party, a banda ainda procurava seu lugar no amplo espectro pós-punk, investindo em batidas sem dançantes. O Cocteau Twins que passou para a lenda surge com *Treasure* (1984), saudado na Inglaterra como "a música dos deuses": as guitarras de Robin Guthrie aliando camadas de efeitos com finas melodias, e a voz de Elizabeth Fraser brincando com sílabas e idiomas ininteligíveis. É só escolher alguma companhia ("Lorelei", "Persephone", "Aloysius", "Amelia") e relaxar. *Tiny Dynamine/Echoes In A Shallow Bay*, dois EPs de 1985 reunidos em um disco, seguem a mesma linha. No ano seguinte surgia *Victorialand*, um trabalho quase acústico, no qual a beleza das músicas ganha contornos devagares, mínimos, como que buscando um nirvana sonoro ("Whales Tail", "Oomingmak"). *Blue Bell Knoll* marca a chegada do trio ao mercado americano, em 1988 – e também ao Brasil, que teve edição em vinil dele e de *Treasure*. Se um foi apontado como acalanto divino, o outro podia ser considerado o som que expia os pecados, recorrendo a um pouco de barulho para tornar a atmosfera de "Carolyn's Fingers" e "Suckling The Mender" ainda mais redentora. Pena que o espaço acabou e não cabem mais reminiscências, como o relato de experimentos lisérgicos feitos sob as texturas do Cocteau Twins. Fica a sugestão.
Emerson Gasperin

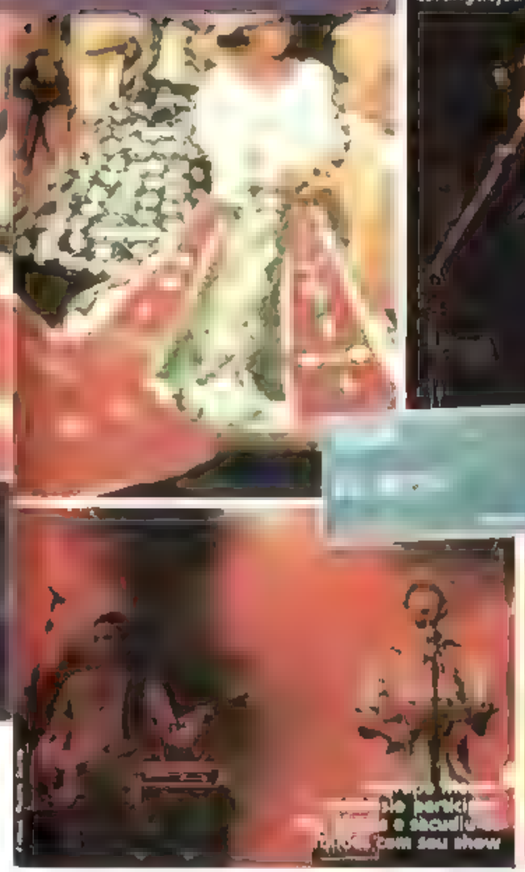
E mais...

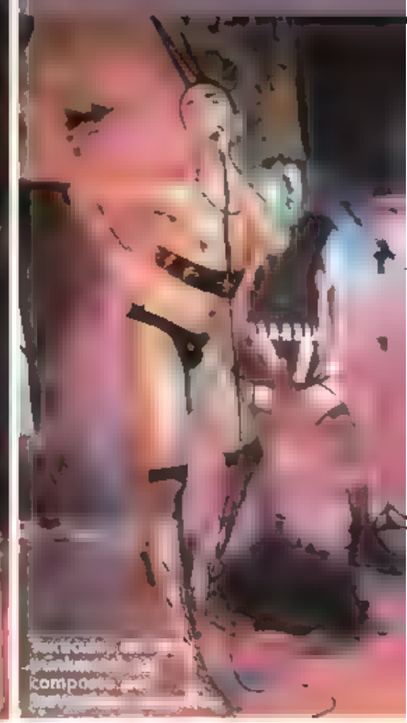
Eletrônicos de todos os tipos vão a praia, a boate e à academia, enquanto Latino resume o lirismo da geração que consagrou o poeta Renato Russo

Disco	Quem?	Como?	Funciona?
THE BEACH (London/ Universal)	A fina flor da música eletrônica, como Leftfield, Moby, Underworld, Orbital e New Order, entre outros, mais os açucarados Sugar Ray e All Saints.	Na trilha sonora do filme *A Praia*, na qual Leonardo D. Caprio, cansado da civilização ocidental, vai à Tailândia encontrar fãs dos Simpsons.	Perfeitamente, com os eletrônicos privilegiando os climas e o Asian Dub Foundation mandando forte no dub reggae "The Return Of Django"
ERIC CLAPTON & FRIENDS (Twistar, Abril)	O guitarrista Eric Clapton e amigos do quilate de Jimmy Page e Jeff Beck.	Em notáveis números instrumentais, canções do tempo dos Yardbirds e até um registro dos primórdios do Cream.	Para quem gosta do estilo, rocks como "Draggin' My Tail", "Tribute To Elmore" e "West Coast Idea" são um prato cheio. Já quem não é fã...
DRUM N' BASS SESSION (RDS)	O DJ Andy, especializado no gênero e residente das casas noturnas Overnight e Movement, em São Paulo.	Misturando pedradas de drum'n'bass de fig.unhas cultuadas do gênero, como DJ Krust, Ganja Kru e Ray Keith.	Com certeza. Andy nunca deixa a peteca cair, encaixando uma lenha atrás da outra sem qualquer pretensão que não seja a de lotar a pista.
SUPREME BEINGS OF LEISURE (Palm Pictures/ Universal)	O quarteto Supreme Beings Of Leisure, todo metido a moderninho.	Em seu disco de estréia, elogiado pela imprensa estrangeira e vendido como um saudável mix de eletrônica com toques pop.	Nos momentos mais inspirados, a banda lembra o Luscious Jackson. Nos menos, remete a um zilhão de bandecas que pululam por aí.
O FENÔMENO TECHNO (Building Records)	O "superstar DJ" Zé Pedro, considerado o rei das pistas das boates mais maluquinhas de São Paulo.	Em um set que, apesar do propalado ecletismo do DJ, avança no techno mais radiofônico possível.	Claro: o que as casas noturnas não comprarem tem grandes chances de ser aproveitado em todas as academias de aeróbica.
VOLUME 1 – TROVADOR (Stern's Music)	Africando, grupo de salsa africana baseado em Nova York. O maestro é do Mali, mas se formou em Cuba.	Não se deixe levar pelo título: "Trovador" é nome de uma faixa, apenas. O som é salsa bem tocada e cantada num dialeto senegalês.	Muito bem. Os sons caribenhos foram acolhidos e adotados pela África (mãe deles) desde a década de 50, muito antes da "globalização".
VOLUME 2 - TIERRA TRADICIONAL (Stern's Music)	O mesmo Africando do CD resenhado acima.	A onda é muito semelhante à do volume 1 – e o título também não quer dizer nada (também há uma faixa com esse nome).	Quase tão bem quanto *Trovador*. Uma versão de "La Bamba" dá uma leve farofada, sem chegar a comprometer.
PROLONGING THE MAGIC (Capricorn/ Universal)	Cake, a banda alternativa americana que estourou no Brasil ano passado com "Never There".	Em seu disco de estréia, de 1994, lançado originalmente pelo selo Capricorn e agora "comprado" pela Universal.	Bem, mas não tanto quanto *Fashion Nugget*, de 1997. Tem o trompete desafinando, os bolerinhos ("Ruby Sees All" é ótimo), as letras irônicas...
LATINO 2000 (Abril Music)	Ele mesmo, Lat(r)ino.	Em um disco picaretíssimo, que chupa clássicos do groove como Earth, Wind & Fire e clássicos do roubo como Vinny e P.M. Dawn.	Amostra: "Tu (sic) se lembra do nosso primeiro beijo/ (...) São cenas que eu jamais vou esquecer/ Eu entornando Coca-Cola em você." Chega, né?

Revista SHOW BIZZ
Para anunciar, ligue:
tel: (11) 3037-6860
fax: (11) 3037-4909







Carnaval sem preconceito

Rec Beat
Rua da Moeda,
Recife (PE), 1 a 7 de março

A sexta edição do Festival Rec Beat botou para quebrar e não fez por menos. Juntou 32 artistas/bandas, oito DJs e três grupos infantis (no Recbitinho) em 50 horas de shows abertos ao público que abalaram o belo bairro do Recife Antigo. E haja números. O calor do carnaval levou em média 10 mil pessoas por noite – com picos de 15 mil – para a rua da Moeda ex-zona de prostituição revitalizada graças à mudança do festival para lá no ano passado, junto com o Pina de Copacabana, ex Sopapa de Rogê. Enquanto o frevo tremia as pontes de um lado do rio Capibaribe, do outro se via o melhor da nova geração pernambucana.

A mistura rítmica na grade de programação fez alternar momentos de hipnose e de histeria entre o público e refletiu precisamente a proposta do Rec Beat apresentar um vasto universo musical ao longo do saudoso carnaval local. "As pessoas do Recife não têm preconceitos, muros que separam as coisas. Não existem guetos sonoros", disse Éder "O" Rocha, percussionista do Mestre Ambrósio, deixando o palco ao final de um show incendiado pela forte interação entre a banda e a massa. De fato, depois de dar uma canja no show do poderoso Faces do Subúrbio, o maranhense Zeca Baleiro, impressionado, observou: "Este é o público do ano 2000!"

Momentos apoteóticos sobraram a lendária banda paulistana Fellini, reverenciada pela juventude recifense, foi especialmente reunida para o evento, em momento histórico. O Via Sat, lançando um promissor CD independente, seduziu a platéia tanto com o som quanto com o vocalista Pácua, que domina o palco como gente grande. A lista continua com o estonteante encontro dos maracatus de baque virado Estrela Brilhante, do mestre Walter (contando com a participação dos ambrosios "O" Rocha e Maurício), de baque solto Piaba de Ouro (com o mestre Maciel Salu, do Chão E Chinelo, e participação do ambrósio Hélder), e ainda o Estrela de Ouro (com mestre Siba, também ambrósio). Muitos dos presentes foram às lágrimas. Bem conhecidos por lá, Pedro Luis & A Parede fizeram um set contagiante acompanhados por um coro de delicioso sotaque. O único momento de tensão ocorreu durante o eletrizante show do Ira!, quando as invasões de palco deixaram seguranças e roadies temporariamente malucos. A rua lotada, balançava com a saudade acumulada nos oito anos de ausência da banda na cidade.

Artistas mais tradicionais, como a cirandeira Lia de Itamaracá, Pinduca (o rei paraense do carimbó) e o épico percussionista Naná Vasconcelos, viveram momentos de glória com a vibração dos jovens foliões, vários deles devidamente fantasiados.

A praia mais eletrônica e experimental foi bem representada por DJ Dolores, que, amparado por uma all-star band – com integrantes de Comadre Florzinha, Chão E Chinelo, Eddie e DMP –, comandou a psicodelia eletrônica do fundo do palco e hipnotizou a platéia. Stela Campos, auxiliada pela percussão de Loop B, mostrou o peso suave de suas pop canções etéreas, com bases pré-gravadas e bons instrumentistas. De Fortaleza, veio o Método Túfo de Experiências, viajandíssimo projeto paralelo de Fernando Catatau, do sensacional Cidadão Instigado; e, de Alagoas, o Sonic Jr., trazendo noise eletrônico experimental com guitarras.

Entre os que se dedicam à pesquisa da rica variedade rítmica e folclórica da região, há que se destacar Chão E Chinelo, pela personalidade e qualidade técnica apresentando o disco independente *Loa Do Boi Meia Noite*, num batuque de levantar defunto. Ortinho, ex-vocalista do Querosene Jacaré (que segue firme e forte), retornou de um ano em São Paulo para acachapar os saudosos ouvintes com baião psicodélico. E o Cordel do Fogo Encantado, ousada banda do sertão pernambucano que utiliza percussões variadas, performance teatral e um solitário violão envenenado para contar histórias de cordel, gerou uros de prazer.

Graça também não faltou neste festival. O Matalanamão provocou gostosas gargalhadas com seu pornopunk malemolente conduzido pelo carismático vocalista, assim como os Textículos de Mary, espetacular grupo punkmetal gay composto por travestidos mutantes de outro mundo – cantando versos do tipo "eu quero ser tua cadela... minha cara no teu p**". Menos escrachado, mas igualmente irreverente, o Karnak conquistou facilmente o público. Para celebrar a primeira vez que tocavam na cidade, adicionaram frevo à já farta mistura da banda. Tudo a ver com Recife.

O saldo deste megaevento, transmitido ao vivo e na íntegra por uma rádio de âmbito nacional, pode ser sintetizado nas palavras de Fabio Trummer, da banda Eddie: "No meio de uma festa tradicional, o festival põe outros tipos de música, menos comuns, para as pessoas escutarem. Essa mistura de informação tem de acontecer em todos os lugares".

Silvia D. com colaboração de Pedro Serra

Fran Healy, do Travis: o novo astro do britpop portou-se como um humilde criado do público português

Foto: Eliana Silva

Felizes gajos pingados

Travis

Coliseu do Porto (Portugal) 12/03

Com mais de 2 milhões de cópias vendidas de seu segundo álbum, *The Man Who*, dois Brit Awards nas costas (nas categorias Melhor Grupo e Melhor Álbum), primeiro lugar nas paradas britânicas e com o single "Why Does It Always Rain On Me?" tocando à exaustão nas rádios, a banda escocesa Travis tinha tudo para registrar uma passagem histórica por terras lusitanas. Mas, com o minguado público que se arriscou a ir ao Coliseu do Porto num domingo à noite (no máximo 200 pessoas), o que ficou claro mesmo é que a nova sensação do britpop não chega a ser um Oasis. Pelo menos em termos de marketing.

Foi o típico bom show na casa e com o público errados. Com espaço adequado para grandes espetáculos, o Coliseu fazia eco de tão vazio. Tanto que, depois da abertura dos portugueses do ID Portico, já começavam a circular a idéia do que o lugar certo para o Travis seria o medíano Hard Club.

Sob a penumbra, o raquítico vocalista Fran Healy anuncia boas intenções com "All I Want To Do Is Rock" (que, no primeiro disco, *Good Feeling*, de 1997, foi registrada com participação de Noel Gallagher). Emenda com "Turn" e, durante 80 minutos, destila belas e melancólicas canções como "Writing To Reach You", "As You Are" e a autocolante "Why Does It Aways Rain On Me?".

Entre uma e outra música, Fran demonstrava todo seu carisma e acessibilidade, entretendo os gatos pingados que estavam por ali. Se a banda tivesse se dirigido ao público com a mesma indiferença com que foi recebida, talvez a noite tivesse sido desastrosa. Mas Fran ainda não está contagiado pela arrogância dos ingleses que freqüentam o top five do Reino Unido. Ele foi angariando simpatia com frases como "eu estarei feliz se vocês estiverem felizes" ou "somos apenas um canal para transmitir canções pra vocês".

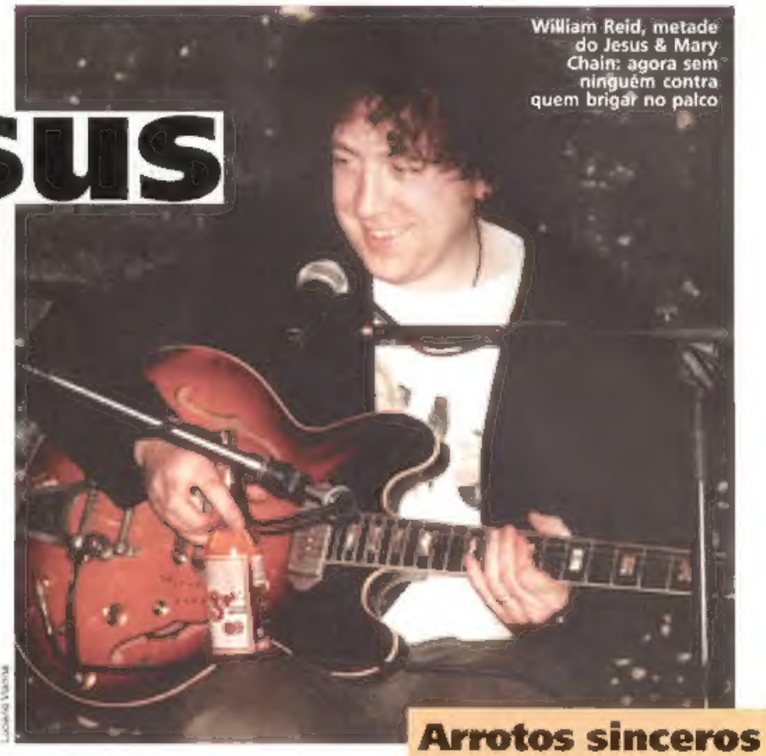
Veio o bis e, junto, dois presentes: a nostálgica "Twenty", que não consta dos álbuns do grupo, e a inacreditável "Baby One More Time", cover da tetéia americana Britney Spears – que inicialmente gerou estranheza, mas quando Fran começou a se retorcer todo gritando "my loneliness is killing me" (a solidão está me matando), fez sentido. "Happy" foi a escolhida para fechar e demonstrou o quanto o clima já era outro. Na saída, apenas uma certeza: como o anonimato pode ser bom para uma banda!

André Renato Malvar

Metade de Jesus

William Reid

12 Bar Club, Londres, 29/02



William Reid, metade do Jesus & Mary Chain: agora sem ninguém contra quem brigar no palco

Foto: Luciano Vianna

Tinha de ser em ano bissexto. O primeiro 29 de fevereiro do novo século viu a volta de Jesus, dessa vez sem a corrente de Maria, fazendo milagres no palco mínimo de um bar no meio da zona turística de Londres. Cerca de 150 felizardos lotaram o minúsculo 12 Bar Club para assistir à volta de William Reid, uma das metades do Jesus And Mary Chain (a outra era seu irmão Jim, responsável pela maioria dos vocais), um dos mais importantes grupos ingleses das últimas duas décadas.

"Sem o Mary Chain não haveria Stone Roses, sem Stone Roses não haveria Oasis e sem Oasis...", disse certa vez Alan McGee, fundador do Creation, principal (e recém-finado) selo independente inglês. Com shows que misturavam microfonia, distorção e lindas melodias – e que duravam menos de 15 minutos –, o J&MC transformou-se numa das últimas lendas do rock inglês. O grupo acabou em 1998, no meio de uma turnê americana, por causa de brigas entre os irmãos Reid. Desde o ano passado, William retomou a carreira, gravando sob o nome de Lazycame. O show daquela noite era o primeiro espetáculo-solo do artista em toda a sua carreira. E acústico...

Quando ele subiu no palco com o seu habitual cabelo desarrumado e começou a afinar o violão preto (com um crucifixo incrustado na parte da frente do corpo) e a guitarra, podia-se ouvir uma agulha caindo no chão. Clima de igreja. Mas logo essa reverência quase religiosa seria quebrada tanto pela proximidade do público com o artista (a casa é tão pequena que não tem seguranças nem divisão entre o palco e o público) quanto pelo carisma de William Reid.

Entre um gole e outro de cerveja, ele saiu tocando algumas músicas novas que gravou sob a alcunha de Lazycame: elas não fariam feio nos primeiros álbuns do J&MC. Quase no fim, William falou o que todo mundo esperava: "Agora vou tocar algumas antigas. Porque eu sou o maior fã do Mary Chain". As duas primeiras músicas que Reid emendou foram tiradas do último disco do Jesus, *Munki*. "Neverunderstood" e "Cracking Up" foram acompanhadas em coro pelo público, que não queria deixar o artista sair do palco. Apesar de dizer que não sabia tocar mais nada, Reid se rendeu quando alguém da platéia pediu para ele tocar sua música predileta no Mary Chain. Aí todos foram brindados com uma versão de quase dez minutos de "Reverence", com a guitarra distorcidona e gritos de possesso. Por um momento mágico estávamos todos em 1984, num dos históricos shows do início da carreira do Jesus. Outro 29 de fevereiro só daqui a 4 anos... Tomara que William Reid não nos prive por tanto tempo de shows assim.

Luciano Vianna

Arrotos sinceros

Entre umas e outras – canções –, William Reid abriu seu coração

"Muitas dessas músicas são realmente tristes, sabiam? Não quero tocar isso não...", confessou, enquanto escolhia o repertório numa listinha escrita a mão em um papel amassado que, segundo William, tinha todas as canções que ele conseguia tocar e cantar de cabeça.

"Algumas pessoas passaram mais de dez anos tentando colocar na minha cabeça que eu precisava sentir vergonha do meu passado, mas nunca senti vergonha de nada do que fiz no Jesus & Mary Chain."

"Agora me sinto como uma borboleta, ou melhor, como uma larva malvada."

"Não entendo como alguns músicos acabam com suas bandas e depois renegam o passado. Sou um grande fã do Mary Chain."

"A gente escreveu a música 'I Hate Rock'n' Roll' como uma brincadeira, só para ver se alguma rádio iria tocar uma canção com esse título. Mas teve gente que realmente acreditou nessa bobagem..."

Skankitos "prendidos"

Nacional

Se você é ouvinte da rádio paulistana Brasil 2000 (www.brasil2000.com.br), passou 1999 imitando os "reboinga, dun dariri" que Samuel Rosa inventou para o refrão do "Estaré Prendido En Tus Dedos", primorosa versão que o **Skank** fez para "Wrapped Around Your Fingers", clássico do Police. Agora que *Outlandos D'Americas*, tributo à ex-banda de Sting, finalmente teve edição nacional, a canção começou a tocar nas outras rádios. Mas o título de "música do verão" ninguém tira dos goianos do P.O. Box – para o bem ou para o mal.

		mês anterior
1º	"Papo De Jacaré" / P.O. Box	2º
2º	"Bem Querer" / Mauricio Manieri	1º
3º	"Anna Júlia" / Los Hermanos	3º
4º	"Te Encontrar De Novo" / Vinny	4º
5º	"Pensando Em Você" / Mauricio Manieri	•
6º	"Me Lambe" / Raimundos	7º
7º	"O Vento" / Jota Quest	5º
8º	"Primavera" / Los Hermanos	•
9º	"O Carcará E A Rosa" / Natiruts	6º
10º	"Hoje A Noite Não Tem Luar" / Legião Urbana	10º
11º	"Amor De Verdade" / Paulo Ricardo	•
12º	"Estaré Prendido En Tus Dedos" / Skank	•
13º	"Praia Nudista" / Tihuana	•
14º	"Aluga-se" / Titãs	16º
15º	"Confisco" / Charlie Brown Jr.	8º
16º	"Garota Dourada" / Pepeu Gomes	12º
17º	"Minha Alma (A Paz Que Eu Não Quero)" / O Rappa	17º
18º	"Baader-Meinhof Blues" / Legião Urbana	•
19º	"Astronauta" / Gabriel O Pensador com Lulu Santos	9º
20º	"Enquanto Ela Não Chegar" / Barão Vermelho	15º

Internacional

Mamães balzacas não perdoam. A entrada de **Madonna** não poderia ser mais arrebatadora. Sua releitura de "American Pie", sucesso de Don McClean, acerta na mosca: dançante e psicodélica, seguindo a cartilha de "Beautiful Stranger". Pelo prisma roqueiro, refresca os olhos ver que o Oasis, em sua encarnação mais retrô, ainda tem espaço no dial nacional, acompanhado de Silverchair e U2. E dá-lhe pop americano, pop do oriente médio – o turco Tarkan surpreende – e pop australiano, com a dupla Savage Garden na beira do pódio.

		mês anterior
1º	"Against All Odds (Take A Look At Me Now)" / M. Carey	1º
2º	"El Arbi" / Khaled	3º
3º	"Smooth" / Santana com Rob Thomas	5º
4º	"I Knew I Loved You" / Savage Garden	•
5º	"American Pie" / Madonna	•
6º	"Learn To Fly" / Foo Fighters	8º
7º	"Mambo # 5" / Lou Bega	2º
8º	"Simarik" / Tarkan	•
9º	"Miss You Love" / Silverchair	•
10º	"From This Moment On" / Shania Twain	4º
11º	"Heartbreaker" / Mariah Carey com Jay-Z 14	14º
12º	"King Of Pain" / Alanis Morissette	7º
13º	"I Want You To Need Me" / Celine Dion	6º
14º	"What A Girl Wants" / Christina Aguilera	•
15º	"The Ground Beneath Her Feet" / U2	•
16º	"Otherside" / Red Hot Chili Peppers	•
17º	"Waiting For Tonight" / Jennifer Lopez	•
18º	"Sun Is Shinning" / A.T.B. com Bob Marley & The Wailers	15º
19º	"(You Drive Me) Crazy" / Britney Spears	10º
20º	"Go Let It Out" / Oasis	•

Crowley

Sistema de monitoramento Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda – Auditoria das musicas mais ouvidas em 12 rádios FM do Rio de Janeiro e 12 rádios FM de São Paulo, no período de 1º a 29 de fevereiro de 2000. Os dados de audiência horária de cada estação de rádio são fornecidos pelo Ibope. CBAB – Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda – Proibida a reprodução sem autorização da CBAB

• estréia

EntreLeitores

Este é o espaço para fazer contato com quem aprecia o mesmo som que você, vender ou trocar fotos, discos e material sobre seus artistas favoritos, procurar músicos para a sua banda, divulgar seu fã-clube, seu fanzine...

Escreva para SHOWBIZZ: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo – SP
e-mail: showbizz.atleitor@abril.com.br

CORRESPONDÊNCIA

Aerosmith e Rush: José Ricardo Chanchum de Almeida – Rua Miguel José Mansur, 160 – Cascatinha – Juiz de Fora, MG – CEP 36033-250 – E-mail: rchanchum@zaz.com.br

Bad Religion: Paulo César Dias – Rua Jamboaçu, 20 – Ipiranga – São Paulo, SP – CEP 04281-060

Billy Idol: Anna Carolina Ferreira Lima – Avenida dos Autonomistas, 5991, C-2 – Quitaúna – Osasco, SP – CEP 06194-050

Boyzone: Rua Jorge Justin, 232, bl. 3, ap. 101 – Capela – Petrópolis, RJ – CEP 25665-001

Bush: Priscila Cunha Zachiello – Avenida Diógenes Ribeiro de Lima, 2001, bl. 72, ap. 06 – Alto de Pinheiros – São Paulo, SP – CEP 05458-000

Coal Chamber e Alice In Chains: Thiago André Veloso – Rua João Rebello, 830 – Funcionarias – Montes Claros, MG – CEP 39401-036

David Bowie: Késia Frolini Pitta – Rua Prefeito José de Carvalho, 330 – Nosso Teto – Registro, SP – CEP 11900-000

Green Day: Marcos Elias Silva Alves – Rua Casário Luis Gonçalves Filho, 41 – São Lucas – Santo Antônio do Monte, MG – CEP 35560-000

Joy Division e Garbage: Priscila Lamera – Estrada Henrique de Melo, 427 – Bonito Ribeiro – Rio de Janeiro, RJ – CEP 21340-190

Hardcore e punk rock: Ana Paula Dias Souza – Travessa Gerônimo Espejo, 126, ap. 53 – B – Parada de Taipas – São Paulo, SP – CEP 02815-000

Hole: contatos em Belém

Hole: Juliana Camargo – Rua Diogo Móia, 648 – Umarizal – Belém, PA – CEP 66055-170

Legião Urbana: Marina da Conceição – Rua Diogo Torres, 80 – Andradas, MG – CEP 37795-000

Los Hermanos: Priscila da Silva Pinto – Rua Eduardo Cotrim, 493 – Lavapés – Resende, RJ – CEP 27511-010

Oasis: Vanderlei Araújo da Silva – Rua Carlos José Augusto Berti, 423 – Vila Tupi – Praia Grande, SP – CEP 11719-110

Raul Seixas: Rodrigo Adriano Faresin – Rodovia SC 463, km 01, s/n.º – Cachimbo – Concórdia, SC – CEP 89700-000

Red Hot Chili Peppers: Pamella Kiedis – Rua Sebastião Iorio, 71 – Freguesia do Ó – São Paulo, SP – CEP 02964-100

Roxette: Francisco Araújo Junior – Conjunto Esperança II, Q 20, C 08 – Floresta – Rio Branco, AC – CEP 69905-400

Soundgarden: Victor Adriano – Rua João Rebello, 840 – Funcionários – Montes Claros, MG – CEP 39401-036

Tears For Fears: Rafael Assis do Nascimento – Rua Japão, 79 – Vila Industrial – Rancharia, SP – CEP 19600-000

Cure e Morrissey: Cristina Gimenez – Rua Santa Bárbara do Oeste, 74 – Vila Nova Cachoeirinha – São Paulo, SP – CEP 02612-110

FÃS-CLUBES

Freddie Mercury: *Freddie Mercury Memory Fan Club* – Rua Lamartine Babo, 185 – São José dos Campos, SP – CEP 12221-550

Pato Fu: *Pato Clube de Liquidificapum* – E-mail: funatica@bol.com.br

FANZINES

Hardcore: *Nonono* – Avenida Júlio César, Vila Maracangalha, Rua C, casa 113 – Souza – Belém, PA – CEP 66613-440

As regras para colocar um anúncio aqui:
O espaço é gratuito, mas sua mensagem não deve ultrapassar 40 palavras.
Não esqueça de colocar um telefone em que você possa ser encontrado durante o dia, para confirmarmos as informações, e dizer se deseja que ele seja divulgado. Sem isso seu anúncio não será publicado. SHOWBIZZ não se responsabiliza pelos anúncios.

EDITORA Abril
SHOWBIZZ

Em São Paulo:
Redação e Correspondência: Av. Nações Unidas, 7221, 3º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel. (0...11) 3037-4899, fax (0...11) 3037-4906
Caixa Postal 66157 CEP 05315-970 – São Paulo – SP
Site: www.publiabril.com.br

Escritórios no Brasil
Belo Horizonte: av. do Contorno, 5010, 9º and., Bairro Funcionários, CEP 30110-080, Vânia R. Pena Borges, tel. (0...31) 282-9000, fax (0...31) 282-9010
Blumenau: r. Florianópolis, 258, Bairro da Velha, CEP 89036-100, tel. (0...47) 329-9920, telefax (0...47) 329-8555
Brasília: SCN – Q 1 Bl. Ed. Brasília Trade Center, 3º and., s/ 3306, CEP 70710-902, Solange Duarte, tel. (0...61) 345-7956, fax (0...61) 345-7956
Campinas: r. Conceição, 233, 26º and., conjs. 2613/2614, CEP 13010-916, tel. (0...19) 3236-0252, fax (0...19) 3236-0252
Campo Grande: av. Afonso Pena, 65, Centro, CEP 79002-070, tel. (0...67) 384-1000, fax (0...67) 384-1000
Cuiabá: R. 52, casa 8, Setor Oeste, Morada do Ouro, CEP 78030-000, tel. (0...65) 322-1000, fax (0...65) 322-1000
Curitiba: r. Comendador Araújo, 499, 7º and., Centro, CEP 80420-000, tel. (0...41) 252-1000, fax (0...41) 252-1000
Florianópolis: r. Marcos Baptista da Silveira, 680, sl. 805, Centro, Via Lagoa da Conceição, Intersign Publicidade, tel. (0...48) 232-1617, telefax (0...48) 232-1582
Fortaleza: av. Desembargador Moreira, 2120, sls. 604/605, Aldeota, CEP 60170-002, SBS Propaganda e Repres. e Comér. Ltda., telefax (0...85) 261-1000
Goiânia: r. 10, nº 290, Q. 7, Setor Oeste, CEP 74120-020, Maffei Wise Propaganda, tel. (0...62) 213-5158, telefax (0...62) 213-5158
Londrina: r. Manoel Barbosa da Fonseca, 95, 3º and., Gleba Fazenda, CEP 86060-550, Rio Sul Representações, tel. (0...43) 322-9600, telefax (0...43) 322-9600
Manaus: r. Mundurucus, 96, Centro, CEP 69020-190, Faro Comunicações, tel. (0...92) 234-1882, telefax (0...92) 234-1882
Porto Alegre: av. Cristóvão Colombo, 440, conjs. 810/902 e 905, Bom Fim, CEP 90560-003, Sul Inserções de Comunicação, telefax (0...51) 3336-4344
Recife: av. Dantas Barreto, 1000, 15º and., sl. 1501, São José, CEP 50020-000, Multiservice Publicidade Ltda., telefax (0...81) 424-1200
Ribeirão Preto: r. João Penteado, 1190, CEP 14025-000, Interpress Repres. e Publ. S/C Ltda., tel. (0...16) 635-9630, telefax (0...16) 635-9251
Salvador: av. Tancredo Neves, 450, sl. 801, Edf. Espaço Empresarial Pituba, CEP 41820-021, AGMN Consultoria, Publ. Repres., telefax (0...71) 341-6992
Vitória: av. Mal. Mascarenhas de Moraes, 2302, 4º and., sl. 404, Santa Helena, CEP 29052-121, Ulf – Ativ. Publicitárias, tel. (0...27) 3345-5000, telefax (0...27) 3345-5000

Escritórios no Exterior
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, suite 3611, New York, NY 10165-3611, tels. (001) 212-867-9060/9061, fax (001) 212-867-9677, e-mail: abrilny@aol.com
Paris: 33, rue de Marignan, 75008 Paris, tel. (0033) 1) 42 66 45 30, fax (0033) 1) 47 66 13 99, e-mail: abrilparis@wanadoo.fr
Portugal – Importação Exclusiva e Comercialização Abril: Continental Editora, Lda., Largo da Lagoa, 19C, 2795 Linda-a-Velha, tel. (0...) 416 9300, fax (0...) 416 9301 – Distribuição: Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Cais Rio, Tapada Nova, Lote, 2 Sul Santa, tel. (0...) 074 9800, fax (0...) 074 9801

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL
Interesse Geral
ALMANAQUE ABRIL • INFO EXAME
SUPERINTERESSANTE
GUIA ABRIL DO ESTUDANTE • SAÚDE! • VEJA
Economia e Negócios
EXAME • VOCÊ S.A.
Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • DIÁRIA QUATRO RODAS
VIAGEM E TURISMO • TERRA
Esportes
PLACAR
Masculinas
PLAYBOY • VIP EXAME
Femininas
CLAUDIA • ELLE • NOVA • NOVA BELEZA • MANEQUIM
PONTO CRUZ • FAÇA E VENDA • CAPRICHO • BOA FORMA
ANA MARIA
HORÓSCOPO • CARICIA • VIVA! MAIS
Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO
ARTE & DECORAÇÃO • BONS FLUIDOS EM CASA
Entretenimento
MINHA NOVELA • REVISTA DA WEB! • CONTIGO
SHOWBIZZ

Revista Showbizz, Edição 177, Abril de 2000 é uma publicação da Editora Abril S.A. ISSN 0104-1649. Assinaturas: em todo o território nacional, pode-se assinar pagando à vista ou parcelado em cartão de crédito ou débito em conta corrente. Mediante uma solicitação você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido. A solicitação pode ser feita pelo endereço eletrônico (e-mail) atendimento@abril.com.br ou pelo telefone (011) 3037-2580, de segunda a sexta-feira, das 8h às 18h. Você também pode escrever para a Caixa Postal 2595, CEP 01060-970, São Paulo, SP. O pagamento através de cartão de crédito será debitado em sua fatura. Para mudar o endereço de entrega, envie um e-mail para atendimento@abril.com.br ou ligue para (011) 3037-2580, de segunda a sexta-feira, das 8h às 18h. Para mudar o endereço de entrega de uma assinatura internacional, envie um e-mail para assinaturas@abril.com.br ou ligue para (011) 3037-2580, de segunda a sexta-feira, das 8h às 18h. Para mudar o endereço de entrega de uma assinatura nacional, envie um e-mail para assinaturas@abril.com.br ou ligue para (011) 3037-2580, de segunda a sexta-feira, das 8h às 18h. Para mudar o endereço de entrega de uma assinatura internacional, envie um e-mail para assinaturas@abril.com.br ou ligue para (011) 3037-2580, de segunda a sexta-feira, das 8h às 18h.

Central de Atendimento ao Assinante
Grande São Paulo: 3040 2145
Demais localidades: 0800 55 2145

ANER IVC

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Seqüestraram o soul

Kevin Rowland abre uma filial da Stax em Birmingham, Inglaterra

Kevin Rowland ao órgão, cercado de seus batedores: soul rebelde porque o Reino Unido quis assim

Reprodução

Searching For The Young Soul Rebels

Dexys Midnight Runners

O impacto continua o mesmo após 20 anos. Do meio de uma selva de estática radiofônica, que capta fugazmente Deep Purple e Sex Pistols, entre outros, emerge uma voz que clama "Pelo amor de Deus! Queimem isso!". Vem então o batidão carregado por uma seção de metais, *old fashioned*, mas feroz. O vocalista se esgoela: "Eu vou perguntar apenas mais uma vez/ Você só quer acreditar/ Este homem está esperando por algo para seguir a sua onda/ Ele jamais entenderá o significado/ Nunca ouviu falar, nunca pensou sobre/ Oscar Wilde e Brendan Behan/ Sean O'Casey, George Bernard Shaw, Samuel Beckett/ Eugene O'Neill, Edna O'Brien e Lawrence Stern". É como se um bando de punks tivesse pego a Academia Irlandesa de Letras como refém e se entrincheirado na gravadora Stax. São os Dexys Midnight Runners em *Searching For The Young Soul Rebels*, de 1980.

Os DMRs não eram irlandeses (ao contrário dos pais de seu líder, Kevin Rowland, nascido em Wolverhampton, Inglaterra), mas eram realmente tarados por soul. Eram, a princípio, um octeto de Birmingham insatisfeito com os rumos diluidores da tal da new wave: Rowland (vocal e guitarra), Al Archer (guitarra), Pete Saunders (teclados), Steve Spooner (sax alto), Pete Williams (baixo), Bobby Junior (bateria), J.B. (sax tenor) e Jimmy Patterson (trombone). Narrado no encarte do CD – que exclui as maravilhosas letras, presentes no velho LP –, a história de sua formação faz pensar em *Os Commitments*, livro de Roddy Doyle deliciosamente adaptado para o cinema por Alan Parker. A lógica aqui é mais ou menos a mesma de "os irlandeses são os negros da Europa e, portanto, só podem tocar soul". E, meu Deus, como tocam. Certo, é tudo vagamente paródico, aquele bando de branquelos tentando soar como se tivesse as mãos calejadas pelas colheitas de algodão às margens do Mississippi. E, no entanto, se move, funciona, empolga.

Depois de "Burn It Down", a declaração de princípios lá de cima, vem uma sucessão de soulzaços, baladas e blues puxados no órgão Hammond e nos sopros, como a instrumental "The Teams That Meet In Caffs". Prestando-se atenção às letras, tem-se quase a sensação de se estar diante de um, com o perdão da má expressão, álbum conceitual, a girar em torno do sentimento de alheamento, tanto em relação ao vazante movimento punk ("There, There, My Dear", que reclama "se vocês são tão antimoda, por que não usam plumas em vez de se vestirem todos iguais?") quanto ao amor eterno ("Love Part One", devastador poema declamado que conclui "às vezes eu quase invejo a necessidade mas não vejo o valor", sobre um solo de sax). Esse travo crítico jamais exclui a diversão. O grande sucesso do disco foi "Geno", vibrante homenagem ao soulman Geno Washington. "Eu vou me lembrar de seu nome", promete Rowland no verso final da canção. Nós nos lembraremos para sempre de Rowland.

Arthur Dapieve

Performance

Ano de lançamento: 1980
Produção: Pete Wingfield
Músicas: "Burn It Down" • "Tell Me When My Light Turns Green" • "The Teams That Meet In Caffs" • "I'm Just Looking" • "Geno" • "Seven Days Too Long" • "I Couldn't Help If I Tried", "Thankfully Not Living In Yorkshire It Doesn't Apply" • "Keep It" • "Love Part One" • "There, There, My Dear".

Este primeiro álbum dos Dexys só pôde ser lançado depois que o produtor Pete Wingfield pagou o resgate pedido por Kevin Rowland. O cantor queria negociar um contrato melhor com a EMI e seqüestrou as fitas master. As esquisitices de Rowland foram mudando a formação da banda em *Too-Rye-Ay* (1982, do hit "Come On Eileen") e *Don't Stand Me Down* (1985).

501®

Original jeans. Original people.

www.levi.com - Ligue Levi's: (0XX11) 3066-3663

LEVI'S®